

**ELISEU PEREIRA
IRENE GIGLIO PEREIRA**

**TRIBUTO A FRANCIS SCHAEFFER
COMENTÁRIOS SOBRE SUAS PRINCIPAIS OBRAS**

© *Copyright* 2005. Todos os direitos autorais reservados.

ISBN 348541 (Livro 642 – fl. 201)

SUMÁRIO

Tabela de notas	3
Apresentação	5
Notas	10
Uma nota final	83
Apêndices	
Apêndice [A]	89
Apêndice [B]	92
Apêndice [C]	97
Apêndice [D]	100
Apêndice [E]	102
Apêndice [F]	105
Apêndice [G]	108
Apêndice [H]	110
[H.1]	111
[H.2]	114
[H.3]	114
Apêndice [I]	116
Bibliografia	122

Tabela de notas

Nº DA NOTA	TEMA	PÁGINA
1	Introdução geral: marca	11
2	Referência à nota [23]	11
3	Imagem de Deus	11
4	Criação: 3 respostas possíveis	12
5	Criação: resposta cristã	14
6	Amor ao próximo	15
7	Evangelização: Igreja x mundo	16
8	Dilema do homem: queda	18
9	Humanidade: unidade ou divisão	19
10	Pecaminosidade	21
11	Evangelização: amor	22
12	Cristão	23
13	Verdadeiros irmãos	24
14	Nova teologia	24
15	Teologia da Reforma	26
16	Salto de fé x fé bíblica	27
17	Princípio da proteção jurídica	29
18	Qualidade do amor cristão	30
19	Finito x infinito	31
20	Igreja amorosa x sociedade	32
21	Amor: julgamento do mundo	33
22	Referência à nota [50]	35
23	Amor é escolha	35
24	Nota do tradutor	35
25	Unidade: João 17	35
26	Apologética final	36
27	Entusiasmo x apatia	37
28	Epistemologia	38
29	Pensamento moderno	41
30	Linha do desespero: máquina	42
31	Resposta cristã	44
32	Evangelismo:	45
33	Apologética: respostas/perguntas	46
34	Preparação	48
35	Comunicação	49
36	Preconceitos	51
37	Unidade institucional	52
38	Referência à nota [14]	53
39	Igreja invisível	53
40	Unidade posicional /legal	53
41	Unidade prática:	54
42	Amor/santo	54
43	Cura substancial	56
44	Amor: trindade	57
45	Passos	58
46	Submissão mútua	59

47	Perdão	59
48	Queda	60
49	Conhecimento e intimidade de Deus	62
50	Perfeição	63
51	Apologética	64
52	Amor: batalha espiritual	65
53	A importância da unidade cristã	66
54	A natureza das divergências	67
55	Como resolver as divergências	68
56	O amor é prático e não teórico	68
57	Bíblia, palavra de Deus	69
58	Atitude correta para confrontar o irmão	71
59	Santidade x unidade	72
60	A posição da igreja no mundo	72
61	Revelação bíblica	73
62	Panorama religioso e desafio da igreja	75
63	Referência às notas [12], [26] e [51]	78
64	Sobre Evangeline Paterson	78
65	Por que um Lamento no final?	78

APRESENTAÇÃO

Por que um livro comentado de Francis Schaeffer? Qual a relevância destes escritos para os nossos dias? Muita sob todos os aspectos, mas principalmente porque, de tempos em tempos, nós precisamos que alguém nos ajude a entender os rumos do mundo e como a igreja deve se posicionar em seu tempo e espaço de modo a cumprir a plena vontade de Deus.

Observe que, ao nascer, nós ‘herdamos’ uma visão de mundo, uma forma de pensar, uma cultura, um mundo pronto, por assim dizer, e somos formatados em e para aquele contexto cultural ao qual ficamos ‘presos’. Como cidadãos deste mundo neste dado momento histórico, nós não temos a visão inteira ou a isenção ideal de pressupostos para um discernimento correto dos fatos e dos conceitos do ‘agora’, pois sempre partiremos de nossa perspectiva que, naturalmente, é a que conhecemos. De fato, a melhor análise do modo de pensamento tende a ser aquela feita pelas gerações futuras, justamente porque as mudanças ocorrem em uma escala de tempo muito superior ao lapso da vida de um indivíduo. O nosso estilo de vida é sempre natural para nós, por mais estranho que pareça às pessoas de fora, como também nós estranhemos outras culturas, outros estilos de vida. É sempre mais fácil enxergar e analisar o passado, formular hipóteses sobre as civilizações antigas e até julgá-las com base em nossos próprios critérios.

O desafio de Schaeffer é que os cristãos entendam o modo de pensar de sua própria geração, não para se confundirem com ele, mas para o confrontarem com o cristianismo histórico e poderem cumprir efetivamente a Grande Comissão de Jesus Cristo. O desafio é também no sentido de construir sobre o fundamento cristão e legar uma herança saudável às próximas gerações da igreja. Em uma época em que as pessoas são levadas a simplesmente aceitar, a não questionar e a não pensar, Schaeffer nos desafia a inverter este curso para sermos pessoas da Palavra, do pensamento, da reflexão e do discernimento – da vanguarda. Em uma época de relativismo e desconstrução de qualquer conceito de moral e de verdade, ele nos desafia a viver uma vida baseada na moral cristã e nos pressupostos antitéticos da Palavra de Deus.

O Senhor Jesus espera que sua igreja seja capaz de discernir o tempo e viver de forma piedosa em todas as épocas. Ele condenou as cidades galiléias de Corazim e Cafarnaum por não terem reconhecido os sinais nos dias de seu ministério. Ele chorou sobre Jerusalém porque ela não foi capaz de discernir o momento de sua visita. Jesus também reprovou os fariseus porque não eram capazes de discernir os sinais de sua época. O apóstolo Paulo disse que podemos julgar e discernir todas as coisas porque temos a mente de Cristo (cf. 1 Coríntios 2.15, 16). Portanto, nós cristãos temos uma herança superior àquela legada por nossos pais terrenos: temos a Cristo, em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria – não apenas sobre a ‘religião’, mas sobre todas as coisas.

Então, como nós, cristãos brasileiros, da igreja do século XXI, podemos discernir os sinais da nossa época? Como podemos levantar um vôo panorâmico e avaliar a nossa própria cultura, formar um juízo a respeito da nossa geração? A leitura de Schaeffer nos leva a indagar a nós mesmos: estamos preparados para ser sal e luz para a nossa geração? Estamos erguendo os olhos para ver os sinais da colheita na seara do Senhor? Nós sabemos que a sociedade está em crise. Qual é o papel da igreja? As pessoas têm muitas perguntas não respondidas. Nós sabemos quais são essas perguntas? Estamos preparados para oferecer as respostas? Schaeffer nos exorta a ir ao mundo com amor e interesse real pelo indivíduo. Se não conhecermos a mente e o coração das pessoas ao nosso redor, como poderemos anunciar a elas o evangelho de Jesus Cristo?

Estas são algumas das perguntas que estão incomodando muitos cristãos sinceros que não sabem como estabelecer um relacionamento com o mundo de hoje sem se contaminar. Porém, ao se afastarem do mundo em busca de auto-preservação, eles também percebem que, muitas vezes, perdem contato com as pessoas não-cristãs. Este é o desafio da igreja nestes tempos de ‘Laodicéia’. Este livro pretende oferecer algumas respostas e diretrizes para que os cristãos sejam capazes de cumprir a sua missão neste mundo e neste tempo.

O editor do original em inglês diz acertadamente que este livro, *A Marca do Cristão*, concebido inicialmente como um capítulo de outra obra maior, merece

estar em pé de igualdade com as obras que compõem a chamada trilogia, que o próprio Schaeffer dizia ser a obra básica para a compreensão de seu pensamento. Neste livro, Schaeffer coloca a missão cristã em sua perspectiva correta: O amor cristão é a melhor apologética do Evangelho, é a marca pela qual as pessoas reconhecerão os seguidores de Jesus e atestarão a veracidade da mensagem cristã. O propósito desta edição é justamente o de oferecer ao leitor *A Marca do Cristão*, relacionado à trilogia, composta pelos livros: *O Deus que Intervém* (The God Who Is There), *A Morte da Razão* (Escape from Reason) e *O Deus que se Revela* (He Is There and He Is Not Silent).

O primeiro livro, *O Deus que Intervém* (The God Who Is There), contém a tese fundamental do autor sobre as mudanças de pensamento e como os homens abandonaram e transformaram o conceito de verdade, caminhando para o pensamento moderno racionalista e, por fim, demonstrando como este influencia e desafia o cristianismo. O homem moderno diz que não é possível saber objetivamente o que é verdadeiro. Contudo, Schaeffer afirma que o cristianismo não apenas é a melhor resposta, mas a única capaz de resolver os dilemas da cultura moderna. O chamado do autor aqui é para que os cristãos se voltem para a Palavra de Deus e vivam cada aspecto de sua vida com fervor e profundidade.

Em *A Morte da Razão* (Escape from Reason), Schaeffer explica como o homem chegou ao racionalismo, partindo de São Tomás de Aquino até o Renascimento e a Reforma. Enquanto os renascentistas elevaram a razão ao centro do conhecimento, os reformadores reafirmaram a vontade de Deus e a revelação das Escrituras. Estes movimentos seguiram direções opostas no que diz respeito a Deus. Enquanto aqueles viveram com base apenas na razão e nas ciências naturais, os protestantes elevaram a Palavra de Deus de volta ao seu legítimo lugar de autoridade. O chamado de Schaeffer agora é para que nós compreendamos a linguagem e o sistema de pensamento das pessoas a fim de podermos anunciar o evangelho de Jesus Cristo.

No último livro da trilogia, *O Deus que se Revela* (He Is There and He Is Not Silent), o autor apresenta três áreas em que a existência de Deus é absolutamente necessária: (a) metafísica – o problema da existência; (b) moral

– o comportamento moral do homem – e (c) epistemologia – o método de adquirir conhecimento verdadeiro. Schaeffer diz que, quanto à metafísica, se o homem nega a existência de Deus, resta-lhe apenas admitir que é fruto do acaso e não tem sentido além do que é agora. Na área da moral, se o homem parte de uma origem impessoal, seu comportamento moral é apenas resultado de sua cultura, pois não há como fundamentar qualquer noção de certo e errado acima do próprio homem. Quanto à epistemologia, Schaeffer afirma que, ao colocar a razão como critério final de obter a verdade, o homem incorreu no erro de aplicar os métodos científicos racionais a todos os campos, acreditando que podia encontrar respostas para tudo, inclusive para as grandes perguntas filosóficas. O fracasso destas tentativas levou o homem ao desespero e a tal pessimismo que desqualifica toda noção de verdade e de revelação teológica. Nestes tempos, ninguém pode ter certeza de nada e toda escolha é possível. Assim, resta ao homem moderno escolher entre voltar às Escrituras ou aceitar resignadamente a vida como é, mesmo sem compreender o seu sentido de fato, partindo para o outro lado – o do irracionalismo. Infelizmente, segundo Schaeffer, o mundo ocidental optou por este caminho e levou o homem ao fundo do desespero. A resposta para estes dilemas é que Deus existe e se revela ao homem de forma razoável. E mais – o homem pode ter relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo.

As teses de Schaeffer têm dado fundamento para produção de vasto material de estudo por teólogos, apologistas, estudiosos de todo o mundo. Sua obra tem tido um impacto que transcende o seu tempo e seu ministério e, certamente, ainda será uma referência da igreja deste novo século. Esta obra não pretende fazer um compêndio amplo da trilogia de Schaeffer, muito menos discutir e aprofundar o pensamento de Schaeffer, ou elaborar algum estudo meticuloso da apologética do autor. Para isto há teólogos e especialistas no pensamento de Schaeffer. Para quem deseja saber mais sobre os assuntos aqui brevemente abordados (e esperamos que o deseje) há ótima literatura, *sites*, publicações e artigos, embora, infelizmente, não muitos em português (ainda, espera-se).

O objetivo deste livro é oferecer uma síntese das principais idéias e advertências de Schaeffer a fim de ajudar a igreja brasileira, e cada cristão

individualmente, a compreender melhor a sua fé, sua missão, e os dilemas da sociedade deste tempo que se chama HOJE. Este livro oferece uma oportunidade de acesso ao pensamento de um dos mais importantes cristãos que Deus concedeu à igreja no século XX. Ele é apresentado com referências em notas de rodapé, que são tanto expositivas como explicativas das principais teses de Schaeffer, nas quais o leitor poderá compreender a essência das principais idéias do autor. No final do livro, o leitor encontrará Apêndices que poderão oferecer esclarecimentos adicionais sobre alguns pontos mais teóricos. Este livro oferece algumas respostas apropriadas às perguntas e dúvidas de líderes e cristãos que desejam sinceramente servir a Cristo. Os comentários também têm a intenção de fomentar o debate saudável quanto à postura da igreja brasileira em relação às crises do país e as dela própria.

Nossa oração é que o Senhor nosso Deus edifique sua vida e desperte fome e sede de conhecer melhor a Palavra de Deus e de servi-lo fielmente no lugar em que ele o colocou.

Eliseu e Irene

Comentaristas

NOTAS

[1] A tese principal de Schaeffer em *A Marca do Cristão* é o novo mandamento de Jesus Cristo que estabelece o amor como a marca emblemática de seus discípulos, em contraposição a qualquer indumentária ou ritos exteriores praticados e ensinados pelos homens e pelas religiões. Ao dizer que o amor é a marca do cristão, Schaeffer não está querendo dizer que o amor é um sinal ou um broche que o cristão traz na lapela, mas sim a marca que melhor define a atitude e o comportamento dos cristãos. Este mandamento, transmitido aos discípulos nos últimos momentos anteriores à cruz, tem a força de uma máxima do evangelho.

Schaeffer justifica que o amor é a marca do discípulos de Cristo por ser a essência da natureza de Deus e de sua obra redentora. Deus é amor e isto subsiste plenamente sem sofrer alterações no tempo e no espaço. Portanto, sendo o amor um atributo comunicável de Deus, toda a sua criação deve refletir esta marca. A queda narrada na Bíblia provocou a alienação do homem em relação a Deus, a si mesmo e aos seus semelhantes. O novo nascimento é uma obra de Deus na vida do crente, transformando-o em nova criatura (2 Coríntios 5.17; Colossenses 3.10) e restaurando seu relacionamento com Deus. Nesta 'relição' do homem com Deus, seu amor flui continuamente por obra do Espírito Santo em nosso coração (Romanos 5.5). À luz destes fatos, Schaeffer demonstra que a igreja é a portadora do amor de Deus e deve proclamá-lo a toda e qualquer pessoa, em todas as épocas e lugares.

[2] Ver Nota [23] sobre o mandamento de amar.

[3] Uma razão básica porque o amor dos cristãos é a marca incontestável para que os homens reconheçam a veracidade do evangelho é que Deus criou os homens à sua imagem e semelhança e, portanto, todos os homens são capazes de reagir ao amor. A inferência do autor é a seguinte: Deus é amor. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gênesis 1.26). Logo, o homem, por natureza, deseja amor. Independente do que ele diga ou pense de si mesmo, o homem percebe que não é uma mera máquina, que é distinto dos outros seres e busca sentido para a vida. A queda alienou o homem em três aspectos: de Deus, de si mesmo e de seus semelhantes, levando-o a perder o contato vital com o Deus de amor e a sofrer a carência desse relacionamento.

O que significa, então, para o homem, ter a imagem de Deus? A resposta é importante porque faz elucidar parte do dilema do homem e da respectiva solução de Deus veiculada por meio da igreja – daí a razão de ser do novo mandamento. A Bíblia nos leva de volta à origem de tudo: No princípio, um Deus pessoal criou o homem pessoal, um ser moral, não-determinado, não-autômato. Segundo Schaeffer, a criação do homem à imagem e semelhança de Deus é fundamental para compreender a personalidade do homem, o sentido da obra de Cristo e do relacionamento de Deus com o homem (*O Deus que Intervém*, p. 151).

Esta semelhança com Deus tem várias implicações. Como ser criado, o homem deve viver com base no que Deus é, seguindo os padrões de moralidade do caráter de Deus. Como ser não-determinado, o homem é potencialmente capaz de atos de elevada nobreza e ao mesmo tempo de profunda crueldade e perversidade – esta em função da queda. Isto coloca o homem em uma situação delicada diante de Deus, e é também parte de seu dilema.

Quanto mais grave se considerar o estado do homem, maior será a importância atribuída à obra redentora de Cristo, que se fundamenta no amor de Deus pela humanidade. Cristo restaurou todos os efeitos da queda e reconciliou o homem, em primeiro lugar, com Deus, e depois consigo mesmo e com seus semelhantes. Os efeitos da obra de Cristo são em tudo superiores aos efeitos da queda, pois Cristo fez superabundar a graça, onde só havia pecado e desordem (Romanos 5.20). Portanto, é natural que a marca definitiva da pessoa que recebeu o perdão de Deus seja amar a Deus e ao próximo.

[4] Schaeffer situa o fato da criação como um pressuposto fundamental da revelação bíblica. O Deus pessoal infinito existe e se revela ao homem. A criação reflete uma vontade inteligente – portanto, uma pessoa – não acidental, compondo um todo lógico. Em *O Deus que se Revela*, Schaeffer aborda três campos básicos do pensamento filosófico que são a metafísica – a existência; a moral – noção de certo e errado (ver Notas [8] e [9]); e a epistemologia – como saber (ver Nota [28]). Esta nota aborda sucintamente o primeiro campo, referente à origem e existência de todas as coisas. Schaeffer explica que há duas classes de explicação para a questão da origem e existência de todas as

coisas: primeira, a classe que defende que não há explicação lógica, porque o mundo é caótico, irracional e absurdo; segunda, a classe dos que afirmam o contrário, ou seja, a origem das coisas pode ser estudada de forma racional e lógica. Nesta classe, ele defende que as alternativas se resumem a apenas três respostas possíveis: (a) origem do nada absoluto; (b) origem impessoal; e (c) origem pessoal (ver Nota [5]). A primeira alternativa é insustentável, porque não é possível defender racionalmente que todas as coisas que existem provêm do nada absoluto, que Schaeffer chama de 'nada de nada'. Quem defende esta posição não pode partir de massa, energia, movimento ou qualquer coisa antes do nada, pois, por coerência, o nada tem de ser nada.

A segunda alternativa afirma que tudo que existe procede de uma origem material, seja massa, partículas de energia, movimento ou qualquer coisa que se queira nominar, mas sempre impessoal. Segundo Schaeffer, esta explicação implica em reduzir todas as coisas – corpos celestes, animais, vegetais, homens – a uma mesma classe impessoal. O problema de defender a origem do universo a partir de um elemento impessoal é que este não oferece explicações para a complexidade do universo e a personalidade do homem, como também para a unidade e a diversidade. O panteísmo – que ele prefere chamar de *paneverythingism* (pantudismo), porque o sufixo *teísmo* confere uma conotação pessoal à origem impessoal – oferece explicação para a unidade, mas não para a diversidade. O particular não pode dar sentido à diversidade. Se cada indivíduo é apenas um particular no mundo, que sentido ele tem? Nesse caso, diz Schaeffer, o homem fica reduzido a uma casualidade da natureza, impessoal, mais tempo e probabilidade. Schaeffer conclui: “Ninguém jamais demonstrou como o tempo, acrescido de probabilidade, partindo do impessoal, poderia produzir a complexidade do universo, sem falar da personalidade do homem” (*O Deus que se Revela*, p. 47).

Segundo Schaeffer, há um nítido contraste entre o pensamento moderno e o dilema do homem. O homem moderno, ao rejeitar a idéia de uma origem pessoal, vive sem esperança e sem propósito, sentindo-se um zero à esquerda. Sem uma origem pessoal, o homem é obrigado a partir de si mesmo para construir conhecimento e sentido. Porém, como o próprio Sartre admitiu “nenhum ponto finito faz qualquer sentido se não tiver um ponto de referência

infinito” (*O Deus que se Revela*, p. 40). Sem Deus, o homem não tem referência suficientemente grande para lhe dar sentido. A essência do pensamento moderno, que se difundiu pelos campos de conhecimento, inclusive o da teologia moderna, não responde à pergunta inquietante no coração do homem “quem sou eu?”, nem tampouco contribui para formar uma noção clara de sua identidade e propósito da vida. Segundo o pensamento moderno, o homem é nada mais que um acidente da natureza – mais tempo e acaso – e todo o seu dilema se resume a nada, ou seja, o homem deve se conformar a sua impessoalidade (*O Deus que se Revela*, p. 61). Schaeffer argumenta que não é possível uma fonte privada de personalidade criar uma personalidade. Nenhum sistema de pensamento explicou até hoje a origem da personalidade e a formação da vida. Por mais que retroaja no tempo, a teoria evolucionista não resolve a transposição de matéria para ser vivo e, em havendo vida, a origem da personalidade humana. A consequência lógica desta teoria, então, é que o homem deu-se por acaso, é apenas um animal evoluído espontaneamente e, portanto, todos os seus atributos humanos não significam nada. Schaeffer diz que não há resposta para o dilema do homem fora do cristianismo. Não é que a Bíblia tenha a melhor resposta – ela tem a única resposta possível (*O Deus que se Revela*, p. 55). Enquanto o homem não conhece ou aceita esta resposta, ele vive em estado de tensão constante (*O Deus que Intervém*, p. 138). (Ver Nota [5], a resposta cristã para a origem de tudo que existe a partir da origem pessoal.)

[5] A terceira alternativa é a resposta apresentada e defendida pelo cristianismo ao problema da existência. A Bíblia afirma que todas as coisas que existem têm origem em uma pessoa, Deus – exatamente o contrário da segunda alternativa. Esta resposta é a única que pode explicar a complexidade do universo, a diversidade e a unidade, como também a personalidade do homem. Segundo esta resposta, o universo é complexo porque procede de uma mesma mente – a mente de um Deus pessoal. Havendo Deus pessoal, a personalidade do homem tem sentido, porque então o homem está diretamente relacionado ao que sempre existiu – Deus. Somente uma personalidade original pode explicar a personalidade humana. Qualquer outra hipótese reduz

o homem ao impessoal, acrescido de complexidade, com todas as implicações desta afirmação.

Porém quando se admite a necessidade de pessoalidade na origem de todas as coisas, incorre-se no seguinte problema: Deus ou deuses? Para Schaeffer é muito importante elucidar esta questão. Segundo ele, o problema enfrentado por quem defende a hipótese de deuses é que estes sempre se apresentam muito limitados e não são grandes o suficiente para estarem na origem primeira. Para ser Deus criador, é necessário ser (a) pessoal e infinito e (b) apresentar unidade e diversidade. Somente um Deus pessoal e infinito, Absoluto sobre tudo e todos, é suficiente para dar sentido à existência. Em segundo lugar, o Deus Criador é o Deus triúno, o que permite à Bíblia explicar a unidade e a diversidade. Esta é a única resposta satisfatória: o Deus pessoal e infinito, que é unidade e diversidade pessoal na elevada ordem da Trindade. (Para mais explicações sobre infinitude, ver Nota [19]. Para mais explicações sobre unidade e diversidade, ver Nota [44]).

Somente o sistema cristão é válido porque apresenta respostas satisfatórias às necessidades básicas do homem. Segundo o cristianismo, a personalidade tem sentido porque não surgiu por acaso, mas vem do próprio Deus, que sempre existiu (*O Deus que Intervém*, p. 235). Se o homem admitir como verdadeira a afirmação de que ele foi criado por Deus, terá base para considerar a si mesmo, não como produto do acaso, mas como parte do plano de Deus. E somente após acertar seu relacionamento com Deus, o homem recuperará o sentido de sua vida e a capacidade de se relacionar com seus semelhantes.

[6] O autor amplia o conceito do amor como a marca distintiva do cristão: amor entre os irmãos mas também amor para com o próximo, seja ele quem for. Em suas obras, Schaeffer enfatiza que o primeiro fruto do amor é a reconciliação com Deus e que, a partir de um coração regenerado, o amor se manifesta em direção aos irmãos e ao próximo. Se a pedra de toque do cristão fosse apenas o “amai-vos uns aos outros”, eles seriam semelhantes aos fariseus religiosos, pois “se amardes os que vos amam, que recompensa tendes?” (ver Mateus 5.46-48). É o que diz também o apóstolo João com seu estilo simples e direto: “Todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.” (1 João 4.7-8). Neste sentido, o

amor entre os irmãos é presumível na igreja, pois negá-lo seria negar a própria fé (1 Timóteo 5.8), ou como diz João “se alguém diz que ama a Deus e não ama a seus irmãos é mentiroso” (1 João 4.20). Mas a comissão cristã inclui amar o próximo como a si mesmo.

Quem é seu próximo? A resposta de Jesus a esta questão na parábola do samaritano nos faz entender que nosso próximo é: o ser humano que está diante de você, os da sua família, aqueles com quem você trabalha ou estuda, que passam por você na rua ou no trânsito, seu professor, seu empregado, o sujeito do balcão, o bêbado na calçada, o menino de rua no sinal, seu chefe, as pessoas que lhe fazem sofrer, todos eles carregam a imagem de Deus e são objetos de seu amor. Amar os seus iguais, as pessoas de seu nível, pode ser natural, mas quem é suficiente para amar o próximo, mesmo que ele seja seu inimigo, e abençoar os que o maldizem? Mas quem disse que é possível viver a vida cristã na nossa própria força ou com as nossas virtudes humanas? Para cumprir a missão de Cristo é necessário permanecer em Cristo, permitir que seu amor flua continuamente em nosso coração, por meio do Espírito Santo (João 7-37-39; Romanos 5.5), e deixar ele ser formado em nós, pois, como Paulo nos ensinou, a vida cristã é Cristo (Gálatas 2.20, Filipenses 1.21).

Conclui-se que a ausência de amor na comunidade cristã e no relacionamento do cristão com o mundo é anormal e deve ser analisada seriamente. O amor é o fundamento do testemunho cristão e do reconhecimento por parte do mundo de que a igreja é o corpo de Cristo.

[7] Schaeffer diz que os cristãos perdem muitas oportunidades de evangelização por desconhecerem a natureza do dilema humano. Muitas vezes, a igreja tem desprezado a filosofia e condenado tudo que diz respeito ao intelecto. Porém, como todo ser humano tem sua visão de mundo, toda pessoa é, em certo sentido, um filósofo (*O Deus que se Revela*, p. 42). Quem são os ‘filósofos’ e os ‘gurus’ que fazem a cabeça da nossa geração? Artistas como Raul Seixas, Cazusa, Renato Russo e outros são exemplos de idealistas que clamam, a seu modo, por paz, por uma nova sociedade, mas lutam no vácuo sem qualquer chance de realizar seus ideais, porque partem do início errado. Desprezar a filosofia do indivíduo é um erro que resulta na perda de contato dos cristãos com o mundo ao seu redor. (Ver Nota [32]). Schaeffer diz que

problema não é que os cristãos não saibam as respostas; o que eles desconhecem são as perguntas. Devemos ter em mente que o cristianismo responde às questões incontornáveis da filosofia propriamente dita, porque a verdade revelada na Bíblia diz respeito a tudo que existe, e não apenas ao campo religioso ou a seus dogmas (ver Nota [57]). Assim, exorta Schaeffer, a igreja tem o que comunicar ao mundo e o mundo poderá entender esta mensagem, porque a Palavra de Deus tem resposta para os problemas reais do ser humano.

Se os cristãos têm as respostas, diz Schaeffer, por que falar destas grandes verdades de forma que ninguém entende? “É preciso pregar o Evangelho simples, de forma que seja simples para a pessoa com quem você está falando, ou ele não será simples de forma alguma” (*O Deus que se Revela*, p. 50). Ele diz que o cristão deve estar preparado para resistir ao espírito do mundo, “na forma que estiver se manifestando em sua própria geração” – pois “o espírito da época nem sempre assume a mesma forma” –, senão “não estará resistindo ao espírito do mundo de forma alguma” (*O Deus que Intervém*, p. 29). Segundo ele, se nós não entendermos as mudanças ocorridas no nosso mundo, estaremos falando para nós mesmos (idem). É necessário, portanto, discernir, em nível mais profundo, a formação histórica e a engrenagem social, política, cultural e religiosa do país e como estes componentes influenciam e transformam o comportamento da sociedade brasileira.

Schaeffer lembra que, à medida que o racionalismo se disseminou pelos campos de conhecimento, os cristãos foram se retirando de cena e adotando uma posição de defesa. Agora, é necessário que a igreja saia dos bastidores e recupere sua posição histórica de referência da sociedade, para atuar na linha de frente, marcando presença nas questões em pauta, buscando compreender a crise da sociedade brasileira. Em matéria de discernimento, os cristãos podem e devem estar à frente de seu tempo, pois não temos “recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito de Deus,” por meio do qual podemos conhecer a vontade de Deus e julgar bem todas as coisas (cf. 1 Coríntios 2.10-16). A igreja foi designada para ocupar um lugar de destaque no mundo. Jesus delegou esta responsabilidade à igreja quando afirmou que nós somos a luz do

mundo, e a luz deve estar em posição de destaque e não escondida (Mateus 5.14-16). Assim, é responsabilidade da igreja discernir as estratégias do ‘deus deste século’ e enfrentá-lo no ponto em que ele está cegando o entendimento dos incrédulos (2 Coríntios 4.4) em seu próprio tempo.

[8] A partir deste ponto, Schaeffer apresenta dois aspectos que devemos considerar quanto à relação da igreja com o mundo: de um ponto de vista a igreja é distinta do mundo, isto é, ela é composta por aqueles que aceitaram a solução de Deus, em contraposição àqueles que se mantêm rebeldes contra o seu Criador; de outro ponto de vista, porém, todos os homens têm a mesma origem e a mesma bagagem humana e moral (ver Nota [9]). Em primeiro lugar, vejamos os pensamentos do autor sobre o estado dos que se mantêm rebeldes em relação a Deus, servindo-nos da exposição que ele faz da questão moral da alienação e do dilema do homem.

O homem foi criado por um Deus pessoal e infinito como um ser pessoal, porém finito. Como ser criado à imagem de Deus, o homem é também um ser moral, o que reflete diretamente a natureza do dilema do homem. No livro *O Deus que se Revela* (p. 59 e ss), Schaeffer apresenta o dilema do homem em dois aspectos: (1) o homem é ao mesmo tempo pessoal e finito (ver Nota [19]); de um lado, ele não pode servir de parâmetro suficiente da sua própria realidade; mas de outro lado, o homem se distingue do não-humano, do impessoal. Este dilema demonstra que o homem é pequeno demais porque é finito e é grande demais para ser impessoal, o que o coloca como que suspenso entre a finitude e a singularidade de ser humano; (2) outro aspecto do dilema é a nobreza – ou ‘hombridade’ – do homem em contraste com sua crueldade. O homem é, ao mesmo tempo, valioso mas também capaz de cometer atos cruéis, o que, segundo o autor, pode ser expresso em termos modernos como “a alienação do homem de si mesmo e de todos os demais seres humanos” (p. 41). (Para mais explicações sobre o dilema do homem moderno e a solução de Deus, ver Apêndices [F] e [G].)

Conforme já exposto na Nota [4], há apenas três respostas possíveis para explicar a origem de todas as coisas. Desconsiderando a hipótese do nada absoluto, e tomando-se a alternativa da origem impessoal, é forçoso admitir que não existe algo como moral, pois será sempre impossível estabelecer

definitivamente a diferença entre certo e errado, uma vez que estas palavras não têm nenhum sentido. Neste caso, restarão apenas os parâmetros dos costumes prevaletentes na sociedade, ou seja, a 'moral' – se houver alguma – será ditada pela média do que é aceito ou rejeitado pela maioria em um determinado grupo social. Quem ou o que, em última instância, pode estabelecer o que é certo ou errado? O Governo, as leis, a elite social, a igreja, a mídia? Falta um universal-absoluto. Se admitirmos qualquer outra hipótese que não o universal-absoluto, será imperioso concluir que o dilema do homem não se situa no campo da moral, pois nem sequer é possível afirmar que existe tal coisa. Os que defendem esta idéia, dizem que o problema do homem é que ele se desalinhou, ou se 'desviou', do universo desenvolvendo emoções e senso moral para os quais não há sentido real. Eles dizem que, a partir desta emancipação, o homem passou a se julgar superior aos demais seres e não aceita sua impessoalidade. Este é o problema básico do homem, segundo o panteísmo oriental e o pós-modernismo pluralista ocidental (Ver Apêndice [I] sobre modernismo e pós-modernismo). O problema é que o homem não consegue ver a si mesmo como máquina, desprovido de características pessoais e, mesmo não sabendo exatamente porque, ele busca significado.

A hipótese de origem impessoal agrava a alienação do homem, uma vez que não lhe atribui valor moral, nem padrões de certo e errado para orientar suas ações. Uma vez que não há absolutos, não há como julgar se algo é certo ou errado (*O Deus que Intervém*, p. 40). O fato, porém, é que todos os homens, de todas as épocas e lugares, têm senso moral, e agem com base em um sistema de juízo sobre o certo e errado. Sempre que se parte do impessoal, o que se verifica é que o homem não aceita sua impessoalidade. Esta experiência humana é suficiente para derrubar as teorias deterministas e comportamentalistas. O cristianismo, por sua vez, parte da pessoalidade (ver Nota [9]) e assim é o único sistema que consegue explicar a dilema do homem no que diz respeito a sua culpa moral verdadeira. A Bíblia não nega a situação conflituosa do homem, mas também lhe apresenta a solução de Deus em Cristo Jesus.

[9] Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer diz que, embora haja duas classes de seres humanos – os que aceitaram e os que não aceitaram a solução de Deus

–, isto não deve servir para que os cristãos se tornem “insensíveis” ao fato de que todos os homens foram criados por Deus à sua imagem e semelhança e, portanto, têm uma origem comum, são da mesma natureza e pertencem à mesma raça – é nosso semelhante. O valor real do ser humano provém da criação. Portanto, antes de o pecado dividir a humanidade, há uma origem compartilhada por toda a raça: todos os homens carregam a imagem de Deus. Este é o conceito que fundamenta o valor de todo ser humano, independente de haver aceitado ou não a solução de Deus.

Posto isto, vamos analisar a resposta cristã para o problema moral do homem. Quando a Bíblia diz que Deus criou os homens à sua imagem e semelhança, ela quer dizer que o homem é um ser moral, dotado de juízo quanto ao que é certo e errado e capaz de fazer escolhas. Isto só é possível quando se admite que há um Deus pessoal infinito, cujo caráter é santo e perfeito, em quem não há treva nenhuma (1 João 1.5). Ser moral, então, significa viver de acordo com o caráter de Deus. Porém, logo que se estabelece este fato, imediatamente incorre-se em um problema: Como explicar a crueldade dos seres humanos? Novamente Schaeffer apresenta duas respostas possíveis: (a) o homem é cruel como sempre foi, de modo intrínseco, como diz o pensamento moderno; ou (b) o homem sofreu uma mudança, como afirma o cristianismo.

A primeira alternativa leva à conclusão errônea que, se Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e o homem é cruel, logo Deus também é cruel. Schaeffer diz que os cristãos não podem simplesmente afirmar que o homem é mau, mas Deus é bom e ponto final, pois isto seria irracional – o que não faz justiça ao cristianismo histórico. Outro problema é que se o homem é mau como sempre foi, logo não há esperança de regeneração da humanidade. Por outro lado, se foi Deus ou um fator externo que mudou o homem, permanece o problema de que Deus é mau ou que o homem não é moralmente responsável. Porém, a resposta cristã novamente demonstra coerência ao apontar para uma mudança moral que o homem causou a si mesmo, no tempo e no espaço, indicando que o estado moral do homem está em descontinuidade com o estado original – a Queda [ver Nota [20]]. Assim, a Bíblia pode afirmar que Deus é bom e perfeito em essência, e que o homem se tornou cruel por sua

própria vontade e responsabilidade. Conclui-se que o homem é um ser moral e por isto sofre as conseqüências de seus atos.

[10] Uma vez estabelecida a origem comum do ser humano, Schaeffer diz que é necessário definir corretamente o que significa 'ser humano', pois se tem formado o hábito de empregar a palavra 'humano' como sinônimo de pecaminoso. Nesta concepção, os cristãos são chamados para não serem 'humanos'. Porém, no sentido mais estrito, de apresentar os atributos da natureza humana, os cristãos são chamados a serem exemplos vivos das mais nobres características humanas, conforme a imagem de seu Criador, como eram antes da queda. Ele afirma que os cristãos devem ser as pessoas mais 'humanas' da sociedade, o que é um bom começo em uma época de "desumanidade, impessoalidade e massificação" (*O Deus que Intervém*, p. 239). O autor adverte que, se queremos testemunhar de um Deus pessoal devemos exibir relacionamentos pessoais verdadeiros e valorizar o ser humano. Se, ao contrário, agimos como 'soldadinhos de chumbo' legalistas, na prática, estaremos negando a existência de Deus para o mundo que nos observa.

Schaeffer observa que, muitas vezes, no intuito de enfatizar a pecaminosidade do ser humano, os cristãos têm incorrido no grave erro de sugerir que o homem é nada, "um zero à esquerda" (*O Deus que se Revela*, p. 41). Esta ênfase reduz o estado do homem a uma posição inferior à afirmada na Bíblia: o homem é um ser valioso, pois carrega em si a imagem de Deus. Embora a imagem e semelhança com Deus tenham sido desvirtuadas pelo pecado, o homem tem valor em função de sua origem, tem personalidade que o torna único em toda a criação.

O homem moderno vive sob uma tensão constante, porque não consegue ver sentido e valor em si mesmo, e não encontra respostas para seu dilema. Mas se os cristãos apresentarem o cristianismo a partir da origem e valor da personalidade, então tudo passa a ter sentido. Qualquer pessoa pode compreender a mensagem cristã, pois nenhuma pessoa está alienada de tudo que existe. Por esta razão, quando enfocamos apenas a condição do homem culpado sob a ira de Deus, nós aumentamos a distância entre os cristãos e os

“rebeldes” e isso não reflete o amor de Deus (ver abordagem de Paulo em 2 Coríntios 5.18-6.2).

A Bíblia não nega o fato de que a rebelião dos homens os separa de Deus, mas alerta a igreja a demonstrar amor para com todos os homens, conforme o amor de Deus. Jesus nos diz que o amor de Deus contempla a todos os homens. Ele conclui o Sermão do Monte dizendo: “...sede vós perfeitos como perfeito é vosso Pai celeste”. A perfeição do amor de Deus está justamente na coexistência da santidade com a misericórdia (Salmos 85.10) e é este o amor que a igreja deve demonstrar ao mundo.

[11] O cristão deve começar sua tarefa de proclamar a solução de Deus pelo amor, procurando comunicar-se com o homem total e não apenas com sua alma, tentando levá-la ao céu. Mesmo que o pecador esteja perdido e alienado, ele é capaz de reagir ao amor verdadeiro – e o amor verdadeiro é colocar-se à mercê da pessoa para quem estamos testemunhando. Schaeffer diz que o cristão é “chamado para amar a Deus com todo o seu coração, alma e mente, e depois [é] chamado a amar [o seu] próximo como a [si] mesmo: cada pessoa envolvida no círculo adequado e no relacionamento apropriado” (*O Deus que Intervém*, p. 239). O chamado do cristão, então, consiste principalmente em amar o próximo com a mesma preocupação genuína que tem consigo mesmo, não apenas por senso de dever ou pressão de seu grupo, antes, servindo-se de cada relacionamento para exibir o amor de Deus em obediência a Cristo.

Nós cristãos corremos o risco de rejeitar o contato com o mundo a pretexto de preservarmos nossa doutrina pura, como também de irmos ao mundo e ‘ficarmos por lá mesmo’. Nosso desafio é preservar a sã doutrina e também ir ao mundo e testemunhar do amor de Deus. A igreja brasileira faria bem em perguntar a si mesma: Como o espírito do mundo está agindo no Brasil, ou em tal estado, ou tal cidade? Qual o panorama religioso deste lugar em nossos dias? O que Deus busca encontrar na nossa igreja para manifestar graça e poder de tal modo a causar impacto na sociedade? Qual é o nosso desafio como igreja neste país, neste tempo? Não bastam respostas genéricas e evasivas. Não bastam discussões acadêmicas ou bairristas que, nas palavras de Paulo, “para nada aproveitam” (2 Timóteo 2.14; Tito 3.9). A igreja não deve transigir com a teologia pós-moderna que se orienta pela ênfase no bem-estar.

A igreja não é um mercado de consumo, não é um show de televisão. Sua missão não é prover entretenimento para as pessoas, muito menos ser um clube de amenidades. A igreja não é a versão evangélica dos costumes e práticas mundanos. Por outro lado, não é suficiente que a igreja se ocupe apenas dos problemas mais dramáticos, como campanhas de cura, exorcismo ou de prosperidade. Não basta dar nome a ‘demônios da região’ e ‘amarrá-los’. Aliás, nós deveríamos nos perguntar até que ponto não é uma estratégia do inimigo manter a igreja distraída ou ocupada com questões pontuais, mas que não atendem a vontade de Deus para tal lugar em determinado tempo, segundo a orientação do Espírito Santo. Estes ministérios podem ser legítimos e válidos, mas não cumprem a missão integral da igreja. A igreja deve ter em mente a comissão de Jesus como apresentada especialmente em Mateus 28.18-20, Marcos 16.15-18, Lucas 4.18 em união com Atos 1.8 e outros: ir a todo mundo, proclamar o evangelho da cruz de Cristo e apontar o caminho do discipulado. A igreja também é agência de Deus para quebrar as estruturas demoníacas que aprisionam as pessoas sob o pecado e testemunhar do reino de Deus perante todos os homens, tudo isto na dependência do Espírito Santo. A questão é como a igreja deve se preparar e cumprir esta missão ‘aqui’ e ‘agora’.

[12] Em Antioquia, os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez, fato registrado expressamente no livro de Atos 11.26, em razão da semelhança com o Cristo que anunciavam. Se por escárnio ou por admiração, o fato é que a palavra ‘cristão’ está, desde o início, relacionada à semelhança com Cristo. O testemunho da igreja em Antioquia é uma boa ilustração do amor dentro e fora da igreja, o que se comprova pelo grande crescimento no número de convertidos.

Com base na relação palavra-idéia, Schaeffer procura resgatar o conceito original da palavra *cristão*. Ele explica que este termo contém duas idéias importantes: a primeira se refere a um ato de confissão de Cristo como Salvador pessoal; a segunda, decorrente da anterior, se refere a um processo, a vivência cristã. A salvação não é apenas individual, mas se evidencia por meio da vida cristã e dos relacionamentos coletivos dos irmãos (*O Deus que*

Intervém, p. 228). A idéia central, portanto, é que o amor é a marca do cristão porque dá testemunho eficaz da obra de Cristo.

Os cristãos são chamados a demonstrar ao mundo uma “cura substancial” dos conflitos, individual e coletiva, como fruto da obra da regeneração, demonstrando que o evangelho não é teoria, mas realidade (ver Nota [26]). Os cristãos não têm a obrigação de serem perfeitos, no sentido de ausência total de erros, mas devem apresentar uma vida substancial. Schaeffer diz que a “apologética final”, a par da apresentação racional e lógica da fé, é “*aquilo que o mundo observa* no cristão individual e nos nossos relacionamentos como grupo” (*O Deus que Intervém*, p. 230 – itálico do autor). Segundo ele, o mundo tem o direito de ver Cristo na igreja, notadamente na expressão do amor a Deus e ao próximo, sejam eles cristãos ou não.

[13] O mandamento de amar incondicionalmente os irmãos – como Cristo amou a igreja – não nos desobriga de discernir o corpo de Cristo. Paulo adverte os cristãos coríntios a não terem comunhão com os impuros, para em seguida explicar claramente: “Refiro-me com isto não propriamente aos impuros deste mundo... pois neste caso teríeis de sair do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal nem ainda comais” (1 Coríntios 5.10-11). Assim, o amor a ser exibido ao mundo, não é outro senão o amor de Deus, um amor constante, firme e coerente com a sua santidade. Por isso, Schaeffer diz que a igreja deve, na dependência do Espírito Santo, exibir o amor e a santidade de Deus, pois apenas este amor causará impacto no mundo.

[14] Quando Schaeffer diz que os teólogos liberais e humanistas possuem apenas o rótulo de cristãos e não devem ser considerados verdadeiros, ele está estabelecendo uma clara distinção entre os ensinamentos da teologia da Reforma e da nova teologia. Schaeffer diz que é importante contrapor a Reforma e o Renascimento, uma vez que ambos os eventos ocorreram no mesmo momento histórico – o século XVI. Os reformadores são um contraponto aos renascentistas no sentido de que lidam com os mesmos problemas, mas seguem por um caminho totalmente diferente, de resgatar e

reafirmar as verdades bíblicas, rejeitando tanto o humanismo católico como o neoplatonismo renascentista.

A chamada nova teologia ou teologia liberal descende diretamente do existencialismo. Enquanto Kierkegaard é considerado o mentor do existencialismo secular e religioso, Karl Barth foi o teólogo que abriu a porta de acesso do existencialismo à teologia. Schaeffer rebateu firmemente a teologia liberal e humanista, como sendo distorcida em conceitos fundamentais do cristianismo. Em *O Deus que Intervém*, ele critica duramente o teólogo Karl Barth, por não haver declarado a mudança de posição que alguns afirmam que ele experimentou no final da vida (p. 127, ver Nota p. 286).

A nova teologia afirma que não é possível ao homem usar sua razão para crer na Bíblia. Barth cria que a Bíblia contém muitos erros históricos, mas isto não tinha importância significativa, e os homens deviam crer nela mesmo assim, pelo valor religioso. O homem nada pode fazer no tocante à sua busca racional de Deus, necessitando, por isto, dar um 'salto de fé'. Segundo Schaeffer, isso relega o homem a uma condição inferior à da queda. Na nova teologia, a fé é alienada da razão e a linguagem utilizada é conotativa, pois seus termos são destituídos de significado real. Um exemplo disso é o significado que os teólogos liberais dão à expressão "ação salvífica de Deus na história", não querendo dizer com isto que Deus entrou literalmente em nosso mundo espaço-temporal com o fim de efetuar a salvação do homem, mas que "Deus está, de alguma forma, salvando ou redimindo *toda a história*" (*O Deus que Intervém*, p. 128, *itálico do autor*).

Pode-se resumir o conceito básico da nova teologia como a rejeição do cristianismo histórico e das Escrituras. Os registros bíblicos são encarados como uma expressão cultural deficiente daquela época, não tendo, necessariamente, relação com a realidade do que, de fato, ocorreu. A expressão que melhor representa a nova teologia é "Deus está morto", querendo dizer de fato que ele nunca existiu. Outra expressão típica desta época é de Julian Huxley, que dizia que não existe Deus, mas que os homens deveriam viver como se ele existisse, pois lhes faria bem (*A Morte da Razão*, p. 67). Os teólogos liberais falam em Jesus, mas apenas como um 'homem para os outros'. O Deus pessoal está morto e todo conhecimento em relação a ele

está morto. O homem é meramente uma máquina. Embora tal teologia tenha tido seus desdobramentos e sofrido mudanças e alterações no decorrer dos anos e, possivelmente, se apresente de maneira diferenciada nos dias de hoje, na concepção de Schaeffer, tais teólogos ainda controlam grandes denominações, não apenas no meio católico, mas também no protestante, manipulando o que ele chama de “misticismo semântico”, usando termos religiosos indefinidos, totalmente privados de conteúdo, sem qualquer relação com o cristianismo histórico. (Para mais explicações sobre Cristianismo Histórico e Nova Teologia, ver Apêndices [D] e [E].)

[15] Os reformadores criam que o homem está caído e nada pode fazer para salvar a si mesmo, mas, por meio da razão, ele pode examinar as Escrituras e encontrar algo além de uma verdade religiosa, a verdade que abrange todo o Universo e a história. Ao contrário desta teologia liberal, os reformadores criam que Deus criou o homem e que o homem havia sofrido uma queda total, não apenas moral. Somente Deus é autônomo; todos os homens caíram – e caíram totalmente: vontade, intelecto e emoções. Esta verdade foi fundamental para o estabelecimento da Bíblia como única fonte de revelação, pois não há nada autônomo – livre de pecado – que possa estabelecer a autoridade final, a não ser Deus. Portanto, somente a Bíblia é a fonte de autoridade, e não a Bíblia e mais alguma coisa. Somente por meio da Palavra de Deus podemos ter compreensão correta da revelação de Deus em Cristo. A Reforma resgatou verdades bíblicas fundamentais: (a) a Bíblia revela sobre Deus e (b) sobre o homem e a natureza; e (c) Deus falou ao homem por meio das Escrituras.

Quanto a Deus, a Bíblia diz que ele é pessoal e infinito, que criou todas as coisas. Esse é o Deus que existe. Schaeffer diz que os deuses do oriente são definidos como infinitos no sentido de que englobam tudo em si, mas não são pessoais. Os deuses ocidentais são pessoais, mas são muito limitados. Somente o sistema cristão apresenta o Deus pessoal e infinito. Deus criou todas as coisas a partir do nada. Somente ele é infinito e tudo o mais é finito. Do ponto de vista da infinitude, o homem está separado de Deus como todos os outros seres e coisas criadas, mas do ponto da pessoalidade, a divisa está em outro ponto, pois o homem também é pessoal (ver Nota [19]).

Quanto ao homem, a Bíblia afirma claramente que foi criado por Deus, à sua imagem e semelhança, sendo precisamente esta a origem de seu valor. O homem não é alguém programado e determinado, mas é um ser livre, embora não autônomo. Deus não atribuiu valor ao homem indiscriminadamente, pois não seria coerente com seu caráter. Ele considera o homem valioso porque ele próprio atribuiu ao homem sua imagem e semelhança. Portanto, o homem não tem valor por ser cristão, primeiramente, mas por ser criatura de Deus. Sem esta base, é difícil a sociedade afirmar a dignidade do homem. Schaeffer diz que aprendeu por experiência própria que jamais poderemos tratar as pessoas como seres humanos se não levarmos em conta sua origem verdadeira – seres criados segundo a imagem e semelhança de Deus.

Mas a Bíblia também esclarece a raiz do dilema do homem: porque alguém maravilhoso pode ser tão cruel? A Palavra de Deus diz que em um dado momento histórico-temporal o homem caiu em pecado e separou-se de seu Criador e é verdadeiramente culpado diante de Deus. Porém, mesmo assim, os reformadores criam que o homem ainda tem valor de origem e de forma alguma se transformou em um 'nada' por causa do pecado. Os homens são culpados e condenados à morte eterna, mas mesmo assim são os homens criados por Deus e têm valor. A Reforma, então, resgata a verdade sobre o homem como alguém digno, nobre, não-programado, embora rebelado contra Deus e, portanto, realmente culpado. Deus criou o homem todo e está interessado no homem todo. A queda também atingiu o homem todo e sua culpa é real, e a obra de Cristo redime o homem todo (Hebreus 9.25). No futuro, o homem será restaurado por inteiro. Ao resgatar a verdade sobre o homem, os reformadores colocaram a obra da cruz de Cristo em sua real perspectiva. Deus é o soberano absoluto e a Bíblia é a Palavra de Deus, a única autoridade de revelação ao homem.

[16] Schaeffer defende que a fé cristã é racional e não uma espécie de 'salto no escuro', como disse Kierkegaard. Em *O Deus que se Revela*, ele usa a ilustração de um montanhista que eventualmente se perdeu nos Alpes, para apresentar duas acepções distintas para a palavra fé: (a) no primeiro caso, o guia diz ao montanhista que se ele tropeçar e cair no penhasco, ele poderia sobreviver até pela manhã. Com base nesta informação o montanhista se atira

do penhasco. Este é primeiro conceito de fé, totalmente desprovido de razão e de fundamentação. “Algo é assim porque é. Aceite.” O autor diz que esta não é a fé bíblica. É apenas uma versão religiosa de ‘salto de fé’ existencialista; (b) no segundo caso, o montanhista ouve uma voz lhe dizer que conhece perfeitamente o local, pois vive ali há mais de 60 anos. Ele não vê quem está falando, mas a pessoa diz que pode ver o montanhista e que há um abrigo 10 metros abaixo, que ele pode descer até lá em segurança e será salvo pela manhã. Schaeffer diz que ele faria todas as perguntas que conseguisse a fim de se certificar se a pessoa é confiável: Quem está falando? Quão confiável ele é? Estas respostas me convencem? Se convencido, então ele desceria até o local indicado a fim de salvar a vida. Este segundo conceito define a fé cristã, que permite a análise racional e investigativa de fatos e fundamentos próprios. Um Deus pessoal que tomou a iniciativa de se relacionar com o homem criado à sua própria imagem e semelhança. Que sentido faria, se o Deus que criou o homem exigisse que ele se anulasse a fim de poder se relacionar com seu Criador? O homem pode fazer perguntas ao Criador e acreditar em suas respostas. Definitivamente, a fé cristã não envolve salto no escuro, pois ela tem um objeto firme. Não é fé na fé, mas fé em uma Pessoa – Deus. Ele existe e não está em silêncio. Ele fala com o homem de diversas formas. A fé cristã leva à realidade da existência de Deus e da culpa moral verdadeira do homem. A Bíblia apresenta o conteúdo que sustenta a fé cristã: a pessoa de Deus e sua obra salvadora em Cristo. Schaeffer diz “*o verdadeiro fundamento da fé não se encontra na fé por si mesma, mas na obra completa de Cristo na cruz*” (*O Deus que Intervém*, p. 205 – grifo do autor).

Schaeffer diz que a leitura da Bíblia é fundamental para o homem chegar à revelação de Deus. Ele diz que a Bíblia ensina de duas formas: (a) a Bíblia fala assertivamente sobre coisas, fatos e princípios e também (b) ensina sobre a maneira como Deus age no mundo. Schaeffer diz que a Bíblia nos leva à comunhão com Deus, mas também nos permite construir uma mentalidade correta e equilibrada a respeito das coisas, do universo e de nós mesmos. Por meio da Bíblia, nós podemos compreender o que Schaeffer chama de ‘coerência da criação’ (*O Deus que se Revela*, p. 118). Deus criou o mundo e intervém no mundo de modo a confirmar o que ele disse. Este conhecimento

de Deus nos dá segurança e paz. O pensamento moderno nos pressiona por todos os meios, assumindo uma forma absolutista a ponto de não mais admitir questionamentos. Somente o conhecimento firme da Palavra de Deus poderá nos ajudar a resistir a sedução e a pressão do pensamento moderno humanista. Deus não está contando histórias, mas está falando do que é, de tudo que existe, de toda ciência. Isto não quer dizer que podemos desprezar o conhecimento científico. A Bíblia é verdadeira e fidedigna, mas não exaustiva, mesmo porque nós somos finitos e jamais poderíamos receber uma revelação exaustiva de Deus e de tudo que existe. O fato de Deus haver revelado sobre o universo, não torna o nosso conhecimento estático. Nós fomos feitos à imagem de Deus, seres racionais, capazes de pensar, explorar e descobrir verdades sobre as coisas que existem. Assim Schaeffer demonstra que a Bíblia é o ponto de partida para o conhecimento da criação.

A Bíblia é plenamente capaz de sustentar-se a si mesma, pois dá respostas aos problemas reais do homem. Ela está sujeita a provas e a investigação. Não faria sentido Deus criar o homem racional e depois pedir que ele renuncie ou anule sua razão para poder compreender a revelação. Mediante a revelação bíblica, o homem pode crer na existência de Deus e curvar-se diante dele, como ser humano criado por Deus – no sentido metafísico – e como culpados – no sentido moral – depositando nossa confiança na solução provida por Deus, em Cristo, para, enfim, ter comunhão com nosso Criador.

[17] Em *A Marca do Cristão*, Schaeffer afirma que devemos amar o próximo, quer ele seja cristão verdadeiro ou não. Para melhor compreensão do pensamento de Schaeffer, cabe aqui a invocação do conceito legal da proteção jurídica, ou seja, a aplicação da norma legal ao fato concreto. Devemos amar os cristãos verdadeiros por força do “novo mandamento” que Jesus nos deu em João 13.34. Porém, os cristãos não estão livres do mandamento de amar aqueles que estão fora da verdadeira igreja, porque para estes aplica-se o segundo mandamento: amar ao próximo como a si mesmo, ou seja, os não-cristãos estão protegidos pelo segundo mandamento.

Os cristãos não podem desprezar nenhum ser humano, visto que todo homem carrega em si a imagem de Deus, como já explanado em notas anteriores. Mesmo estando caídos, continuam sendo homens, não foram transformados

em máquinas, animais ou plantas. Eles possuem a marca da “hombridade” – o amor, a racionalidade e a busca de significado. Os cristãos verdadeiros são portadores da verdade e sua missão é comunicá-la numa linguagem compreensível em cada contexto e segmento da sociedade, considerando a época e a forma de pensamento. Assim, a igreja revela amor a todo homem, até àqueles que se dizem cristãos, mas, de fato, não são.

[18] Jesus estabelece o amor como a melhor marca do cristão. De que amor ele está falando? Conforme o próprio Schaeffer ensina, é necessário definir as palavras para apreendermos a idéia por trás da palavra. Isto é especialmente importante nestes tempos em que o pensamento pós-moderno reveste as palavras de novo significado. Quanto à palavra amor, haverá conceito mais elástico e abstrato? Para o cristão, porém, Deus é o referencial máximo do amor (1 João 3.16; 4.7). Jesus é o amor de Deus manifesto aos homens. Jesus define em si mesmo a qualidade e a quantidade de amor que seus discípulos devem praticar e demonstrar. O padrão de qualidade é o amor do próprio Cristo: “...como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13.34). Como Jesus nos amou? Em João 15.12 e 13, ao repetir o mesmo mandamento, Jesus responde: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15.12, 13). A qualidade do amor de Cristo está descrita lindamente pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13. Depois de dizer que o amor não se expressa em atos supremos por si só, ele diz que o amor não é invejoso, não é leviano, não é soberbo, não conduz à indecência, não visa seus interesses e detesta a injustiça; e o que o amor é: sofredor, benigno e ama a verdade – uma lista que certamente não se esgota aqui. E resume com estas máximas: “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (v. 7). Quanto Jesus nos amou? Ele nos amou até o fim, cumprindo totalmente a vontade Deus a nosso respeito. Na carta aos Filipenses 2.5, Paulo diz: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus” e prossegue descrevendo a obra redentora de Cristo. Isto não quer dizer que devemos ser absolutamente perfeitos, ou que o amor se expressa somente por meio de atos supremos e heróicos e que apenas os ‘super cristãos’ conseguem cumprir. Lembremos das palavras de Jesus em Mateus 10.42, afirmando que o amor pode se expressar em dar um copo d’água a alguém sedento. Ou suas

palavras tão conhecidas em Mateus 25.31-46, quando ele fala em atitudes práticas como dar pão ao faminto, roupas aos despidos, cuidar dos enfermos (ver também Tiago 2; 1 João 3.16-18).

Em Deus, os cristãos, então, podem ter uma visão referencial clara sobre o amor. Não devemos elevar o amor a um nível abstrato, que o torne impraticável, mas também não devemos rebaixá-lo tanto, que se reduza ao conceito de mero amor físico-sensual, como a geração moderna quis estabelecer. O amor também não se resume a um instrumento político-social como alegam os humanistas socialistas. Somente o cristianismo pode falar de um amor integral dirigido ao homem integral.

Para encerrar qualquer dúvida, a parábola do samaritano, narrada em Lucas 10.25-37, é suficiente. Quando nos deparamos com a necessidade, não bastam desculpas religiosas de nenhuma ordem, mas apenas obediência ao mandamento: amar o próximo como a si mesmo. A conclusão imediata da parábola contada por Jesus infere claramente como se deve amar o próximo: atendendo a sua necessidade, no que lhe tocar, colocando-se à disposição dele. Quem é suficiente para isto? Os cristãos redimidos, dependentes da obra do Espírito Santo que enche o nosso coração continuamente do amor de Deus (Romanos 5.5). Lembremo-nos de que a base do novo mandamento é a obra perfeita de Cristo na cruz a favor de todos os homens.

[19] Já dissemos que somente o Deus pessoal e infinito poderia ser o Deus absoluto apresentado pelo sistema judaico-cristão (ver Nota [5]). Em *O Deus que se Revela*, Schaeffer apresenta este conceito na relação entre Deus, o homem e a criação. De um lado, somente Deus é infinito e tudo o mais é finito. “Ele é o Criador; tudo o mais foi criado... tudo o mais é dependente e apenas Ele é independente” (p. 53). De outro lado, quanto à pessoalidade, Deus e o homem são pessoais e todos os demais seres e coisas que existem são impessoais, porque apenas o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e dependente deste.

Somente Deus é autônomo. Kant e Rousseau, que viveram no século XVIII, quando o racionalismo renascentista já estava bem desenvolvido, perceberam que este tipo de pensamento levaria ao determinismo, reduzindo o homem à

mera máquina. Kant dedicou-se a alcançar uma resposta completa, que englobasse a totalidade do pensamento humano. A única alternativa que os cientistas podiam vislumbrar para a unificação do conhecimento, dentro de um sistema fechado, era a eliminação de Deus e da liberdade. Rousseau levou adiante a luta pela preservação da liberdade absoluta anunciando uma liberdade absoluta e total – de Deus, dos deuses, do Estado, da sociedade, da cultura. O homem não devia ser ‘amarrado’ a nada, mas era livre de controle, livre de tudo. O objetivo era preservar a autonomia do ser humano, a liberdade total, opondo-se até mesmo à civilização e à ciência, na medida em que representavam restrições à liberdade do homem. Se os homens e o universo são considerados autônomos, o resultado é que não resta nada além do homem: não há Deus, nem liberdade, não há moral, nem sentido, nem amor. O homem fica só em sua própria realidade sem sentido, reduzido à mecanicidade da máquina.

A conclusão é que Deus é pessoal e infinito e o homem é pessoal, porém, finito. Somente Deus é autônomo, mas o homem tem relativa liberdade, não tem autonomia. Este é um pressuposto fundamental do cristianismo. Nas palavras de Schaeffer, não se trata da melhor explicação, “trata-se da única resposta” (*O Deus que se Revela*, p. 54) para resolver o dilema do homem.

[20] O contraste entre a igreja amorosa e o mundo agonizante reflete uma ênfase constante na obra de Schaeffer e evoca a antítese entre os que aceitaram a Cristo e os que se mantêm rebelados contra Deus. A igreja amorosa são aqueles que experimentam os efeitos da reconciliação com Deus, que entendem o sentido da vida e foram capacitados a amar o próximo. A sociedade agonizante é a humanidade que vive alienada do Criador e sofre os efeitos da culpa moral. Em um aspecto, o homem natural carrega a grandeza e o valor da imagem de Deus, que o capacita a “alcançar as maiores alturas”, mas em outro aspecto, o mal moral o torna capaz “de afundar nas maiores profundezas da crueldade e da tragédia” (*O Deus que Intervém*, p. 157). Qualquer pessoa sensível pode reconhecer que o homem moderno vive um dilema existencial para o qual o seu sistema de pensamento não tem respostas: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Qual o propósito da vida? O que ocorre após a morte?

Para explicar o dilema do homem, não há muitas alternativas. Schaeffer resume em duas: (a) o homem é hoje o que sempre foi; ou (b) o homem sofreu uma alteração moral espaço-temporal. (ver Nota [7] sobre o dilema do homem e Nota [8] sobre a condição moral). Se o homem é intrinsecamente mau, se o dilema faz parte da natureza essencial do homem, então não há esperança e tudo se resume a uma brincadeira de mau gosto. No entanto, se houve uma queda, então o homem padece de uma culpa real que gera um dilema sério.

A principal consequência da queda foi a separação entre o homem e seu Criador, que resultou na alienação do homem de si mesmo – fonte de seus problemas psicológicos –, de seus semelhantes – fonte de seus problemas sociológicos – e da natureza. A culpa moral verdadeira tornou impossível o relacionamento entre um Deus santo e o homem. Quando comete pecado, o homem age de maneira contrária à lei moral do universo, tornando-se legalmente culpado. O pensamento moderno racional reduz o conceito de pecado a um nível inferior ao conceito bíblico, pois nega a legitimidade dos absolutos morais e não faz qualquer juízo moral sobre as ações humanas, considerando equivalentes os atos de bondade ou maldade. O fato de o homem ser moralmente culpado diante de Deus o coloca em um dilema: ele já não se encontra no estado primitivo de criação, pois foi alterado pelas consequências da queda, especialmente a separação e rebelião contra Deus. A obra de Cristo é a única solução eficaz para trazer o homem de volta a um relacionamento pessoal com Deus – relacionamento pessoal é precisamente o oposto da solidão do homem moderno.

A explicação cristã para o dilema do homem, originada de uma mudança ocorrida no homem – a queda – resolve de imediato quatro problemas: (a) o homem é cruel, mas Deus é bom – sem contradições; (b) há esperança de solução para o homem; (c) tem-se uma base para lutar contra o mal, porque o mal não é natural; (d) há base para moral verdadeira e para absolutos morais (*O Deus que se Revela*, pp. 69-71). Aí estão definidos os dois grupos: aqueles que aceitaram a solução de Deus e aqueles que ainda se mantêm rebeldes contra Ele. (Para mais explicações sobre a solução de Deus, ver Apêndice [G].)

[21] Em *O Deus que Intervém* (p. 229), Schaeffer reitera este raciocínio sobre o direito que o mundo tem de olhar para a igreja em busca de realidade, de

verificar se a pregação do evangelho produz na vida dos cristãos aquilo que eles anunciam. Podemos dividir a missão da igreja no mundo em três direções: para cima – adoração a Deus; para dentro – edificação de uns aos outros no corpo de Cristo; e para fora – testemunho ao mundo. A prática do amor é o sinal mais visível da presença de Cristo na igreja. Se de um lado, a igreja tem o mandamento de amar, de outro lado, o mundo tem o direito de buscar a marca do amor na igreja, para comprovar a mensagem que anunciamos. Jesus conferiu ao mundo uma espécie de direito de julgar os cristãos pela realidade do amor que expressariam.

A Igreja deve ter uma compaixão genuína pelos perdidos, pois o amor é o princípio da comunicação do evangelho. Aliás, em suas obras, Schaeffer demonstra um cuidado especial com as questões da linguagem e da comunicação. Ele diz que o cristão, por amor, deve aprender a linguagem do próximo a fim de comunicar o evangelho claramente, seja qual for o contexto em que ele se encontre. O fato de querermos dizer alguma coisa não garante que o outro compreende exatamente o sentido do que queremos dizer. Segundo ele, a comunicação adequada ocorre quando “aquilo que alcançou a mente do receptor é substancialmente idêntico ao que saiu da minha” (*O Deus que Intervém*, p. 183). Ele observa que as palavras mudam de sentido no decorrer do tempo, e se os cristãos não atentarem para este fenômeno, não será possível a comunicação eficaz com as pessoas ao seu redor.

Schaeffer diz que para haver comunicação eficaz é necessário conhecer a linguagem, a realidade existencial das pessoas de nossa geração, em qualquer grupo em que elas se encontrem. Se as palavras ou frases que usamos chavões compreendidos apenas no círculo evangélico e não são compreendidas ou usadas pelo grupo com quem estamos comunicando, devemos evitar usá-las e definir melhor de modo que os ouvintes compreendam claramente. Caso contrário, a mensagem cristã será reputada como obsoleta, porque é incomunicável. Palavras como *Deus*, *culpa*, *cruz*, *pecado*, *conversão*, por exemplo, têm um significado completamente alterado e diferente dependendo da pessoa com quem estamos falando. Devemos nos lembrar que a linguagem é dinâmica, isto é, muda com o tempo e dá novo sentido às palavras.

O cristão deve lidar com cada pessoa como criatura de Deus, dotada de personalidade singular, e não como 'almas' ou estatísticas a serem alcançadas. Os cristãos não devem expor o evangelho como se estivessem travando uma batalha de argumentação, mas devem ser motivados pela compaixão diante do desespero dos homens. Esse amor se expressa de forma prática na empatia, no 'chorar com os que choram', carregando os fardos uns dos outros, como se estivéssemos no lugar do outro (Hebreus 13.3), pois o homem moderno somente terá chance de crer em Cristo mediante uma demonstração de amor verdadeiro.

[22] Ver Nota [50] sobre perfeição cristã.

[23] Há um raciocínio lógico neste ponto: se o amor é um mandamento, deduz-se que amar não é natural, é uma escolha. Se o amor é uma escolha, significa que podemos deixar de amar. Se não amamos, isto não significa que não somos cristãos, mas que o mundo não nos reconhecerá como cristãos e não crerá na autenticidade do evangelho. Porém, como ser cristão e não amar? Se o próprio mundo coloca em dúvida o testemunho do cristão se ele não expressa amor, quanto mais os irmãos deveriam questionar a saúde de sua comunhão neste caso!

João, chamado o apóstolo do amor, reitera em suas epístolas que o amor é a evidência principal da nova vida. A Epístola de 1 João é um crescendo sobre a centralidade do amor na doutrina e na vida cristã. Ele diz que aquele que ama a seu irmão permanece na luz, mas o que odeia a seu irmão, está nas trevas (1 João 2.9-11). Em seguida: o que ama está na vida, mas o que odeia permanece na morte (1 João 4.14). O contraste é bem claro: A falta de amor, além de ser um mau testemunho, é também sinal de doença espiritual de alto risco. O amor entre os crentes é sinal de uma vida cristã saudável. Portanto, quando os cristãos praticam o amor, eles exibem ao mundo o melhor testemunho da nova vida.

[24] N.T.: indicador de pH extraído de certos líquens, azul em meio alcalino, vermelho em meio ácido (fonte: Dicionário Aurélio).

[25] O novo mandamento implica que o amor entre os cristãos demonstra ao mundo que eles são de fato seguidores de Cristo. Agora Schaeffer relaciona o

amor à unidade pela qual Jesus orou em João 17, aduzindo que esta unidade entre os irmãos proclama ao mundo a legitimidade e a autoridade do Filho, como enviado pelo Pai. Conclui-se que o amor-unidade são duas expressões da mesma marca e que este sinal visível dos cristãos dá um testemunho aos não-cristãos, permitindo-lhes reconhecer dois fatos fundamentais no evangelho: Jesus é o Filho de Deus, o Salvador prometido, e seus seguidores são modelos-vivos da transformação de vida.

Isto não quer dizer que quando os não-cristãos vêem esta marca na igreja, eles sejam atraídos mecanicamente à graça de Deus, mas que eles têm uma prova visível de que o evangelho é autêntico. Um exemplo deste testemunho pode ser verificado em Atos 4.13, quando Pedro e João enfrentaram as autoridades religiosas dos judeus por causa da cura do paraplégico na porta do templo, onde se diz expressamente que aqueles homens “reconheceram que haviam eles estado com Jesus”. Assim, a marca do cristão serve de testemunho e de juízo para o mundo: testemunho porque Deus dá a oportunidade de o mundo atestar a veracidade do evangelho por meio dos frutos produzidos na igreja de Cristo; juízo porque, servindo-me da idéia de Paulo em Romanos 1.20, *os atributos de Deus, o seu eterno amor como também a sua divindade, claramente se reconhecem na igreja de Cristo, sendo percebidos pelo amor visível e pela unidade entre os irmãos*. “Tais homens são por isto indesculpáveis”. Este mesmo pensamento é apresentado por Paulo na segunda carta aos coríntios quando ele diz que a igreja é bom perfume de Cristo, que “*em todo lugar manifesta a fragrância do seu conhecimento*” (5.14 b). Porém, ele prossegue dizendo que os cristãos são cheiro de vida para os que crêem e cheiro de morte para os que se perdem (5.15, 16).

[26] A apologética final, como Schaeffer define, consiste naquilo que o mundo pode observar, tanto no individual como na coletividade dos cristãos. O mundo pode ver na vivência do cristão – indivíduo – e da igreja – corpo de Cristo – que a mensagem que eles anunciam ‘produz’ realidade. A Igreja de Jesus Cristo não é apenas uma instituição, mas um grupo de indivíduos redimidos, unidos em torno de uma doutrina verdadeira e que são capazes de administrar os conflitos gerados pelo pecado. Assim, os efeitos do amor se estendem para além dos limites da igreja em direção à sociedade, demonstrando o que

Schaeffer chama de “cura substancial”. O que ele quer dizer com esta expressão? Que a conciliação do homem com Deus produz ‘cura’ integral e fática para a vida, realinhando o homem com Deus, consigo mesmo e com a criação. Ele justifica ainda o emprego do termo ‘substancial’ como adequado para distinguir realidade de perfeição, a qualidade visível da igreja (*O Deus que Intervém*, p. 229).

O mundo não espera que o cristão seja perfeito, mas que demonstre coerência e realidade, pois suas ‘vãs filosofias’ não lhe dão esperança. Quando o mundo observa a conduta de amor dos cristãos, eles reagem sendo atraídos a Cristo, mas somente darão testemunho do evangelho se encontrarem realidade. A vivência dessa “cura” na dimensão individual e coletiva da igreja permite às pessoas verificarem que as afirmações que os cristãos fazem vão além da teoria ou da retórica. Paulo disse aos gálatas que o que tem valor em Cristo é a fé que atua pelo amor, dando a entender que o amor dos irmãos é o *modus operandi* da fé ou o que põe a fé em ação (Gálatas 5.6), de modo que não há fé cristã genuína sem amor. Este será o testemunho de que a igreja é real e que Jesus foi, de fato, enviado pelo Pai. Este juízo é um direito outorgado por Deus ao mundo.

[27] Schaeffer enfatiza que a igreja é portadora da autoridade de Cristo para levar as boas novas ao mundo. “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20.21). Um traço marcante em Schaeffer é seu entusiasmo contagiante com o evangelho. É impossível ler suas obras sem se encantar com o cristianismo e ficar ansioso para conhecer melhor ‘a fé que uma vez foi dada aos santos’ (Judas 3). Ele lembra aos cristãos que a Palavra de Deus tem respostas impressionantes para os dilemas e conflitos da humanidade e desafia constantemente os cristãos a cumprirem seu chamado com zelo, sem preconceitos e acima de qualquer barreira. Schaeffer diz que quando os cristãos entenderem que eles têm as únicas respostas para os problemas deste mundo, em todos os sentidos, a igreja poderá fazer uma revolução (*O Deus que se Revela*, p. 57). “É difícil entender como pode um cristão ortodoxo, evangélico, crente na Bíblia, não se sentir empolgado” (*O Deus que Intervém*, p. 236). Se nos sentimos menos do que empolgados, Schaeffer nos exorta firmemente a fazermos uma auto-análise “para descobrir o que está errado”

(idem). Assim, ele não deixa nenhum espaço para hesitação, mas incentiva os cristãos a resolverem seus problemas de fé, a lutarem com suas dúvidas e questões existenciais, a fim de conhecerem as maravilhas do evangelho. Sob este prisma, podemos concluir que quando a igreja negligencia sua missão, ela se torna um dos maiores obstáculos a si mesma e à expansão do reino de Deus.

Quais seriam os motivos da falta de entusiasmo e apatia dos cristãos? Como podemos recuperar a alegria da salvação? Primeiro, poderíamos pensar em o que não fazer (aspecto negativo): não viver centrado em si mesmo, seja por incredulidade, seja por autocomiseração, ou ainda por autoconfiança. Segundo, o que devemos passar a fazer (aspecto positivo): voltar-nos totalmente para Deus e resolver nossas questões de fé. Em nenhum lugar das Escrituras é dito que devemos nos voltar para nós mesmos, em uma atitude egocêntrica ou introspectiva, orientada para a autopiedade, porque assim ficaremos a sós com nossos próprios pecados, conflitos e fraquezas. A doutrina cristã, neste aspecto, difere diametralmente das seitas orientais, pois não busca solução ou cura dentro de si mesmo. Pelo contrário, o cristão deve voltar-se totalmente para o Senhor, Autor e Consumador da fé, confiar inteiramente na graça e na misericórdia e depender totalmente de Deus. O cristão deve buscar o conhecimento da Palavra de Deus, 'permanecer em Cristo' (João 15.4,5) e contemplá-lo, pois assim, "somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem" (1 Coríntios 3.18). Seja em nossos cultos na igreja, seja nos momentos devocionais a sós, nosso foco não deve ser o prazer pessoal, mas a adoração a Cristo. Não há nada em nós mesmos que possamos oferecer a Deus, senão aquilo que ele mesmo nos tem dado graciosamente em Cristo. Nossa alegria e todo nosso suprimento virão somente dele. Mesmo quando consideramos a luta contra o pecado e a busca da santificação, o principal objetivo do cristão é permanecer em Cristo, pois não há nada em nós mesmos que possa resolver nossa condição. O cristão, mais do que qualquer outro, deve crer que toda a sua esperança está apenas em Cristo. "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (João 8.32) da apatia, da mornidão, da incredulidade e de tudo que rouba a alegria da salvação e o fervor do serviço

cristão, a fim de que os cristãos exibam não apenas o amor, mas a alegria de pertencerem ao reino de Deus.

[28] Cada geração de cristãos tem o desafio de comunicar o evangelho às pessoas de seu próprio tempo. Como podemos então falar de ‘verdade verdadeira’ a uma sociedade pluralista, onde predomina o pessimismo e o relativismo? Naturalmente todo cristão vai enfrentar a tensão de apresentar o evangelho com base em pressupostos que o mundo não conhece ou não aceita, uma vez que o conceito de verdade foi profundamente transformado nos últimos séculos, especialmente no século passado. Em *O Deus que se Revela*, Schaeffer trata extensamente sobre esta questão – a epistemologia, ou o modo de obter o conhecimento e de saber que sabe. O objetivo principal é analisar as transformações ocorridas no modo de pensar até chegar à situação atual de pessimismo e relativismo, com todas as suas implicações. Segundo ele, não se trata – como pode parecer à primeira vista – de um assunto abstrato, restrito aos eruditos, pois a questão está no centro dos conflitos de nossa geração. Ele relaciona a epistemologia como um dos três campos básicos do pensamento filosófico, ao lado da metafísica – questão da existência e do ser (ver Notas [4] e [5]) – e moral – noção de certo e errado (ver Nota [9]). Embora os efeitos da ausência de um universal-absoluto no campo da metafísica e da moral sejam mais evidentes, eles são ainda mais graves no campo da epistemologia. A conclusão do autor neste campo, como nos outros mencionados, é que o cristianismo é a única resposta, pois se não houver absolutos, não é possível conhecer efetivamente as coisas que existem – os particulares. (Para mais informações sobre epistemologia, ver Apêndice [A].)

Em *A Morte da Razão*, Schaeffer analisa a evolução histórica da forma de pensamento que conduziu ao mundo moderno. Começando por Tomás de Aquino até os dias atuais, ele procura demonstrar como a busca de um conhecimento universal decaiu na divisão entre dois campos inconciliáveis, separados por uma linha, que Kierkegaard chama de ‘linha do desespero’. A linha do desespero marca a fronteira entre a razão e a não-razão, a desistência em alcançar o conhecimento universal e a resignação de que a razão humana só pode tratar das ciências naturais, pois acima disto há apenas irracionalidade (para mais explicações, ver Apêndice [B]). Antes da linha do desespero, as

peças chegavam ao conhecimento da verdade por meio de pressupostos que concordavam com o cristianismo, ou seja, faziam uso da antítese com base em absolutos. Por exemplo, se falar a verdade é ser honesto, então, deixar de falar a verdade é ser desonesto. Não mentir e não roubar são mandamentos claros e inquestionáveis. Se algo é verdadeiro, então, o oposto é falso. Esta é a lógica clássica. Foi justamente este ambiente intelectual que permitiu o desenvolvimento da ciência moderna, com Copérnico, Galileu, Bacon e Newton. Os primeiros formuladores da ciência acreditavam que o mundo podia ser investigado pela razão porque havia uma mente lógica por trás do universo – Deus. Porém, à medida que os cientistas pós-newtonianos avançaram em suas pesquisas científicas, rompendo com séculos de afirmações dogmáticas sobre a realidade e desbancando crenças como o geocentrismo, eles foram resvalando para um cientificismo positivista exacerbado, atribuindo ao método indutivo-confirmável a capacidade de estabelecer a verdade total e absoluta sobre todos os dilemas do homem. Mas o positivismo fracassou em formular conhecimento, porque partia apenas da dúvida e de nenhuma certeza, e, portanto, não conseguiu fornecer respostas para os problemas universais. Passada a euforia do cientificismo positivista, restou apenas mais pessimismo e cinismo, que contribuíram para a formulação da filosofia existencialista de Kierkegaard. Estava estabelecida a linha que segrega os homens no desespero da solidão e falta de sentido.

Schaeffer menciona dois pensadores para ilustrar o dilema do homem nesse período, Wittgenstein e Heidegger. Wittgenstein afirmava que só é possível à razão conhecer os fatos demonstráveis, que podem ser formulados em linguagem inteligível. Segundo ele, o homem só pode falar do que é natural e matemático. Fora disto, no 'superior', há apenas o silêncio, pois não é possível falar de nada fora do mundo, fora do alcance das ciências naturais. O outro, Heidegger, em um esforço desesperado para encontrar alguma voz no universo disse: "Dêem ouvido aos poetas" (*A Morte da Razão*, p. 72), não querendo dizer propriamente para ouvir o que eles estão dizendo, mas à forma da poesia, como sendo um elemento próprio do 'superior'. Segundo ele, uma vez que o ser humano verbaliza, as palavras existem; logo é possível cultivar uma esperança de que haja alguém lá fora, que dê sentido à existência.

Estes dois pensadores existencialistas, Wittgenstein e Heidegger, demonstram que, de uma forma ou de outra, o homem convergiu para a questão da linguagem: há alguma voz lá fora para comunicar? O título do livro *O Deus que se Revela* [em inglês, *The God is There e He is Not Silent*, ou Ele Existe e Não Está em Silêncio] é uma resposta a Wittgenstein. Em contraposição à afirmação de que, para todo dilema do homem há apenas silêncio, Schaeffer apresenta um Deus pessoal infinito que existe e fala com suas criaturas de modo que essas possam compreender (ver Nota [61]). Schaeffer diz que a verdade cristã não fará sentido à forma de pensar relativista do homem moderno, se não nos comunicarmos claramente com base na antítese: “Se algo é verdadeiro, o oposto é necessariamente falso; se algo é correto, o seu oposto é errado” (*O Deus que Intervém*, p. 78). Se os homens sofrem as consequências de seu modo de pensamento relativista, os cristãos podem se apresentar como cidadãos do reino de Deus, partindo da certeza e vivendo a verdade de Cristo com todas as suas implicações práticas. Os pressupostos do cristianismo não se apóiam em costumes culturais de época, mas no caráter perfeito de Deus, que é imutável. O autor nos adverte a não transigir com a verdade bíblica, pois se falharmos nisto, mesmo que inconscientemente, os sinais de morte começam a aparecer na igreja (idem, p. 79). Schaeffer nos adverte expressamente a demonstrar compaixão aos perdidos, mas acima disto, temer a Deus, pois se abandonarmos a pureza da Palavra, estaremos desonrando o nosso Senhor. Numa época em que o pensamento é orientado pela metodologia da dialética – síntese – nossos protestos sobre a verdade ou doutrina cristã não serão ouvidos, a menos que pratiquemos a verdade de forma consistente e prática, com amor.

[29] Vimos que a decepção do positivismo levou ao existencialismo, segundo o qual o homem é apenas uma máquina, um nada. O homem é apenas um indivíduo – particular – entre milhões de particulares e, como tal, não tem sentido em si mesmo. A razão e a ciência moderna levam apenas ao pessimismo e todo otimismo possível situa-se na irracionalidade, onde não se pode ter certeza de nada. A certeza oferecida pelos métodos científicos não pode suprir os anseios mais profundos do homem. Porém, por uma questão incontornável, o homem não consegue simplesmente admitir sua condição de

máquina e, cansado de sua solidão, ele se volta cada vez mais para o misticismo – separado da racionalidade – em busca de respostas e de sentido (ver Nota [31]). Após o estabelecimento da linha do desespero, as pessoas continuaram a agir como se os pressupostos antitéticos fossem verdadeiros, aceitando respostas românticas e otimistas sem, contudo, ter base lógica para tal convicção. A unidade deste método de pensamento é o racionalismo ou humanismo (Schaeffer usa estas palavras como sinônimas) que, em termos simplificados, é o homem tentando construir o conhecimento tendo a si mesmo como ponto de partida.

O personagem chave para mudança de paradigmas foi o filósofo alemão Hegel, do século XVIII, mais recente que Kant e Rousseau. Hegel percebeu que os caminhos racionais para chegar à unificação do conhecimento estavam esgotados, que não havia solução na metodologia da antítese, pois o racionalismo leva somente ao pessimismo. Foi então que ele propôs a metodologia da dialética, um triângulo formado por *tese* e *antítese* que resulta em uma *síntese*. Este conceito, quando aplicado aos campos da moral e da teologia, conduziu à relativização. Schaeffer assinala que, mais do que mudança de metodologia, Hegel mudou a forma de pensar, mudou o mundo, mesmo que esta revolução não tenha sido intencional – ela resultou do desespero ante o fracasso do racionalismo em prover respostas para o dilema do homem. Depois de Hegel, extinguiu-se o conceito de verdade, uma vez que tudo é relativo. Schaeffer observa que esta mudança define a posição de rebelião do homem moderno: o homem se coloca no centro do universo e declara sua independência de Deus (*A Morte da Razão*, p. 54).

Esta mudança radical de paradigmas – da antítese para a dialética – tem repercussão e desdobramentos até os dias atuais. Se anos atrás alguém aludisse a algo como sendo verdadeiro, mesmo que as pessoas não estivessem vivendo em conformidade com suas convicções, ainda compreenderiam o que se queria dizer, tendo por base a antítese. Por exemplo, naquele período, quando os cristãos comunicavam o evangelho, o ponto de partida seria a certeza de que as pessoas realmente podiam compreendê-lo. Sem o referencial dos absolutos, o homem passou a depender de si mesmo para buscar todo sentido para a vida e para a questão do ser. A

rejeição ao sistema de antítese e à lógica da criação divina é a regra do pensamento moderno humanista. Não há padrão de certo e errado e tudo passa a ser relativo. Nesse sistema de relativismo, em que o homem moderno está inserido e opera, não pode haver absolutos. Se houvesse, estes estariam fundamentados em que fonte? Quem é grande o suficiente para estabelecer absolutos? Se não há absolutos, também não há conceito de verdade. Se não há verdade, não há esperança para o homem.

[30] A alienação do homem, para Schaeffer, assume formas variadas que o levam a níveis cada vez mais profundos de desespero. O homem abaixo da linha do desespero passou a buscar significado e esperança em si mesmo, o que se refletiu em novas fórmulas filosóficas que, afinal, também falharam em fornecer respostas satisfatórias para seus dilemas. O lado inferior da linha do desespero não tem nenhuma relação com o sentido, nem o superior com a razão. Como conviver com tal dicotomia? O nível superior é inalcançável para o racionalismo humanista. O nível inferior-racional reduz o homem a apenas uma máquina. Assim, existe uma tensão no homem moderno, pois ele não consegue encarar com tranquilidade sua desesperança e falta de sentido. Embora o homem esteja caído e tenha culpa moral real diante de Deus, isto não o faz adquirir a mecanicidade de uma máquina. O homem não consegue conviver com tal automacidade, porque ele mesmo intimamente não se reconhece como tal, isto é, esta identidade não satisfaz, de fato, o seu ser. Sua própria “hombridade” (ver Nota [17]) o torna incapaz de aceitar esta condição de máquina ou acaso da evolução. Segundo Schaeffer, dizer é uma coisa, viver de forma coerente com o que se diz é outra (*O Deus que Intervém*, p. 102).

O pensamento moderno rompeu com os pressupostos cristãos e diz que o homem é um acaso da natureza, um ser evoluído ao longo de milhões e milhões de anos. Por dedução lógica, o pensamento moderno implica que o homem não tem sentido nem propósito, bem como não há nada além desta existência físico-material, restando-lhe apenas a desesperança (1 Coríntios 15.19). Como o homem não aceita esta realidade, a desesperança o pressiona a dar um ‘salto de fé’, ou seja, um salto para fora de seu sistema de pensamento, acrescentando um elemento de misticismo a fim de alcançar a unidade entre o nível inferior e o superior, entre a razão e o sentido. (Para mais

explicações sobre Salto de Fé, ver Apêndice [C].) O misticismo, inspirado pelas filosofias orientais, propagou-se rapidamente no ocidente, especialmente após as guerras mundiais, adotado pela cultura *hippie* e transmitido às massas pelo fenômeno do rock nos anos 60. Os *Beatles* são o melhor exemplo dessa tendência mística existencialista, com suas incursões ao mundo das drogas e psicodelia e sua notória ligação com gurus orientais. Foi justamente a partir da geração ‘paz e amor’ que o consumo de drogas no ocidente começou a se popularizar, passando a ser, na esteira das filosofias orientais – onde elas são consumidas há séculos – apresentada como ‘solução religiosa’. Schaeffer diz que quando o homem fica a sós com sua racionalidade e lógica, ele perde o sentido e parte em uma busca desesperada de respostas para seus dilemas. É por isto que o aumento do consumo de drogas coincide com as revoluções de costumes dos anos 60 – tempos de liberdade e de rebeldia.

Schaeffer diz que o misticismo que se difunde hoje em dia não é como o misticismo antigo, pois os antigos partiam do pressuposto que havia alguém lá, mas o homem místico de hoje não espera encontrar ninguém ‘lá fora’, por isto ele se volta para dentro de si mesmo, esperando encontrar algo em seu próprio interior. Ao inverter a busca para o seu interior, o homem encontra apenas sua própria limitação e precisa anular-se a si mesmo em um ato desesperado de alcançar paz para seus dilemas. Schaeffer assinala que é significativo que o homem tenha abandonado o cristianismo por considerar que ele não era devidamente racional, e esteja agora dando um grande passo de volta ao misticismo.

Schaeffer diz que devemos observar dois efeitos da geração os anos 60: (1) para entender a geração atual, é necessário conhecer as transformações sociológicas daquela época; (2) embora as pessoas de hoje não entendam bem a geração dos anos 60, elas continuam sendo influenciadas por aquelas transformações de costumes. Nossa geração é profundamente marcada pelo relativismo e falta de sentido. Se a igreja quiser evangelizar as pessoas de sua geração, é necessário ir até elas, saber como pensam e demonstrar a elas o amor de Cristo.

[31] Em contraste com o pensamento moderno, os cristãos têm a revelação verbal de Deus, ou seja, eles têm com quem falar. Assim, os cristãos já partem

de uma origem totalmente diferente: Há um Deus pessoal e infinito que tomou a iniciativa de revelar a si mesmo e revelar a criação. Schaeffer observa que a revelação de Deus não é exaustiva, mas é verdadeira e plenamente confiável. *O Deus que se Revela* é o único que supre a unidade necessária ao dilema do universal e particular, já mencionado.

O pensamento moderno não tem explicação para as características que fazem o homem ser identificado como humano, como, por exemplo, a capacidade de amar. Outra vez, Schaeffer deixa claro a importância do novo mandamento: se cremos que todo homem é criado à imagem de Deus, e que Deus é amor, logo todo ser humano é capaz de reagir ao amor verdadeiro.

A Bíblia, por sua vez, afirma categoricamente que o homem foi criado à imagem de Deus, o que significa que ele tem em si, não a programação de uma máquina, mas a capacidade de escolha com que Deus o dotou, o que o diferencia das plantas, dos animais e da máquina. Ele tem sentimentos, emoções, desejos, e por isso consegue amar e receber amor, e mais que isso – anseia por amor em todas as maneiras como ele pode ser expresso: no relacionamento com seus semelhantes e na busca de sua própria origem, identidade e sentido.

Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer apresenta uma prova de duas etapas que, segundo ele, serve para solucionar qualquer problema: “(a) a teoria não pode ser contraditória e precisa dar resposta ao fenômeno em questão; (b) o homem tem de estar em condições de viver de forma consistente com a sua teoria” (p. 173). O salto de fé ocorre justamente quando a pessoa precisa recorrer a elementos externos à sua teoria, sem dar explicações lógicas para tal recurso. Segundo Schaeffer, o pensamento moderno falha especialmente na segunda etapa, pois o homem moderno não suporta viver de acordo com este sistema de pensamento racionalista e, em algum momento, ele dará um salto de fé e apelará para algum outro recurso não-racional. Por exemplo, as pessoas podem dizer que o amor não existe, mas sua própria experiência prova que existe, seja porque o experimentam, em alguma medida, em suas relações humanas, seja porque aspiram recebê-lo (*O Deus que Intervém*, pp. 54-56).

[32] Schaeffer destaca que é importante que os cristãos conheçam bem as diferenças entre o pensamento moderno e a fé cristã, a fim de poderem comunicar o evangelho de Cristo com todas as pessoas de sua convivência. Se realmente cremos que Deus é a única resposta para os dilemas do homem, então devemos estar capacitados para dialogar com qualquer pessoa e responder suas questões. Jesus foi o mestre da comunicação por excelência e a Bíblia diz que ele conhecia bem a natureza humana, a ponto de discernir os pensamentos do coração (João 2.23-25). A missão integral da igreja envolve a comunicação da solução de Deus ao mundo, demonstrando amor real uns aos outros e ao próximo, seja ele quem for. Como a igreja pode cumprir esta missão no mundo hoje? O autor não deixa espaço para qualquer crítica à necessidade de os cristãos assumirem uma atuação inteligente em todos os setores da sociedade. A igreja deve estar preparada para dialogar com religiosos e ateus, intelectuais e humanistas, protestantes e católicos, judeus e muçulmanos, esotéricos e seculares, com homossexuais e prostitutas, traficantes e criminosos, todas as pessoas. Os cristãos devem estar prontos para atuar nas universidades, na política, na economia, na mídia, como também no local de trabalho, nas ruas e nas praças, nos presídios, nos lares, em todos os lugares.

Se considerarmos que, em certo sentido, Deus está autolimitado à sua igreja, pois escolheu agir no mundo por meio dessa agência, conclui-se que os cristãos têm a responsabilidade de servir a Deus com zelo e eficácia, senão eles podem ser um estorvo para a expansão do reino de Deus. Quando Jesus disse que as portas do inferno não prevaleceriam contra a igreja (Mateus 16.18), ele não quis dizer que o inferno não passaria da porta da igreja para dentro, mas, sim, que a igreja tem o poder de adentrar o inferno e anunciar aos homens cativos a solução de Deus. Caso contrário, adverte Schaeffer, a igreja será apenas uma peça de museu, e não um exército vivo no combate do Senhor Jesus (*O Deus que Intervém*, p. 31).

[33] Schaeffer diz que apologética tem dois propósitos: a defesa da fé e a comunicação do cristianismo de modo que qualquer geração possa compreendê-lo. Quanto ao primeiro propósito, ele diz que defender a fé não significa ficar na defensiva, mas saber responder satisfatoriamente quando

indagado a respeito de questões da fé (cf. 1 Pedro 3.15). A apologética cristã não tem a idéia de exclusão, nem de fortaleza, como se o cristão estivesse enclausurado em um castelo onde nada pudesse atingi-lo e tomando a atitude de apenas se defender em caso de ataque. O cristão deve ter contato direto com a realidade que o cerca e tentar responder honestamente às perguntas que perturbam a sua geração. Schaeffer diz que os cristãos devem oferecer respostas adequadas às questões das pessoas do mundo. Todo homem enfrenta questões existenciais sérias: “Quem sou eu?” e “Qual o sentido da vida humana no universo?” Estas questões percorrem toda a história humana. Em todos os tempos e lugares, em todo registro humano é possível perceber esta sensação de insatisfação, de angústia. Como obter respostas? Como saber a verdade? Esta é tarefa da apologética cristã: dar respostas adequadas às perguntas honestas do homem, com base na Palavra de Deus.

Quanto ao segundo propósito, comunicar a fé cristã, Schaeffer lembra que a apologética deve ser capaz de demonstrar intelectualmente que o cristianismo apresenta a ‘verdade verdadeira’, termo criado pelo autor para se referir à verdade real (*O Deus que se Revela*, p. 85). Em contraposição às formas de pensamento da presente época, o cristão deve demonstrar que o cristianismo não é apenas um tipo de dialética melhorada, mas é real e pode ser vivido na prática. O cristão deve estar preparado para, além de responder a “razão de sua esperança”, comunicar-se no nível em que a pessoa se encontra. A mensagem é a mesma, seja quando falamos ao intelectual ou ao inculto, o que muda é a linguagem (Ver Apêndice [H]).

Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer propõe uma parábola para ilustrar o que a Bíblia representa para elucidar o dilema do homem: ele compara a realidade a um livro que houvesse sido inteiramente rasgado, deixando apenas uma tirinha de texto em cada página, tornando impossível a compreensão da mensagem do livro. Agora imagine, diz ele, que os pedaços rasgados fossem encontrados em uma caixa perdida, no sótão, e que alguém os unisse pacientemente, colando-os de volta no livro. Então as pessoas poderiam ler a mensagem e compreendê-la, resolvendo o problema inicial. Com base nesta ilustração, Schaeffer faz duas observações: (a) as partes rasgadas no livro nunca poderiam revelar a mensagem inteira, mas apenas serviriam para indicar se os

pedaços estão no lugar certo; e (b) a pessoa que uniu as partes do livro usou sua razão para encontrar o lugar certo para cada parte e, depois disto, pôde ler a mensagem do livro. A aplicação que ele faz é a seguinte: as páginas rasgadas que permaneceram no livro correspondem ao universo e ao homem em seu estado anormal e as partes das páginas que foram encontradas, correspondem as Escrituras como revelação de Deus ao homem. Nem o universo nem o homem são suficientes para conter a verdade total da existência, mas servem de testemunhas do que as Escrituras afirmam ser. Por um lado, as partes não poderiam transmitir a mensagem inteira., mas, por outro lado, ao ler o livro recuperado, o homem não precisa dar um 'salto de fé', porque a mensagem revelada é coerente com a realidade do que existe (ver Notas [57] sobre Bíblia e [61] sobre revelação).

Schaeffer conclui dizendo que o homem, ao admitir seu dilema, pode analisar as Escrituras como a revelação de Deus sobre as coisas que existem e sobre o estado do homem. A revelação resolve a existência do universo, dá sentido à vida do homem, oferece uma ética moral firmada nos absolutos de Deus. Na missão de apologética da fé, o cristão precisa compreender que sua batalha não é apenas de argumentação, pois como diz o apóstolo Paulo aos efésios “a nossa luta não é contra o sangue e a carne” (Efésios 6.12). A apologética não pode ser separada da obra do Espírito Santo e de um relacionamento verdadeiro (de comunhão e oração) do cristão com o Senhor.

[34] A Bíblia fala de muitos homens usados por Deus para orientar o seu povo em momentos críticos, como Noé, José, Moisés, Samuel, Elias, Isaías, Daniel, Neemias, Esdras, Paulo, os apóstolos e outros. Também a história da igreja está pontuada de relatos de como Deus levantou homens bem preparados para darem orientação à igreja em momentos de crise: Agostinho, Tyndale, Lutero, Calvino, Wesley, Carey, C.S. Lewis e o próprio Schaeffer – para citar apenas alguns mais famosos – e tantos outros. Eles demonstram que eventualmente Deus levanta pessoas que transcendem os limites de seu 'habitat denominacional' e comunicam a orientação de Deus para a igreja durante algum tempo, brilhando como um farol na história da igreja.

Assim convém à igreja brasileira perguntar a si mesma hoje: Onde estão os profetas de Deus neste país? Que tipo de homem e mulher Deus deseja

levantar para dar orientação à igreja brasileira nestes tempos de crise? O que fazer para estar devidamente preparado? Um bom começo seria intensificar o estudo diligente da Palavra de Deus e perseverar em oração, separar a palha do trigo, estudar teologia, ler boa literatura cristã, revistas e artigos de pensadores cristãos a fim de “manejar bem a palavra da verdade” (1 Timóteo 2.15; 2 Timóteo 2.24-26) e estar preparado para responder a qualquer pessoa que questionar as razões de nossa esperança (1 Pedro 3.15). Além disto, é necessário que os cristãos se unam para buscar a Deus, em humildade, a fim de receberem orientação específica para estes tempos de crise. Mas devemos também considerar a necessidade de ler e debater, por exemplo, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado e outros sociólogos, historiadores e brasilianistas, a fim de conhecermos o nosso povo e a realidade de nosso país. Este é um dos legados preciosos de Schaeffer que precisamos resgatar: ele foi um cristão fiel à palavra de Deus, capaz de apresentá-la a qualquer pessoa, de qualquer nível, sem titubear nem transigir com os fundamentos da fé. Nós estamos prontos para apresentar o evangelho às pessoas de modo que elas entendam?

Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer cita uma frase de Lutero que deve nos levar a pensar: *“Se eu professar com a mais alta voz e com a mais clara exposição cada pormenor da verdade de Deus, exceto precisamente aquele pequeno ponto ao qual o mundo e o demônio estão naquele momento atacando, eu não estou confessando Cristo, ainda que ousadamente eu possa estar professando a Cristo. Onde se trava a batalha, ali a lealdade do soldado é provada, e estar em outro campo de batalha que não este é apenas deserção e desgraça, se ele foge deste ponto”* (p. 29).

Este ensino está em consonância com o ministério do apóstolo Paulo. Quando ele diz que o ‘deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos’ (2 Coríntios 4.4), ele dá a entender que a batalha espiritual se dá também no campo do intelecto. As armas a serem usadas neste campo de batalha certamente envolvem preparo adequado. Os registros das viagens missionárias de Paulo em Atos e suas epístolas às novas igrejas mostram como ele dava atenção ao ministério da palavra, não apenas por meio da confirmação de sinais e milagres, mas pela argumentação e do convencimento.

Os verbos empregados para descrever o ministério de Paulo podem nos dar uma idéia da sua estratégia de evangelização e discipulado: “anunciar a palavra” (13.5; 14.21, 25); “persuadir” (13.43; 18.4; 19.8); “contradizer” os oponentes judeus (13.45); “arrazoar” (17.2); “expor” e “demonstrar” (17.3); “dissertar” (17.17; 19.8), “discorrer” (18.4; 19.9); “testemunhar” (18.5); “pregar” (18.19); “falar ousadamente” (19.8). Em Éfeso, por exemplo, Paulo iniciou seu ministério entre os discípulos de João Batista (19.1-7), depois passou à sinagoga (19.8-9) e posteriormente à Escola de Tirano, onde passou a “discorrer diariamente” por cerca de 2 anos. A estratégia foi tão bem sucedida que a Palavra de Deus se propagou por toda aquela região da Ásia Menor. Os resultados podem ser resumidos com o versículo 20 do capítulo 19 de Atos: *“Assim a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente”*.

Conclui-se que o apóstolo Paulo se esmerava no estudo da Palavra bem como se dedicava fervorosamente ao ensino e à defesa da doutrina de Cristo. Não é de admirar, portanto, o impacto de sua pregação, quer houvesse poucas ou muitas conversões, quer ele implantasse uma igreja ou fosse expulso da cidade.

[35] No livro *A Morte da Razão*, Schaeffer afirma que a igreja deve estar atenta às transformações da sociedade e suas formas de pensamento, visando apresentar o evangelho com uma linguagem compreensível às pessoas não-cristãs. Ele adverte, porém, os cristãos a não transigirem com os absolutos do evangelho nem alterarem a verdade em seu conteúdo a pretexto de alcançar o homem moderno. É necessário ter discernimento para comunicar o evangelho a todos os homens em seu próprio tempo, sem distorcer os fundamentos da fé cristã. Jesus é o grande mestre desta habilidade de comunicação ao usar os elementos de linguagem compreensível tanto para com doutores da lei, como para com pescadores da Galiléia e pastores da Judéia, tanto com judeus como com samaritanos, gregos e romanos.

Outro bom exemplo, é o apóstolo Paulo em suas viagens missionárias, expondo o evangelho a judeus, prosélitos, bárbaros, romanos e gregos, falando da lei e dos profetas aos judeus, da criação aos não-judeus e da filosofia aos gregos no Areópago. Por exemplo, em Chipre, ele expõe o evangelho a Sérgio Paulo, procônsul, registrado como homem inteligente, que *“diligenciava por*

ouvir o evangelho” (Atos 13.7). Noutra ocasião, em sua passagem por Atenas, Paulo demonstrou conhecer bem a história e as filosofias de seu tempo, ao enfrentar, em um só sermão, os epicureus e os estóicos, o panteísmo e o deísmo – que chamou de ‘tatear’ ou ‘apalpar’ dos homens e de ‘tempos de ignorância’ – anunciando a Cristo e à ressurreição, como solução de Deus para o dilema humano. Mais à frente, já preso em Cesaréia, Paulo expõe seu testemunho a Herodes Agripa II. Ao final, impressionado, este retruca: “Por pouco me persuades a me fazer cristão” (Atos 26.28).

Schaeffer observa que é injusto desprezar as formas de pensamento da nossa própria geração. Em *A Morte da Cidade*, Schaeffer fala como podemos apresentar o evangelho ao “homem sem Bíblia” em um contexto pós-cristão. De um lado, os próprios cristãos perderam o hábito de estudarem a Palavra de Deus e, de outro, as pessoas não-cristãs não reconhecem a autoridade das Escrituras. Segundo Schaeffer, as pessoas seculares ‘sem-Bíblia’ são tanto uma oportunidade como um desafio para os cristãos. Oportunidade porque, na realidade, o homem está perdido e os cristãos podem compartilhar sua fé com ele; e desafio em mostrar às pessoas como o mundo e sua própria natureza humana apontam para a existência de Deus.

Schaeffer alerta que nós, mais do que qualquer outra geração, temos o dever de apresentar o evangelho de modo que as pessoas possam entender. Muitas vezes, a razão pela qual os pais perdem o contato com a geração de seus filhos, e não conseguem se comunicar com eles, é que não cuidam em entender as diferenças da forma de pensamento da atualidade. O resultado é que muitos pais, professores e ministros cristãos não têm nenhum contato com a realidade da presente geração, dentro e fora da igreja, e vivem como se tivessem desenvolvido um dialeto próprio, que jamais será compreendido, nem mesmo por seus próprios filhos, porque ele soa como uma língua estrangeira.

O cristianismo histórico pode ser comunicado ao homem de maneira perfeitamente compreensível, porque ele contém provas espaço-temporais que oferecem evidências de que Cristo é o Filho de Deus, o Messias prometido no Antigo Testamento. Os fatos do evangelho ocorreram na história, foram passíveis de verificação por testemunhas oculares e comunicadas verbalmente e por escrito (ver Lucas 1.1-4). O cristão deve se empenhar em transmitir

claramente as razões de sua fé, antes de convidar a pessoa não-cristã a tomar uma decisão. Esse trabalho de base é indispensável para que o homem tenha uma compreensão adequada da verdade, pois o conhecimento precede a salvação. Se lhe dissermos que “apenas creia”, estaremos pedindo que ele continue a fazer o que tem feito até então: dar um ‘salto de fé’.

O autor diz que quando é questionado em relação ao propósito da vida, costuma citar o primeiro mandamento, pois, segundo ele, o amor a Deus encerra tudo. O mandamento de amar a Deus implica que há um Deus pessoal e que o homem criado por Deus também é pessoal e capaz de amar. Contudo, Schaeffer diz que é necessário dar as respostas do cristianismo histórico evitando o emprego de chavões religiosos e redefinindo alguns termos (por exemplo, Deus, culpa, pecado e outros), a fim de comunicar efetivamente o evangelho ao homem moderno, sem comprometer o conceito verdadeiro do cristianismo.

O resumo desta argumentação de Schaeffer é a seguinte: a igreja tem o dever de exibir a marca do amor ao mundo e, ao mesmo tempo, ser capaz de dar razões da esperança cristã. Amor romântico sem ortodoxia é ‘salto de fé’. Ortodoxia sem amor real é letra morta. Amor e ortodoxia, no poder do Espírito Santo, são a missão da igreja.

[36] Schaeffer apresenta uma abordagem bem contextual do amor cristão ao falar da quebra de preconceitos. Mais uma vez o amor é a pedra de toque do cristianismo em comparação com as demais religiões, filosofias e formas de pensamento. Somente a demonstração de amor permite à igreja cumprir sua missão como ordenada por Jesus. A história tem mostrado inúmeras vezes que, quando a igreja cristã se reduz a uma mera instituição, ela se torna uma religião medíocre, que faz lembrar as palavras de Jesus no Sermão do Monte: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido... para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” (Mateus 5.13). O Senhor advertiu claramente que a vocação e a natureza da igreja não se reduzem a um mero sistema religioso institucional. Ele usou também a figura de luz para definir a missão da igreja. A figura da candeia pode nos ajudar a entender a natureza desta missão: o fogo é luz mas também é calor. O fogo é luz que revela a verdade – santidade – mas também é calor que aquece e convida –

amor genuíno. Não é possível separar a luz do calor do fogo. Quem é suficiente para esta missão? Somente cristãos submissos a Cristo e dependentes do poder do Espírito Santo.

A grande marca da igreja primitiva que causou impacto crescente em todo o império romano, sem sombra de dúvida, foi o amor entre os irmãos. Analisando friamente, como poderia aquela pequena seita de galileus, desprezada pelos líderes religiosos do judaísmo, ter relevância para um mundo helênico-romano, considerado o auge da civilização ocidental antiga? Uma mera pregação doutrinária teria se esvaziado no debate acadêmico com outras inúmeras correntes filosóficas da época. Mas o amor ágape entre ricos e pobres, entre senhores e escravos, gentios e judeus abalou a estrutura daquela sociedade e provocou uma revolução que mudou o curso da história. Se há no mundo alguém que pode superar todas as barreiras é a igreja de Jesus. Por outro lado, não há nada mais repulsivo do que quando esta igreja, comissionada para demonstrar o amor de Deus, estabelece muros entre si, dividindo irmãos em grupos antagônicos, ou entre ela mesma e o mundo. A perversidade da igreja é mais perversa do que a perversidade dos ímpios e a escuridão dos cristãos é mais escura do que a escuridão dos não-cristãos, como disse Jesus "... caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!" (Mateus 6.23b).

Jesus disse que sua morte na cruz atrairia a ele todos os homens (João 12.32) e Paulo diz que a cruz de Cristo derrubou todas as barreiras entre os homens e Deus (Efésios 2.11-22). Como a igreja pode exercer seu ministério de amor em um mundo tão dividido em classes, partidos, preconceitos e ódio? O ponto de partida é aquele elemento que todos os homens têm em comum: a imagem de Deus. O cristão não ama o próximo porque ele é irmão de fé, da mesma igreja, mesmas idéias, partido, raça, país etc., mas porque ama a Deus e considera que aquele próximo, por mais distante que esteja da fé cristã, é alguém criado à imagem de Deus. Esse primeiro passo já seria suficiente para olharmos cada ser humano como alguém especial, seja rico ou mendigo, preto ou amarelo, brasileiro ou estrangeiro, da direita ou da esquerda. Este amor deve ser expresso na comunhão dos irmãos na igreja, mas também, como diz o autor, na solidariedade exibida pelo cristão "como fruto de uma salvação autêntica e

individual” em todos os setores da sociedade. Assim, não resta alternativa à igreja: ou ela cumpre sua missão e deixa brilhar a luz “diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai” (Mateus 5.16) ou ela não servirá para nada e será desprezada pela sociedade.

[37] A unidade da igreja visível deve capacitar os cristãos a darem mostras dos pressupostos cristãos indispensáveis à fé bíblica. Schaeffer diz que não devemos menosprezar a importância da instituição religiosa da igreja visível, mas, segundo ele, o novo mandamento vai muito além do relacionamento institucional. A igreja prova ser testemunha de Cristo quando exhibe o amor entre os irmãos e ao próximo, não por sua capacidade de se organizar como instituição. Segundo Schaeffer, embora a vida cristã consista em uma realidade individual – no sentido de que cada um deve dar o passo de fé por si mesmo – é na comunhão dos cristãos que o amor de Deus é plenamente manifesto ao mundo. A natureza da igreja não é o de “uma mera instituição”, mas de um grupo de pessoas redimidas individualmente, unificadas pelo Espírito Santo em torno de uma doutrina verdadeira, com vistas a uma missão específica na comunidade. A realidade coletiva deve ser um reflexo da realidade individual expressa na vida de cada cristão. Assim, a igreja deve exhibir tanto comunhão – aspecto interindividual – como comunidade – aspecto coletivo. Em todos os lugares, os cristãos devem exhibir a solidariedade verdadeira como fruto de uma salvação autêntica e individual, manifesta no ‘uns aos outros’ do Novo Testamento (*O Deus que Intervém*, p. 231).

[38] Ver Nota [14] sobre teologia liberal e ecumenismo.

[39] Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer aborda esta mesma questão da igreja invisível chamando a atenção para o equívoco comum em que os cristãos incorrem no que diz respeito ao conceito de igreja invisível. Em termos claros, a igreja é invisível no sentido de ser “composta por todos aqueles que são cristãos, vivendo em qualquer lugar do mundo” (p. 230), mas é bem visível no sentido de não estar escondida aos olhos do mundo. Logo, os cristãos não podem se defender das acusações do mundo, com respeito ao seu testemunho, afirmando simplesmente que pertencem à igreja invisível.

A realidade da Igreja invisível não substitui a necessidade de um testemunho visível de unidade real. O próprio Senhor Jesus, ao falar da missão da igreja, empregou figuras ligadas à visão: a igreja é luz do mundo e cidade edificada sobre um monte, assim não é possível ocultar o testemunho da igreja aos olhos do mundo (Mateus 5.14-16). O apóstolo Paulo afirma esta mesma verdade em Filipenses 2.15 ao dizer aos crentes que seu comportamento irrepreensível no meio de uma geração pervertida e corrupta sobressai como luzeiro nas trevas (ver Tito 2.8ss, 3.1-3, 1 Pedro 2.12). A igreja é chamada para viver em novidade de vida, firmada na obra consumada de Cristo e no poder do Espírito Santo, exibindo uma cura substancial, individual e coletiva dos conflitos (p. 230). Quando o mundo percebe esta realidade, é impossível encobrir o testemunho da igreja quanto à autenticidade do evangelho. Como já foi comentado quanto à cura substancial (Nota [26]), o mundo quer ver realidade mais do que perfeição.

[40] O autor refuta outros conceitos falsos de unidade que poderiam induzir os cristãos a se eximirem da responsabilidade do novo mandamento. De fato, os cristãos gozam de uma unidade posicional, como Paulo expressa em Efésios 3.4-6: um corpo, um Espírito, uma esperança, um Senhor, uma fé, um batismo e um Deus e Pai. Porém, como o próprio nome indica, esta unicidade é posicional, no sentido de que todo cristão que confessa a Cristo como Salvador é colocado nesta posição por um ato da graça de Deus. Sendo assim, ninguém pode colocar a si mesmo nesta posição, pois isto compete exclusivamente a Deus. Os cristãos partilham também da mesma condição legal diante da justiça de Deus, uma vez que foram declarados justos e estão quites com a lei de Deus. (ver Nota [48]) A conclusão lógica é que a unidade referida em João 13 e 17 não pode estar se referindo à unidade posicional ou legal, pois não faria sentido Jesus ordenar aos cristãos que praticassem o que está fora de seu alcance.

[41] Após descartar os falsos conceitos de unidade cristã, Schaeffer passa a apresentar a natureza da unidade da igreja referida em João 13 e 17, que ele chama de unidade prática. A unidade posicional e legal precede a unidade prática, pois é apenas com base na obra de Cristo que podemos vivenciar o amor entre os irmãos. Quando Paulo ensina sobre a unidade orgânica do corpo

de Cristo em 1 Coríntios 12, ele está recorrendo a um exemplo natural para explicar o espiritual. Primeiro, devemos observar que a cabeça do corpo é Cristo e que a unidade da igreja é com o Senhor. Paulo afirma que a unidade da igreja está fundamentada na mesma atitude do Cristo da cruz: todos nós fomos batizados em um só corpo pelo Espírito, no qual não subsistem diferenças (v. 13). Segundo, Paulo diz que a disposição dos membros no corpo de Cristo é obra soberana de Deus (v. 18), a fim de que não haja divisão nem desequilíbrio no corpo (v. 25). Finalmente, ele diz que a obra da unidade espiritual da igreja é completa e que os irmãos devem cooperar uns com os outros “com igual cuidado” – ou em outras palavras, “como a si mesmo” – “em favor uns dos outros” (v. 25). Devemos atentar para o fato que Deus proveu todas as bênçãos para a sua igreja em Cristo, e que estas bênçãos se apresentam na comunhão do corpo de Cristo. Isto implica também que muitas doenças, privações e sofrimentos advêm da quebra da comunhão dos irmãos.

[42] A tarefa dupla a que Schaeffer se refere aqui fala da natureza de Deus, pois ele é perfeitamente santo e perfeitamente amoroso, sem contradições. No que toca à santidade de Deus, o cristão deve apresentar a verdade de modo que ela não seja amenizada. Muitos cristãos, preocupados com a falta de comunicação entre eles e os não-cristãos, cometem o engano de comunicar o evangelho sem fazer uso adequado do sistema de antítese e dos pressupostos cristãos sobre os quais nossa fé se encontra fundamentada.

O amor de Deus é oferecido graciosamente ao mundo, mas é sacrificial, pois custou o alto preço da morte de Cristo. Quando Schaeffer fala em amor cristão, ele não está se referindo a uma emoção, mas a uma atitude de ‘pagar o preço’, de colocar-se no lugar do outro, amar o próximo como a si mesmo, ou, como diz o autor, “amor genuíno ... significa disposição para colocar-se totalmente à mercê da pessoa com quem estamos falando” (*O Deus que Intervém*, p. 186). A “tarefa dupla” dos cristãos também envolve dedicação sacrificial para testemunhar do amor e da santidade de Deus – não amor sem santidade, mas amor e santidade. Esta é a marca da unidade prática.

Como Schaeffer observa em suas obras, o valor do ser humano se origina do ato da criação e, portanto, o homem deve ser objeto de amor mesmo quando é confrontado com a verdade do cristianismo. Portanto, a motivação essencial da

missão cristã deve ser o amor de Deus, tratar cada ser humano como alguém único e especial e não como um número a ser alcançado. Se cremos que todos os homens foram criados à imagem e semelhança de Deus, temos de admitir uma origem comum. Assim, a pessoa que está diante de nós é nosso semelhante, não apenas no sentido biológico, mas também no sentido moral, intelectual e emocional (p. 186).

Todo homem, não importa quem seja ou o que faça, vive sob um ponto de tensão que gera desesperança. O primeiro desafio do cristão é descobrir onde se encontra o ponto de tensão de cada indivíduo e, no poder do Espírito Santo, tentar tocar o fundo da alma daquela pessoa. À medida que discute, ele deve impelir a pessoa às conclusões lógicas de seu próprio posicionamento, lembrando que isso não é um jogo intelectual em que se marca pontos favoráveis – isso seria cruel e não produziria nenhum resultado espiritual. A pessoa não deve ser pressionada além do necessário, porque o confronto pode ser doloroso. Ela deve sentir que, se estou agindo daquela maneira é porque me importo com ela. Lembre-se, amar é colocar-se no lugar da outra pessoa.

[43] A igreja deve ser um grupo de pessoas que demonstra um relacionamento saudável, os efeitos da ‘cura substancial’, em que cada cristão é um modelo da solução de Deus para o homem. Se dizemos que Deus criou o homem como ser pessoal, devemos demonstrar que as pessoas são importantes. Esta era a força da igreja primitiva, pois embora não fosse perfeita, exibia relacionamentos de amor que causavam admiração na sociedade. Deus confiou o ‘ministério da reconciliação’ à igreja – o que envolve persuasão e apelo aos homens, em um contexto de amor verdadeiro – e esta só pode exercê-lo no poder do Espírito Santo, pois não temos capacidade em nós mesmos de convencer ninguém (*O Deus que Intervém*, p. 232). O cristão depende totalmente do Espírito Santo para produzir os frutos da vida cristã, dos quais o amor é o primeiro (Gálatas 5.22; ver 1 Coríntios 13.13).

Neste livro, o autor tem enfatizado a importância do amor cristão no testemunho. Qual é, então, o peso da ortodoxia? Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer diz que o conjunto de absolutos de Deus são uma segurança para os cristãos, no sentido de que ele abre “todos os canais de comunicação pessoal viva com o Deus que existe” (p. 238). Ele diz que a vida cristã é abundante e

dinâmica, não estática ou legalista. O papel da ortodoxia não é ‘engessar’ a igreja, nem prover apenas uma base de legitimidade para as nossas ações, como se fôssemos “deuses finitos”. Os absolutos de Deus não são um fim em si mesmo, mas são o meio de comungarmos de um relacionamento de amor com Deus, vivendo uma vida plena com nosso Criador, de modo que o mundo possa ver na igreja um ‘projeto piloto’ do plano de Deus para a humanidade. O cristão tem o poder de viver uma vida bela e real, amando a Deus acima de tudo e todos e o próximo como a si mesmo.

O que Schaeffer ressalta neste ponto é que a ortodoxia sem amor ou o amor romântico sem ortodoxia não dão testemunho autêntico do evangelho, mas refletem uma imagem distorcida de Deus. A missão da igreja não se resume a uma atividade puramente intelectual – apologética da fé – mas também não deve se expressar apenas em amor romântico, sem fundamento. A esta altura, alguém poderia perguntar: Quem é suficiente para esta vida de santidade e amor? Schaeffer compara esta missão da igreja ao fruto que nasce nos ramos e que é sustentado pela árvore. O cristão jamais poderá exercer sua missão de testemunhar do evangelho e sustentar a ortodoxia na sua própria força. Nosso chamado é para “revelar a Deus, seu caráter e sua graça, na presente geração... apresentá-lo como pessoal, sagrado e amoroso” (idem). Schaeffer afirma que é até possível apresentar um cristianismo ortodoxo – porém morto, porque desprovido de amor, mas, nesse caso, não haverá testemunho de Deus. Somente por obra do Espírito Santo, o cristão será capacitado a exibir o caráter – santidade e amor – de Deus agora, e qualquer coisa menor do que isto não passa de uma “caricatura de Deus” (idem).

[44] O amor é o fundamento do evangelho. “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna” (João 3.16). O amor de Deus não é apenas uma palavra, mas é real e dá esperança à humanidade. Com base no amor de Deus, os homens não precisam mais andar desesperados e sem perspectivas, porque há razão para viver.

O pensamento moderno não consegue explicar o amor, porque lhe falta uma referência universal. Apartado de Deus, a palavra “amor” não possui nenhum sentido e seu valor se limita apenas ao nível do que é humano, e então surge o

dilema: o amor humano é vulnerável e pode degenerar para sentimentos bem inferiores. Quando o homem moderno admite que é resultado de um processo de evolução biológica, ele nega sua personalidade e reduz a si mesmo a um ser originado do impessoal. Schaeffer diz que, neste caso, todas as características que distinguem o homem – “esperança de propósito e significado, amor, senso de moral e racionalidade, beleza e comunicação verbal” – jamais terão plena realização, donde ele conclui que o homem assim não estaria no nível mais alto, mas “seria a criatura mais primitiva de toda a escala”. (*O Deus que Intervém*, p. 141).

Em *O Deus que Intervém*, Schaeffer desenvolve uma importante argumentação sobre a realidade do amor relacionada à natureza trinitária de Deus, a partir da qual é possível inferir o seguinte: se Deus fosse unipessoal, ele não conheceria o relacionamento com outra pessoa além dele mesmo. Sendo perfeito e absoluto como Deus unitário, ele subsistiria em forma isolada, fechado e completo em si mesmo. Se um Deus dessa natureza criasse o homem à sua imagem e semelhança, os seres humanos teriam uma natureza como que ‘autista’, em que o relacionamento seria impossível ou, como diz o autor, “os homens ficariam relegados a uma personalidade originada do impessoal” (p. 139).

Essa hipótese traria implicações profundas no universo criado, ao ponto que nada seria como é: primeiro, se Deus precisasse do homem para ter relacionamento, ele seria um Deus dependente; segundo, se Deus fosse fechado em si mesmo, ele não se relacionaria com sua criação; terceiro, caso Deus se relacionasse de alguma forma com a sua criatura, não haveria amor nem segurança de coexistência, ou seja, não haveria garantias de boa intenção da parte de Deus para com a humanidade; quarto, os seres humanos seriam incapazes de se relacionar com amor e, neste caso, a própria sobrevivência da espécie estaria ameaçada de extinção; em quinto lugar, se os seres humanos se relacionassem bem entre si, então eles seriam melhores do que Deus? Pois neste caso os homens seriam capazes de estabelecer um relacionamento que Deus não conheceria. Em linhas gerais, este é o mundo concebido pelo deísmo. Assim Schaeffer conclui que a perfeição de Deus está assentada na elevada ordem da Trindade, ou seja, um Deus que subsiste em três pessoas

em comunhão eterna, íntima e perfeita, que criou o homem à sua imagem e semelhança. É por isso que o homem necessita de amor e de relacionamento (p. 138).

Somente o cristão pode compreender profundamente o sentido do amor e vivê-lo “de fato, e de verdade”, em toda a sua beleza e plenitude. Em Cristo, o amor deixa de ser uma palavra sem sentido porque sua realidade se fundamenta no amor que sempre houve entre as pessoas da Trindade, desde a eternidade passada, antes que o mundo fosse criado. Se há amor na Trindade, então Deus é pessoal. Se Deus criou os homens à sua imagem e semelhança, então nós somos pessoais. Assim, quando amo, estou refletindo uma experiência que sempre houve em Deus. Eu posso me relacionar com Deus em amor, bem como posso amar os meus semelhantes. O amor de Deus é a referência universal do novo mandamento.

[45] A abordagem que o autor passa a fazer quanto às maneiras de expressar o amor na prática é muito significativa. Até este ponto, o leitor poderia pensar que Schaeffer está discorrendo sobre o amor como uma virtude cristã nobre e até ficar admirado com o tema. Mas então, ele faz uma inversão e traz o assunto ao chão real, dando a entender que amar é tomar atitudes simples e corajosas, em obediência a Cristo e na dependência do Espírito Santo.

Ao afirmar isto, Schaeffer manifesta uma visão acurada do evangelho de Cristo, demonstrando que não se trata de doutrina acadêmica, mas de novidade de vida. Como ele próprio diz, pode até parecer decepcionante que o novo mandamento seja praticado em situações tão simples. Mas este é o próprio coração do evangelho. E é também uma cilada para todo cristão espiritualizar os princípios bíblicos, eximindo-se da obediência a Deus. Schaeffer tem esta habilidade de ser, ao mesmo tempo, teólogo de notável qualidade e um cristão piedoso e sincero, que vê a si mesmo, mais como um evangelista do que como um teólogo. Jesus também não se impressionou com os mestres religiosos de seu tempo e cativou multidões de seguidores ao pregar as boas novas do reino de Deus em linguagem simples, ministrando diretamente às necessidades das pessoas. Primeiro, Schaeffer fala da disposição de reconhecer o erro e pedir perdão.

[46] No relato dos evangelhos, não se lê conceitos teológicos complexos, mas instruções para uma vida santa e piedosa em comunhão com Deus. Jesus disse que, quando há ofensa entre os irmãos, a responsabilidade pela reconciliação é de ambos – do ofensor e do ofendido. Ao ofensor ele disse: “se ... lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão” (Mateus 5.23, 24); e ao ofendido: “se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só” (Mateus 18.15); de modo que eles deveriam se encontrar no meio do caminho, indo um em direção ao outro, cada qual procurando resgatar a unidade.

[47] Os ensinamentos de Cristo no Sermão do Monte sobre amar os inimigos e abençoar os que nos maldizem (Mateus 5.44) e as recomendações de Paulo nas epístolas quanto a sujeitar-nos uns aos outros (Efésios 5.21), considerar os outros superiores a nós mesmos (Filipenses 2.3) ou dar honra aos outros em amor (Romanos 12.10) aduzem que o cristão deve estar sempre pronto a pedir perdão e a perdoar. Porém, o cristão sempre o fará na medida de sua fé no perdão que ele mesmo recebeu de Deus. Como Jesus ensinou na parábola do credor incompassivo (Mateus 18.23-35), os perdoados perdoam facilmente porque compreendem que, se Deus rasgou a dívida impagável de seus pecados, o mínimo que podem fazer é perdoar as ofensas sofridas (Lucas 7.47). Na verdade, os perdoados perdoam de antemão, adiantando ‘crédito em perdão’ aos seus irmãos, pois a base de seu perdão é o perdão eterno de Deus em Cristo (Efésios 4.32 – 5.1; Colossenses 3.13).

Devemos nos lembrar que o novo mandamento está fundamentado no amor de Jesus – “assim como eu vos ameí” (João 13.34). O raciocínio é óbvio: Como Jesus nos amou? Jamais poderíamos esgotar a resposta a esta pergunta, mas podemos nos basear no que o próprio Jesus disse logo depois: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15.13). É por isto que Schaeffer, muito acertadamente, associa o perdão ao amor. O amor não é apenas um discurso cristão, mas uma prática verdadeira. Podemos concluir que o ambiente próprio do amor cristão é a graça de Deus, pois onde não há graça perdoadora, não pode subsistir o amor.

[48] Schaeffer assinala que o fato de as pessoas estarem vivendo cruamente o dilema existencial representa uma oportunidade para os cristãos, visto que

estes são portadores de boas novas para um mundo que não tem uma solução razoável (*O Deus que Intervém*, p. 76). Para Schaeffer, dizer que todas as religiões são iguais é um absurdo, porque elas diferem em um ponto fundamental: quem Deus é. Somente a Bíblia apresenta um Deus pessoal infinito que existe. Os cristãos deveriam se alegrar à semelhança de um negociante que entra em um mercado novo com um produto altamente competitivo e sem concorrência, embora isto não garanta que as pessoas vão consumi-lo. Nesta parábola, o produto é o único adequado em relação aos outros produtos, mas é suspeito em relação aos consumidores, pois por algum motivo, embora eles precisam do 'produto', desconfiam e nem sempre o aceitam.

Todo pensamento humano se resume a desespero, pois não oferece respostas satisfatórias ao dilema do homem. O cristianismo, por sua vez, fala de um Deus que existe, que se relaciona com o homem e que confere sentido a sua existência. A Bíblia é realista quanto ao estado decaído do homem, mas oferece uma esperança fundamentada na verdade, que pode ser compreendida, investigada e provada historicamente. O cristianismo é totalmente oposto ao humanismo otimista, que atenua o dilema humano, mas também ao niilismo, que diz que o homem é nada. O cristianismo concorda que o homem moderno se encontra em dilema e desespero, mas diagnostica o problema e oferece uma solução baseada na verdade. A "verdade verdadeira" afirma que o homem é realmente culpado em todos os aspectos e por isso ela não dá esperança para o melhoramento da humanidade – pelo contrário, a Bíblia traz o homem de volta ao início – o relacionamento com Deus.

A queda causou a separação entre Deus e o homem e causou uma questão jurídica complexa: (1) o homem transgrediu a lei de Deus e a lei determina que "a alma que pecar esta morrerá" (Ezequiel 18.4). A condenação à morte não é capricho de um Deus despótico, mas reflete a firme determinação de um Deus santo em não permitir a propagação do mal moral em seu reino, por uma questão de justiça; (2) Deus ama os seres humanos, mas tem que executar a justiça legal. De sua parte, Deus não poderia perdoar a humanidade arbitrariamente, e da parte dos homens, nenhum homem poderia redimir a humanidade, porque estaria sob a mesma condenação e sua morte seria

apenas a execução dele próprio como pecador. De um lado, o conciliador entre Deus e os homens deveria ter a estatura de Deus, mas, de outro lado, somente um homem deveria tomar o lugar dos homens. Ninguém menor do que Deus poderia resgatar a humanidade. Assim, o substituto legal deveria ser Deus e ainda ser um homem perfeito, sem culpa e aceitável a Deus. Então, por obra exclusiva da graça de Deus, ele proveu a solução: a encarnação de Jesus, o Deus-homem, Cordeiro santo e perfeito, que ofereceu voluntariamente seu sangue inocente a favor da humanidade, rasgando a dívida com a lei e resgatando os homens da maldição do pecado. É precisamente este o significado da declaração de Jesus ao render o espírito na cruz: “Está consumado” (João 19.30). Assim, quando uma pessoa recebe a Cristo como Salvador, baseado na obra da cruz, Deus, como juiz, declara tal pessoa sem culpa. A justificação é um ato declaratório, instantâneo, mas com validade eterna, que resolve a culpa e restaura o relacionamento entre o homem e Deus que havia sido quebrado pelo pecado.

Assim como há culpa moral verdadeira diante de um Deus pessoal, há também uma solução verdadeira, eficaz e suficiente da parte de Deus. Esta solução baseia-se na natureza de Deus que é totalmente santo e totalmente amoroso. O Deus Criador amou ao mundo de tal maneira que enviou seu próprio Filho para morrer na cruz no tempo e no espaço. Cristo tornou-se o nosso Sumo Sacerdote, ou Sumo Pontífice, o único Mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2.5). A morte de Cristo foi expiatória, propiciatória e substitutiva e de valor infinito e, com base neste ato, Deus pode perdoar a culpa e restaurar o relacionamento do homem consigo mesmo. Não se trata da avaliação que o homem faz da morte de Cristo, mas do fato que o sangue de Cristo foi oferecido a Deus pelo resgate da humanidade, e que Deus o considerou aceitável. Desta forma, embora Deus não remova o absoluto moral, ele provê a solução completa para o dilema do homem.

[49] O salmista diz que “a intimidade do Senhor é para que os temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Salmos 25.14), dando a entender claramente que a revelação se dá na comunhão individual do cristão com Deus. A revelação da verdade é dada a cada um, na medida da fé, da busca e da situação específica. Ela é individual e intransferível, ou seja, não é possível

ter revelação para outra pessoa; nós podemos compartilhar com os outros as revelações que recebemos na comunhão individual com Deus, mas apenas para edificá-los e levá-los a buscarem a Deus. Por outro lado, convém lembrar que nenhum indivíduo ou instituição pode arrogar ter a revelação exclusiva de Deus, pois o Todo-Poderoso se revela plenamente na comunhão do corpo de Cristo.

O cristão deve também buscar o crescimento e a maturidade na fé. À luz de Efésios 4.13, 14 e seguintes, deduz-se que é necessário alcançar certa maturidade a fim de compreender a verdade do evangelho em sua inteireza. A parábola do semeador retrata a Palavra de Deus como uma semente, que germina, cresce e dá fruto, indicando que cabe ao cristão desenvolver o conhecimento da verdade e Paulo nos diz que devemos andar de acordo com o que já recebemos (Filipenses 3.16). Às vezes, os cristãos não estão preparados para receber revelação da palavra de Deus. Este foi o caso quando Jesus disse aos discípulos, pouco antes da cruz, que não podia lhes dizer certas coisas naquele momento porque eles ainda não podiam suportar (João 16.12). Também o autor da Carta aos Hebreus repreende aqueles irmãos dizendo que haviam se tornado “tardios em ouvir” e quando já poderiam ser mestres, tinham que aprender tudo de novo (Hebreus 5.11, 12; ver 1 Coríntios 3.2). A figura natural do desenvolvimento de uma criança serve para ilustrar este fato: para compreender certas informações, a criança deve ter alcançado o nível de maturidade adequado, senão a informação não lhe fará sentido algum. Da mesma forma, os cristãos devem desenvolver diligentemente a salvação, crescer no conhecimento e na graça, a fim de que Deus lhes conceda revelação de sua Palavra.

A obra completa de Jesus Cristo apresenta também a cura da alienação do homem em relação a si mesmo e a seus semelhantes, que o autor chama de “cura substancial”. Esta cura está em curso na vida do cristão e produz resultados reais, embora não perfeitos, no sentido absoluto. Porém, diz Schaeffer, na vida presente devemos demonstrar ao mundo, a “cura substancial” de nossos relacionamentos. Isto significa andar em humildade, perdoando e pedindo perdão, tudo isto em amor para com todos os homens. (Para mais explicações sobre a solução de Deus, ver Apêndice [G].)

[50] É interessante notar o que Schaeffer diz sobre a perfeição de Deus e a perfeição progressiva do cristão (ver também página ___). Primeiro, o cristão deve ter bem estabelecido em sua mente que ele depende totalmente de Cristo, como os ‘ramos’ dependem da ‘videira’: “sem mim nada podeis fazer” (João 15.5). Em segundo lugar, os cristãos são chamados à perfeição: “sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mateus 5.48) e “sede santos porque eu sou santo” (1 Pedro 1.16). Este é o paradoxo da vida cristã, entre o ‘já’ e o ‘ainda não’. Já fomos justificados, mas ainda não glorificados. Já fomos inseridos no corpo de Cristo, mas ainda gememos as dores do mundo.

Schaeffer observa que, embora o padrão seja o próprio Deus, não se deve ter uma noção romântica de que os cristãos têm de ser absolutamente perfeitos e santos aqui e agora, do contrário, serão destruídos. Em *O Deus que Intervém*, ele diz que muitas vezes os cristãos destroem suas vidas ou as vidas dos outros porque acham, erroneamente, que eles devem ser imediatamente perfeitos, desconsiderando a obra santificadora de Deus, que é permanente e progressiva, como um fermento que leveda toda a massa (Mateus 13.33).

A ordem é não pecar e ser perfeito e santo como Deus; mas, se pecar, o cristão tem o remédio citado pelo apóstolo João: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, [nós] temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 João 2.1, grifo do autor). Schaeffer observa que o próprio João, o discípulo amado, inclui-se a nós. De um lado, devemos rejeitar qualquer referencial que não vise a perfeição de Deus, mas, por outro lado, devemos rejeitar qualquer idéia de perfeição absoluta nesta vida. Podemos concluir que o cristão deve ser perfeito conforme o que já recebeu de Deus, porque isto é o que Deus espera dele (Filipenses 3.16; Provérbios 4.18). São muitas as figuras para demonstrar como é o caminho da perfeição. Considere o plantio da uva, por exemplo, que ao longo do processo de amadurecimento é acompanhado pelo viticultor. O fruto deve estar bom para cada fase. Não é possível colher uva madura antes do tempo. O fruto, mesmo verde, se estiver saudável, será considerado perfeito para aquele dado momento. Paulo disse que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus (Romanos 8.28), querendo dizer que Deus usa soberanamente todas as circunstâncias para um determinado alvo. Qual é este

‘bem’ visado por Deus? Precisamente o que está expresso naquele contexto: transformar-nos à imagem de seu Filho (Romanos 8.29). Assim, o alvo final de Deus na vida do cristão é a transformação do caráter à semelhança de Cristo (Efésios 4.11-16).

Conclui-se, então, que o cristão, quanto lhe couber, deve buscar a perfeição e a santidade de Deus e não se conformar com nada menos do que este padrão. Ao mesmo tempo, o cristão padecerá angústias e sofrimentos na carne a caminho da perfeição. Em todo este processo, porém, o cristão tem a garantia do perdão e do amor de Deus, da vitória em Cristo e da assistência do Espírito Santo.

[51] Schaeffer enfatiza que a apologética final – no sentido de ser a ‘melhor’ – do evangelho é aquilo que o mundo pode observar tanto na vida do cristão individualmente, quanto nos relacionamentos coletivos dos irmãos. A igreja deve considerar que ela é uma ‘vitrine’ do amor de Deus para o mundo, que ela tem o ministério de ser luz do mundo, e que as pessoas observam os cristãos buscando evidências da realidade do evangelho que eles proclamam. Se tudo o que a igreja tem a mostrar são os efeitos do Novo Testamento sobre o indivíduo, o mundo certamente encontrará alguma explicação para eles. Contudo, eles não poderão explicar a evidência de uma cura substancial nos relacionamentos e na conduta dos cristãos hoje. Schaeffer diz que o testemunho das gerações passadas não ajuda a igreja de hoje, pois as pessoas querem ver como a igreja vive a vida cristã no nosso tempo, como ela enfrenta os problemas da atualidade. O autor diz que, mais importante do que se engajar nas lutas sociais deste tempo, a igreja deve exibir ‘cura substancial’ em seus relacionamentos, como um ‘projeto piloto’ da vida cristã neste tempo. A igreja, como grupo, deve ser capaz de demonstrar o amor real, de provar que Jesus, de fato, foi enviado pelo Pai.

[52] Convém refletir detidamente sobre esta colocação de Schaeffer a respeito do amor visível entre os irmãos: se o amor é a principal marca da igreja de Jesus Cristo, é razoável concluir que é exatamente neste ponto que a igreja será mais atacada pelo inimigo. Paulo demonstra preocupação com a unidade da igreja de Corinto quando diz claramente aos irmãos que perdoem alguém da igreja que havia pecado “... para que Satanás não alcance vantagem sobre

nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (1 Coríntios 2.5-11). Este trecho, em especial, deixa transparecer uma advertência: nós devemos vigiar constantemente para preservar a comunhão com os irmãos, porque o diabo tem desígnios que visam objetivamente destruir a unidade do corpo de Cristo. A igreja deve observar que se o amor entre os irmãos tem tamanho poder de testemunho, o reverso também é verdadeiro, e por isto, o diabo concentrará esforços nesta área.

Na realidade, não sobram muitas opções ao diabo frente à igreja, o que lhe coloca em uma posição desesperadora. Paulo diz em Romanos 8.38-39 que somos absolutamente protegidos pelo amor de Deus: “Nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. Assim, nem mesmo a morte, o último inimigo a ser vencido (1 Coríntios 15.26), pode derrotar o cristão, porque, se na mais grave hipótese, o diabo atentar contra a vida de um cristão e matá-lo, nada mais estará fazendo do que abreviar seu encontro com o Senhor. Portanto, a tática do inimigo é a de sempre, ou seja, lançar dúvida sobre a palavra de Deus e levar o cristão à incredulidade e ao esfriamento.

Para completar esta idéia, em Apocalipse 2.4, Jesus adverte severamente a igreja de Éfeso: “...tenho porém contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”. Não obstante os efésios fossem ativos, perseverantes e zelosos da doutrina, eles foram exortados ao arrependimento, porque haviam deixado de dedicar ao Senhor o seu ‘melhor’ amor. O texto prossegue dizendo que se não houvesse arrependimento, aquela igreja seria ‘apagada’ de seu lugar e não haveria mais testemunho cristão.

Assim, a lição é bastante clara: (1) o ministério de amor tem um alcance universal, porque dá testemunho da natureza de Deus, da obra de Cristo e porque os homens reagem ao amor, pois, como já foi dito, foram criados à imagem de Deus; (2) o diabo concentra esforços para destruir o relacionamento do homem com Deus e com os irmãos. Jesus nos alertou que, à medida que o pecado se agravasse no mundo, muitos cristãos abandonariam

o amor (Mateus 24.12). Então, concluímos que o amor é a nossa maior arma e, não obstante, nosso ponto mais fraco.

[53] A questão proposta por Schaeffer demonstra como o amor é prático e não teórico ou filosófico. Ela apresenta uma aparente desconexão: de um lado, preservar a unidade do corpo de Cristo, e, de outro, não transigir com o que está errado. Se a igreja tem um ministério de 'luz do mundo', é inerente que ela manifeste os pecados do mundo. Ora, como podemos manifestar os pecados do mundo, se nós mesmos encobrimos os pecados cometidos entre nós na igreja? Assim, voltamos à situação de 1 Coríntios 5.1-5: a igreja estava tolerando atos de imoralidade em seu meio, que não era comum encontrar nem entre os não-cristãos! Paulo os exorta a julgar o pecado e disciplinar o irmão faltoso – santidade. Mas em 2 Coríntios 2.5-11, Paulo chama a atenção dos coríntios porque haviam deixado de restaurar a unidade – amor. Ademais, cada cristão sabe por experiência própria o que o amor de Deus fez em sua vida, como Deus o fez encarar a dor do pecado, para enfim conduzi-lo ao arrependimento e à alegria do relacionamento pessoal com Deus. Esta é a singularidade do amor de Deus: fere e sara, despe e reveste, derruba e torna a erguer e firmar!

Portanto, para ser prático, o autor apresenta algumas maneiras de demonstrar amor: primeiro, o cristão deve ser longânime para com os irmãos faltosos; segundo, quanto maior a ofensa, maior a necessidade de demonstrar amor; terceiro, pagar o preço de demonstrar o amor, mesmo em situações embaraçosas; quarto, abordar o problema com desejo de resolvê-lo, e não de ganhar uma disputa; quinto, ter o equilíbrio para, de um lado, não transigir com o erro e, de outro, manter a unidade em Cristo.

[54] Schaeffer levanta uma questão muito pertinente quanto à natureza das divergências que permeiam a vida da igreja. Tendo como pano de fundo a unidade do corpo de Cristo, conquistada com base na obra de cruz, devemos perguntar a nós mesmos: que tipo de divergência pode ser tolerada como natural entre nós? Estas divergências ferem a comunhão da igreja? Inicialmente, devemos observar que unidade não é o mesmo que uniformidade. Unidade fala de harmonia, união, ligação, junção e concordância, ao passo que uniformidade é ausência de variedade, 'produção em série'. A figura do corpo

aplicada por Paulo à unidade da igreja é bastante para indicar que há diversidade na igreja (1 Coríntios 12.4-7) e que isto coopera a favor da comunhão dos irmãos – “visando a um fim proveitoso”. Paulo fala que em Cristo não há judeu, nem grego, nem escravo, nem liberto, nem homem nem mulher, “porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3.28) e “Cristo é tudo em todos” (Colossenses 3.11). Conclui-se, então, que a unidade na diversidade do corpo de Cristo expressa a riqueza da graça de Deus; mas a uniformidade é ‘linha de montagem’, obra humana. São as diferenças dentro da unidade da igreja que lhe permitem expressar a plenitude do amor de Deus, na medida em que convive com diferenças sociais, culturais, raciais, políticas – em amor.

Porém, Schaeffer está falando aqui das divergências que ferem a unidade cristã. Paulo repreende os coríntios chamando-os de carnais por tolerarem ciúmes e contendas entre eles, permitindo que a igreja se fracionasse em partidos (1 Coríntios 3.3-5). “O só existir entre vós demandas é completa derrota para vós outros” (1 Coríntios 6.7). Em sua carta, Tiago vai direto ao ponto, dizendo que onde há inveja e sentimentos facciosos, a porta está aberta para todo tipo de confusão e de cousas ruins (3.16); e, com a franqueza que lhe é peculiar, acrescenta: estes sentimentos são de origem mundana, carnal e demoníaca (3.15). Portanto, a lição é que nós devemos ter muito cuidado com as divergências que surgem no meio da igreja, buscando a sabedoria de Deus, sendo “tardio para irar, porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tiago 1.20). Finalmente, cabe lembrar as palavras de Paulo quando, invocando o exemplo do próprio Cristo, diz aos filipenses: “... penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade” (Filipenses 2.2,3).

[55] No primeiro ponto, Schaeffer chama a atenção para a natureza das divergências entre os irmãos e como devemos resolvê-las. Neste ponto, ele acrescenta o aspecto da visibilidade das ações da igreja no mundo e potencial de repercussão das divergências fora dos limites da igreja. “Vós sois a luz do mundo”. O outro aspecto desta comissão é que a igreja é sempre observada pelo mundo, visível como uma ‘cidade edificada sobre o monte’. Ao mesmo

tempo em que a igreja lança luz sobre as obras do mundo, o mundo também olha para a luz. Lembre-se de que o mundo tem o direito de olhar para a igreja em busca, não de perfeição propriamente, mas de realidade e coerência. A questão, portanto, é o que o mundo vê na igreja e se esse testemunho corrobora a pregação ou não. Algumas divergências são *interna corporis* e efetivamente não são relevantes para o mundo, enquanto que outras causam impacto e comprometem a comunhão cristã e nosso testemunho perante o mundo. Nestes casos, diz ele, o cristão deve demonstrar o amor e a santidade de Deus, em obediência a Deus e na dependência do Espírito Santo. Isto envolve ser honesto em relação ao pecado e amável para com os irmãos envolvidos, a despeito da gravidade das ofensas sofridas. Portanto, a igreja deve olhar como anda no mundo a fim de trazer glória a Deus e não escândalo (Mateus 5.16; 18.7; Romanos 16.17, 2 Coríntios 6.3).

[56] Nesta terceira sugestão, Schaeffer ressalta o fato que o amor é prático e não simbólico. Quando ele diz que o amor é a marca do cristão, ele não está querendo dizer que o amor é um sinal, um carimbo, uma etiqueta ou um broche que o cristão traz na lapela. Ele deixa isto bem claro logo no início deste livro. Pelo contrário, o amor é a marca do cristão no sentido de que é o que mais sobressai na conduta cristã a olhos vistos; o amor é o que caracteriza mais fortemente a vida da comunidade cristã. Como Jesus disse, o mundo não poderia deixar de reconhecer que os cristãos são seus seguidores, ao verem como eles amam uns aos outros. Não é a igreja que dá testemunho de si mesma, mas é o mundo.

O mundo reconhece o amor de Deus na igreja, justamente porque não é como o amor do mundo. O amor de Deus é santo e a santidade de Deus é amor, sem contradições. O amor de Deus é perfeito e justo. Por ele fomos salvos e reconciliados com Deus e é este amor que Jesus deseja demonstrar ao mundo a fim de atrair os homens a si mesmo. Não podemos imaginar que outra espécie de amor cumpra a obra que Deus confiou à igreja.

Como podemos praticar o amor sem ferir a verdade? Quando temos um litígio com outro irmão, e ele se recusa a reconhecer o erro ou a restituir o dano, podemos abrir mão de exercer o direito de demandar contra a pessoa em favor da unidade cristã – amor –, sem contudo menosprezar o erro – santidade.

Quando sofreremos o dano por amar a Deus e perdoamos o irmão, devemos lembrar que Deus é santo e justo. A Deus pertence a vingança e ele julgará todas as coisas (Romanos 12.17-20; 1 Tessalonicenses 4.6), de modo que quando deixo de retornar o mal com o mal, estou reconhecendo o direito legítimo de Deus como vingador e justo Juiz de todos. Schaeffer diz que não podemos ter ilusões de que a prática do amor cristão não nos custe nada. A Cristo custou a morte na cruz. Nossos irmãos ao longo da história e ao redor do mundo têm pagado cada qual o preço de amar a Cristo. Quando Paulo diz: “Por que não sofreis antes o dano?” (1 Coríntios 6.1-7), ele está deixando claro que a unidade cristã pode custar prejuízo – até mesmo financeiro.

[57] A Bíblia é um livro real, inspirado por Deus, cuja linguagem expressa claramente o sistema de doutrinas no qual se fundamenta o cristianismo. A Bíblia é a infalível Palavra de Deus, isenta de erros, mas ela não esgota a verdade. Schaeffer observa que a verdade não está associada apenas à ortodoxia, nem às crenças e nem mesmo às Escrituras. Segundo Schaeffer, a verdade do cristianismo se refere, não apenas aos conceitos religiosos, mas a tudo que existe, partindo do fato que Deus existe. É esta verdade que os cristãos precisam apresentar ao mundo, uma verdade integral, completamente bíblica, sem omissões nem acréscimos. Schaeffer diz que, se entendermos o que significa a revelação que temos na Bíblia, poderíamos fazer uma revolução no mundo (*O Deus que se Revela*, p. 57). Segundo o autor, o cristão pode falar da Bíblia, sem medo, em qualquer ambiente e sobre qualquer assunto, porque a Palavra de Deus fala do que é real. A Bíblia pode ser trazida à vida real, aos problemas reais do dia a dia, sujeita a investigação e a questionamentos (ver prova de veracidade na Nota [31]).

Schaeffer diz que quando apresenta a Bíblia para uma pessoa não-cristã, ele não apela para uma autoridade cega, como se a pessoa devesse simplesmente acreditar no que ele está dizendo sem questionar. Ele manifesta firme convicção de que a Bíblia dá testemunho de si mesma e pode sustentar-se a si mesma. Ele mesmo conta que se converteu analisando a Bíblia para certificar-se se ela era de fato confiável (*A Morte da Razão*, p. 95). Deus chama os homens a crerem e a fazerem prova dele. O livro de Atos registra um elogio

aos judeus de Beréia por terem tido o cuidado de conferir se as novidades que Paulo estava pregando eram coerentes com as Escrituras (Atos 17.11).

Schaeffer usa a expressão “Deus que aí está” como expressão equivalente a “Deus que existe” para confrontar o conceito da teologia moderna, que nega que Deus existe no sentido histórico e bíblico. Esse Deus que aí está também tomou a iniciativa de se comunicar com o homem. Para o autor, o primeiro mandamento – “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (Mateus 22.37) – reflete o conceito total da vida e da verdade, pois o homem só pode amar realmente um Deus que é real, pessoal e que se fez conhecer. Mas tal mandamento não fala apenas de Deus, fala também do homem. Se o homem pode se relacionar com seu Criador, então ele não é uma máquina, mas um ser pessoal capaz de amar e receber amor.

Mesmo caído e desfigurado pelo pecado, o homem não perdeu sua hombridade, ele não passou a ser um ‘nada’. Schaeffer diz que as realizações do homem em muitas áreas mostram que o homem não é um ‘zero’. O homem decaiu de seu relacionamento com Deus e, por isso, perdeu seu ponto de referência. Ao ser colocado no centro do universo, arrogando ser autônomo, o homem perdeu todo sentido. Por mais que lute, o homem moderno não consegue encontrar resposta para as duas perguntas fundamentais: “Quem sou eu?” e “Qual o sentido da vida humana?” Ainda que o homem tenha tentado respondê-las por meio de seu racionalismo ou fazendo uso de um “salto de fé”, ele fracassou. Somente a Bíblia responde estas perguntas com coerência e clareza, de modo que qualquer homem possa compreender e encontrar sentido para sua vida. A Bíblia não aponta para um salto no escuro, mas para um relacionamento com o Deus que existe.

[58] Neste ponto, Schaeffer chama a atenção para a atitude correta do cristão ao confrontar o irmão em pecado. O conflito entre irmãos é potencialmente destrutivo e gera conseqüências para a comunidade. Paulo disse aos coríntios que só o fato de haver demandas no meio da igreja representava um alto risco de derrota para eles, pois no corpo, ou todos ganham ou todos perdem (1 Coríntios 6.7). A maneira correta de confrontar o irmão em pecado é a que ele ensinou aos gálatas: “Se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois

espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (Gálatas 6.1). Portanto, ele ensina que, primeiro, o pecador deve ser corrigido, mas, segundo, os irmãos que corrigem devem ter em mente que apenas pela misericórdia de Deus é que eles estão em pé (1 Coríntios 10.12). A posição para tratar de pecado entre irmãos deve ser sempre horizontal, de ‘conservos’, com temor e humildade. A Bíblia demonstra que a implicação imediata de assumir posição superior é arrogar para si o papel de Juiz. Ao escrever aos romanos, Paulo repreende: “Tu, porém, por que julgas a teu irmão?... pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus” (Romanos 14.10). Somente Deus é capaz de julgar retamente porque ele tem o pleno conhecimento. Ele não vê como o homem, mas conhece o coração (1 Samuel 16.7). Se ele sendo Deus, dotado de juízo perfeito, é misericordioso e cheio de graça, quanto mais nós, que somos limitados e imperfeitos, devemos ser longânimes e misericordiosos para com os nossos irmãos. O pecado de um irmão não deve ser pretexto para sermos arrogantes para com ele, porque senão estaremos assumindo o papel de Juiz, pois como diz Tiago, “aquele que... julga a seu irmão... julga a lei; ora se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz”, e conclui: “Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode fazer salvar e fazer perecer” (Tiago 4.11, 12). Esta advertência é suficiente para nivelar a todos nós sob a mesma graça perdoadora, e requer de nós que tratemos os irmãos com humildade, sem tolerar o que está errado, mas também sem assumir postura de juiz.

[59] Neste último ponto, Schaeffer exorta à vigilância e à prevenção, partindo do fato que o equilíbrio entre a santidade e a unidade não é fácil, mas também pode ser encarado como uma oportunidade de demonstrar a realidade do evangelho ao mundo. Ele recomenda que os irmãos estabeleçam de antemão as atitudes a serem tomadas em caso de conflito entre eles, ou entre grupos, ou entre igrejas e denominações, a fim de que ninguém seja capturado em um conflito para o qual não se encontre preparado. Quando Paulo disse aos colossenses que eles deveriam suportar uns aos outros se tivessem queixa contra outrem, ele estava querendo dizer que o cristão pode, com base no perdão de Deus, abrir mão do direito de demandar contra o faltoso. “Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é vínculo da paz” (Colossenses 3.13-14).

Estes passos fundamentam a tese de que o amor é a marca por excelência dos cristãos, porque o amor transcende qualquer discussão acadêmica, filosófica ou teológica. O amor real é irresistível, porque toca a natureza humana como foi criada por Deus. É a exibição do amor que fundamenta a pregação do evangelho.

[60] Schaeffer reafirma sua convicção de que a igreja deve investir tempo em preparação. Em *O Deus que Intervém*, ele diz que se os pensadores cristãos houvessem pregado e ensinado com base nos pressupostos cristãos antes que a mudança na maneira de pensamento ocorresse, eles poderiam ter evitado um grande estrago entre os cristãos dos tempos modernos. Sem ensino firme, os cristãos perdem a vanguarda e ficam na defensiva. Ele insiste na necessidade de corrigirmos este erro histórico dentro da igreja.

Schaeffer defende, portanto, o sistema de prevenção. Ele enfatiza que os cristãos devem preparar a si mesmos e a seus filhos contra os conceitos arbitrários que a nova teologia está fornecendo à sociedade. Segundo ele, a teologia nunca deve ser vista isoladamente das outras disciplinas, como a filosofia, a arte, a música e a cultura em geral, pois seja qual for a época em que vivermos, o que influenciar aquelas áreas, mais cedo ou mais tarde, vai desafiar a igreja e a teologia. Schaeffer diz que as pessoas em nossa cultura já estão se acostumando a aceitar palavras e símbolos religiosos que na verdade são indefinidos e destituídos de conteúdo. A palavra Jesus, por exemplo, já não possui o conteúdo histórico verdadeiro e, por esse motivo, pode ser usada como uma bandeira para alcançar propósitos religiosos sociológicos que nada tem a ver, de fato, com os ensinamentos do cristianismo.

Quando, no passado, a igreja foi confrontada com influências que atentavam contra sua ortodoxia, os reformadores protestantes a fizeram voltar às suas origens; nos tempos modernos a igreja é novamente confrontada com um sistema de relativismo imposto pela nova teologia e pelo liberalismo. O cristão ortodoxo é o único que tem base para lutar contra o que está errado, contra o mal. Ele deve se colocar totalmente contra o conceito moderno relativista da verdade. O cristianismo se fundamenta na antítese bíblica; sem este método, ele perde o sentido, como ocorreu com a nova teologia. Schaeffer diz que, muitas vezes, o que o cristão faz é simplesmente manter o *status quo*, o que é

lamentável. Se Deus odeia tanto o pecado a ponto de Jesus ter morrido na cruz, argumenta Schaeffer, os cristãos devem ser os primeiros a lutar contra o que está errado e contra toda crueldade humana.

[61] Em *O Deus que se Revela*, Schaeffer levanta uma questão fundamental sobre a validade intelectual da posição cristã quanto à revelação de Deus – uma revelação ‘verbalizada’ e ‘assertiva’ ou ‘proposicional’. A revelação parte do fato de que há um Deus pessoal infinito, criador de todas as coisas. Schaeffer defende que a revelação resolve o problema da dicotomia no campo da epistemologia ao prover a unidade do conhecimento e estabelecer uma origem pessoal no ‘superior’. O fato de Deus ser pessoal e tomar a iniciativa de revelar ao homem sobre si mesmo e sobre o universo provê a unidade absoluta que os homens haviam buscado ao longo de toda a história humana.

O pressuposto cristão se assenta no fato da revelação: O Deus pessoal e infinito criou o homem à sua imagem e semelhança – um ser pessoal – e ele mesmo tomou a iniciativa de se revelar de forma inteligível para o homem, a fim de que este saiba como viver uma vida sã. A Palavra de Deus provê o padrão de uma moral verdadeira e também nos ajuda a articular nosso conhecimento e modo de pensar. Schaeffer diz que a própria filosofia atingiu a conclusão de que o problema se concentra na linguagem. Wittgenstein, por exemplo, afirmava que, fora da razão humana há apenas silêncio, ou seja, que além de nós, não há ninguém para falar. Heidegger dizia que devíamos ‘imaginar’ que em certo momento houve alguém que falou, sem contudo, oferecer nenhuma base histórica para tal argumento (ver Nota [28]). Assim eles demonstram que o problema se concentra na solidão do homem e no silêncio do universo. Há alguma voz lá fora para comunicar? De um lado, tem-se o homem verbal e, do outro, o silêncio total. Qual a explicação? E como a revelação resolve este problema?

Ele diz que a discussão sobre a revelação parte de dois pressupostos: primeiro, da uniformidade das causas naturais em um sistema fechado e, segundo, da uniformidade das causas naturais em um sistema aberto, sujeito a ser reordenado por Deus e pelo homem. No primeiro caso, não há como falar em revelação, pois qualquer conhecimento além da razão humana é absurdo. Neste caso, diz o autor, não há saída, pois nem mesmo é possível saber com

certeza sobre o próprio homem ou sobre o universo, uma vez que a razão se apóia no humano – particular. Por este ponto de vista, resta apenas o homem-máquina, desumanizado e sem esperança. O segundo caso, de conhecimento em um sistema aberto admite a revelação como fonte de conhecimento. Schaeffer diz que esta foi a base que permitiu o desenvolvimento da ciência, pois esta jamais poderia ter surgido em um ambiente de incertezas e pessimismo do homem moderno (*O Deus que se Revela*, pp. 106, 107), afinal, lembra ele, os primeiros cientistas tinham a certeza de que o universo podia ser investigado pela razão (ver Nota [28]).

Schaeffer diz que a própria antropologia moderna secular, embora não explique porque o homem é verbal, adota o critério da linguagem para determinar a diferença entre o humano e não-humano. Segundo os antropólogos, somente a lingüística pode distinguir o homem dos demais seres vivos. De fato, somente os seres humanos podem se comunicar de forma verbal, e tudo que vemos, sentimos, fazemos ou mesmo que pensamos está associado à linguagem.

Partindo, então, dos fatos da existência do único Deus pessoal infinito e de que ele criou o homem como único ser verbal, Schaeffer diz que o homem é verbal porque reflete o que sempre existiu na natureza de Deus, pois antes de toda a criação, o Deus triúno se comunicava na Trindade: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gênesis 1.26). Se Deus se comunica, o homem, criado à semelhança de Deus, também é verbal. Ora, diz Schaeffer, se Deus criou o homem com capacidade para se comunicar com os outros homens, é perfeitamente natural que o próprio Deus se comunique com os homens de forma proposicional e inteligível.

Assim, diz Schaeffer, há apenas duas opções: Se rejeitamos os pressupostos da revelação, não há nenhuma explicação para o homem e para o universo. Se aceitarmos a revelação, estaremos alcançando o fundamento universal do conhecimento, bem como estaremos alinhados ao que se observa na experiência humana. A revelação cristã não é mística ou abstrata, mas está em consonância com a realidade humana. Todos os homens são ‘obrigados’ a viverem em correlação com as coisas que existem como elas são de fato, mesmo que eles digam que não há sentido e tudo é absurdo. Tanto no campo da metafísica, da moral e da epistemologia, os homens não podem negar sua

singularidade, seu senso de moral e sua necessidade de sentido. As Escrituras oferecem a unidade de conhecimento, que fala do universo, do homem, da natureza e, sobretudo, fala de Deus. Somente a revelação bíblica resolve o dilema do homem: há um Deus que fala. “E disse Deus” ecoa por toda a Bíblia e por toda a história em todos os campos de conhecimento. O fato de haver um Deus como origem de tudo estabelece a inter-relação entre todas as coisas que existem de modo articulado e racionável. Deus criou o universo e criou o homem para viver neste mundo e não em Marte ou em Vênus. Não há caos no universo de Deus. Ele é o absoluto que dá sentido à existência e a todas as coisas (Colossenses 1.17; Hebreus 1.3). Como diz Schaeffer categoricamente: ‘Deus existe e não está em silêncio’.

[62] Schaeffer demonstra uma preocupação constante com a comunicação eficaz do evangelho às pessoas do presente século, de modo a levá-las ao relacionamento com o Deus pessoal. O nosso mundo é marcado por uma confusão de crenças. As estatísticas oficiais demonstram – e qualquer um pode observar isto – que o comportamento religioso do brasileiro está mudando rapidamente, a exemplo do que já ocorre em outros países ocidentais. Embora as pessoas declarem professar uma religião, esta é apenas uma identidade nominal, pois a prática religiosa está cada vez mais restrita ao campo do individual, constituída ao bel-prazer de cada um, resultando em uma mescla de várias influências que vão desde esoterismo, ocultismo, astrologia, bruxaria, animismo, terapias alternativas, filosofias orientais, objetos de sorte, gnomos, duendes até ‘simples’ superstições. Este fenômeno sociológico tem agravado o sincretismo religioso típico do brasileiro, levando ao enfraquecimento da identidade religiosa formal. Não causa estranheza que as pessoas procurem respostas para seus dilemas fora de seu sistema religioso, porque, enquanto se encontrarem destituídas do relacionamento com Deus, o que lhes resta, como já vimos, é o puro desespero. O problema é quando este comportamento atinge o terreno dos cristãos verdadeiros, outrora bem definido, e quando eles passam a assimilar sutilmente modismos duvidosos, contrários a fé cristã genuína.

Schaeffer diz reiteradamente que, antes de tudo, o cristão deve crer que o cristianismo é a revelação verdadeira de Deus, pois não há como comunicar o

que não conhecemos e muito menos argumentar sobre o que não temos convicção. O cristão deve também estar preparado para apresentar respostas às perguntas de qualquer um que lhe pedir as razões de sua fé, conforme já exposto em várias notas anteriores (ver Notas [21], [28], [32], [33], [35] e [42]). Para nos ajudar a superar as barreiras de comunicação, Schaeffer propõe um princípio muito valioso: o cristão deve discernir o que é imutável do que é mutável, ou seja, separar os pressupostos eternos do cristianismo, que não estão sujeitos à variação, dentre as circunstâncias históricas e mudanças sociais e culturais. Ele argumenta que nenhum cristão deve evitar, atenuar ou torcer os absolutos do cristianismo a pretexto de comunicar o evangelho às pessoas não-cristãs. Se fizer isto, mesmo que sinceramente, não estará mais falando do evangelho, mas de um sistema qualquer, desprovido de revelação divina. Por outro lado, se nos aferrarmos aos absolutos cristãos sem levar em conta as mudanças rápidas do mundo, estaremos falando para “ouvidos surdos” (*O Deus que se Revela*, pp. 103, 104). Este é o desafio dos cristãos: preservar a pureza do evangelho e ao mesmo tempo ser capaz de levá-lo ao homem de hoje, de associá-lo à realidade do mundo presente, de modo que o evangelho faça sentido e as pessoas entendam a nossa mensagem, tudo isto em oração constante para que Deus lhes dê revelação. Em *O Deus que se Revela*, Schaeffer diz que “cada geração da Igreja, em cada contexto, tem a responsabilidade cristã de comunicar o evangelho numa linguagem compreensível, levando em consideração a época e formas de pensamento daquele contexto” (p. 104).

Como fazer isto? Schaeffer deixa bem claro que não há regras rígidas. Justamente porque cremos que o homem foi criado por Deus e valorizamos a personalidade, devemos demonstrar isto tratando cada pessoa como única. Se aplicarmos regras rígidas de evangelização, estaremos demonstrando desrespeito pelo ser humano e tratando-o como máquina. Devemos saber quais são os pressupostos filosóficos que orientam o comportamento das pessoas ao nosso redor, sejam da classe média, pobres, empresários, trabalhadores, intelectuais, artistas, políticos, professores, qualquer um, em qualquer lugar. Toda pessoa, independente da classe social e do nível cultural, tem um conjunto de pressupostos. Mesmo que não expresse claramente as

suas crenças, a pessoa pauta sua vida por uma filosofia própria, uma visão de mundo, que não foi formada a partir do nada. Portanto, o autor diz que é fundamental compreender a diferença abismal que há entre a forma de pensar do cristão e do não-cristão.

Segundo Schaeffer, há três princípios que a igreja deve observar a fim de apresentar o cristianismo histórico em toda sua força e beleza: (1) manter a doutrina do cristianismo histórico integralmente; (2) dar resposta honesta para cada pergunta honesta; (3) demonstrar, com o exemplo de vida individual e coletiva, que Deus existe e que o cristianismo histórico é verdadeiro (*O Deus que Intervém*, p. 263).

Conclui-se que não há como pregar o evangelho sem recorrer diariamente ao Senhor em oração e depender totalmente do Espírito Santo. O cristão do presente século, mais do que qualquer outro do passado, deve conhecer bem a sua fé, alimentar sua convicção constantemente lendo e estudando a Bíblia, ouvindo sermões, conversando e discutindo a Palavra de Deus com outros, para edificação – não para mera polêmica – a fim de manter-se incontaminado das doutrinas estranhas. Ao fazer isto ele está apto a viver uma vida cristã saudável e a comunicar o evangelho com eficácia. Lembremos-nos de que o ponto de partida da evangelização é o amor a Deus e ao próximo e que, como diz Schaeffer, o “amor genuíno... significa disposição de colocar-se totalmente à mercê da pessoa com quem estamos falando” (*O Deus que Intervém*, p. 186). (Para mais comentários sobre a exposição do evangelho, ver Apêndices [G] e [H].)

[63] Ver Notas [12], [26] e [51] sobre apologética final.

[64] Evangeline Paterson (1928-2000), poeta irlandesa, editora fundadora da Revista Other Poetry. Para mais informações ver sítio: www.otherpoetry.com/.

[65] Por que Schaeffer encerra este livro com um ‘Lamento’? No prefácio, o editor original afirma que o poema é bem apropriado ao contexto. Que conclusões podemos inferir deste poema? Primeiro, a simples possibilidade de que a obra do Senhor seja realizada por alguém orgulhoso parece um contra-senso, afinal não é necessário uma concordância bíblica para sabermos que o orgulho é frontalmente oposto ao caráter de Deus e ao espírito cristão. Por toda

a Bíblia há advertências contra a soberba e o orgulho. Por exemplo, em Provérbios 16.5 está escrito: “Abominável é ao Senhor todo arrogante de coração; é evidente que não ficará impune”. O orgulho é a porta de entrada do pecado e o início da queda. Foi assim com o diabo e é assim com todos os homens que cedem à tentação de arrogar a si mesmos para além do que realmente são, mantendo-se rebelados contra Deus e negando a sua dependência do Criador. A conversão é justamente o caminho inverso: reconhecer a soberania absoluta de Deus, abandonar a rebelião arrogante e entregar-se a um relacionamento com Deus. Porém, ainda assim, é possível que pessoas façam a obra de Deus com orgulho e soberba.

Este é o tema da parábola do joio e do trigo: enquanto a igreja estiver no mundo, ela terá que conviver com o risco de mistura, de infiltração, de manipulações e contaminações (Mateus 13.24-30;36-43). Jesus disse que é inevitável que venham os escândalos, mas infeliz é a pessoa que lhe dá causa (Mateus 18.7). A Bíblia registra que já na igreja primitiva os apóstolos lutavam contra obreiros que faziam a obra do Senhor com atitude errada. Paulo dizia: “Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão!” (Filipenses 3.2, 3, 18, 19; ver também Gálatas 4.17; 6.12; Filipenses 1.15-18; 1 Timóteo 6.3-6; 2 Pedro 2; 1 João 4.1-6; 2 João 7-11; 3 João 9-12; Judas 4, ss). Paulo adverte os obreiros de Cristo: “Porém cada um vê como edifica” (1 Coríntios 3.10). Ao se despedir dos presbíteros de Éfeso, Paulo os previne de que viriam lobos para destruir a igreja, sendo que alguns destes surgiriam de dentro da própria igreja (Atos 20.28-31). A Timóteo, Paulo recomenda: “Torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (1 Timóteo 4.12). E: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2.15). Ele mesmo demonstra conduzir com cuidado o seu ministério para não correr o risco de ser desqualificado pelo Senhor (1 Coríntios 9.27). Pedro, bispo da igreja de Jerusalém, adverte seus colegas de ministério a pastorearem com boa disposição, sem exploração ou dominação, mas oferecendo-se como modelos dos irmãos. O próprio Jesus faz a advertência máxima àqueles que fazem a sua obra: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino de dos céus, mas aquele que faz a vontade

de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7.21). O cristão deve pautar sua conduta segundo a vontade de Deus, pois no dia do acerto de contas, Jesus renegará os maus obreiros dizendo-lhes: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mateus 7.23).

Então, para compreendermos melhor a advertência de Schaeffer por meio do poema “Lamento”, vamos voltar a João 13, texto base da tese defendida pelo autor neste livro, para analisar o contexto anterior àquele momento em que Jesus deu o novo mandamento aos seus discípulos. Lembre-se de que Jesus estava reunido com eles no cenáculo, noite de quinta-feira, última ceia daquela Páscoa que ele aguardava ansiosamente tomar com os seus seguidores mais próximos (Lucas 22.15). Nesse momento a sós, às vésperas da sua morte, ele pretendia dar as últimas recomendações e ensinamentos aos seus discípulos, o que está registrado nos capítulos 14 a 16, terminando com a oração sacerdotal em João 17.

Podemos imaginar que, após os recentes acontecimentos em Jerusalém, os discípulos estavam esperando receber as instruções mais importantes para o que criam iria ocorrer em seguida: eles pensavam que Jesus estava prestes a ser reconhecido como o Rei dos Judeus e quando isto acontecesse, eles ocupariam posições de destaque e de glória ao lado do Mestre. Seria a recompensa por aqueles anos de peregrinações e incertezas junto com o Senhor. Se esta era a expectativa dos discípulos, é possível supor que tenham discutido sobre quem deveria sentar à direita do Senhor ou o mais perto dele à mesa. Certamente não passou pela cabeça de nenhum deles oferecer-se para lavar os pés dos outros antes de tomarem a ceia, como seria o costume da boa hospitalidade. Entre os preparativos para a ceia no cenáculo estavam a bacia com água e a toalha, mas quem serviria àqueles hóspedes? A função de lavar os pés empoeirados e sujos dos hóspedes era tão reles que nem mesmo os servos se dignavam a fazê-la, sendo normalmente atribuída aos servos dos servos. Então, para espanto de todos, Jesus tira a sua capa, toma a bacia com água, cinge-se com a toalha e assume a posição de servo de todos. O que ele fez foi tão inusitado que podemos ver pela atitude de Pedro: “Nunca me lavarás os pés!” (João 13.8) Tendo terminado de lavar os pés de seus discípulos, Jesus voltou à mesa e disse: “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o

Mestre e o Senhor, e dizeis bem: porque eu o sou! Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13.12-15). O contexto do amor é o servir!

Entre esta lição de Jesus e o novo mandamento, ele institui a ceia da nova aliança. Jesus dá um exemplo vivo e depois estabelece o mandamento. Assim podemos ver que a passagem do lava-pés se liga imediatamente ao novo mandamento – é o pano de fundo. Esta lição prática juntamente com o novo mandamento tem o objetivo de estabelecer o conceito de autoridade e de serviço no reino de Deus como distinto daquele praticado no mundo: “Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lucas 22.25-26; ver Mateus 20.20-28; Marcos 10.35-45). O próprio Jesus se revela como o Rei-Servo, totalmente conformado à vontade do Pai, que não veio para ser servido, mas para servir: “Pois no meio de vós, eu sou como quem serve” (Lucas 22.27; ver Marcos 10.45). Assim, a lição de Jesus ao lavar os pés dos discípulos no cenáculo dá a definição, o sentido, a qualidade, a quantidade e a marca do amor verdadeiro: amar é servir o próximo segundo a vontade de Deus. Paulo expressa esta lição assim: “Levai as cargas uns dos outros, e assim *cumprireis a lei de Cristo*” (Gálatas 6.2; grifo acrescentado; ver também 1 Pedro 4.10). Nós só podemos ministrar a alguém de quem estamos dispostos a lavar os pés. Não que haja algo de místico ou especial na ação de lavar os pés literalmente, mas o que importa é a atitude de abaixar-se e servir, conforme a vontade de Deus e a necessidade da pessoa a quem estamos ministrando. Se não tivermos esta atitude, a nossa ministração é vã, é mera transmissão de conceitos. Nós estamos dispostos a “lavar os pés” do nosso irmão, do nosso próximo? A servir a abençoar outras pessoas, mesmo àquelas com quem não temos afinidade? Somente um coração mortificado, crucificado com Cristo, pode receber e expressar o amor de Deus pelo próximo, curvando-se para lavar-lhes os pés. Que o Senhor nos ajude!

UMA NOTA FINAL

Ao se despedir de seus discípulos, o velho apóstolo Paulo, sentindo o peso da responsabilidade pelas novas igrejas, advertiu-os quanto aos perigos e dificuldades que enfrentariam no futuro:

“O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios. Tais ensinamentos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência cauterizada... Nos últimos dias sobreviverão tempos terríveis. Os homens serão egoístas, avaros, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder... eles estão sempre aprendendo, e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade... [eles] resistem à verdade. A mente deles é depravada; são reprovados na fé. [Eles] não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos.” [1]

Nesta última nota, tomando por base estas palavras de Paulo, chamo a atenção do leitor para os desafios de Schaeffer e sua inspiração piedosa em relação à missão da igreja. Ele foi um apaixonado pelo evangelho e ler suas argumentações nos faz resgatar a confiança no tesouro que nos foi entregue: a Palavra de Deus. A revelação bíblica, de fato, tem todas as respostas para os dilemas do homem. Schaeffer nos desafia a conhecermos as perguntas e, então, buscarmos sabedoria para oferecer as respostas honestas às perguntas que as pessoas estão fazendo.

Schaeffer nos lembra reiteradamente que o homem é um ser maravilhoso, criado à imagem e semelhança de Deus, para viver e ‘funcionar’ em plena comunhão com o Criador. Por que então o homem se tornou potencialmente tão mau? Porque houve um corte na relação do homem com Deus, por causa do pecado – a Queda – que degenerou o ser humano e causou profundas

1

Textos bíblicos utilizados:

□ 1 Timóteo 4.1, 2; 2 Timóteo 3.1-8; 4.3, 4 (NVI)

seqüelas em sua natureza. Esta é a razão do desespero do homem não-cristão: criado por Deus e para Deus, mas agora condenado à separação de Deus pelo livre exercício da escolha. O homem, como ser moral, é dotado de liberdade, mas agora usufrui uma liberdade possível, pois não é livre de si mesmo, nem de sua vontade depravada. O mal moral viciou a liberdade do homem e corrompeu sua capacidade de tomar decisões corretas em relação a Deus sem, porém, isentá-lo da responsabilidade moral por suas decisões. Desta forma, temos o quadro descrito pelo salmista: “todos se extraviaram e juntamente se corromperam, não há quem faça o bem, não há nenhum sequer” [2], o que Paulo resumiu como “todos pecaram” [3]. O pensamento moderno está destinado a conviver com as conseqüências inevitáveis da ruína moral e da desesperança. Os homens do presente século não têm saída e eles sabem disto. Por meio do racionalismo, eles não encontram respostas para o sentido e propósito da vida. Pelo irracionalismo, eles se voltam para um misticismo interior que os deixa a sós consigo mesmos.

Logo, como ser salvo deste abismo? Grande pecado. Tão grande salvação! Muitas ofensas. Muito mais infinitamente graça! O que Schaeffer quer dizer é que nós temos um evangelho fantástico, digno de confiança, capaz de oferecer respostas concretas para os dilemas dos homens, de qualquer época e de qualquer lugar. A missão de levar a luz de Cristo ao mundo está a cargo da igreja. A Bíblia não diz que as trevas irão aumentando de modo a ofuscar a luz, mas, pelo contrário, que as trevas vão se dissipando e a verdadeira luz já brilha [4]. Somente a verdade de Deus fecha este abismo. Somente Deus pode prover a unificação do conhecimento e resolver o dilema humano. Somente Cristo pode transpor o abismo insondável que separa o homem de Deus. Como os homens saberão disto? Apenas por meio da Palavra de Deus. Quem levará a eles a Palavra de Deus? [5] Apenas os cristãos que amam a Deus e que estão preparados para anunciar o evangelho e responder as perguntas que os homens de hoje estão fazendo.

Schaeffer diz que os cristãos foram perdendo espaço na sociedade à medida que o racionalismo confrontava os fundamentos bíblicos, reputando a doutrina

² [] Salmos 14.1, 3

³ [] Romanos 3.23

⁴ [] 1 João 2.8

⁵ [] Romanos 10.14, 15

cristã como mítica e superada pela razão. Assustados e despreparados para oferecer respostas às novas teorias, os cristãos acabaram por se retirar de campo e adotar uma posição de defesa e de autopreservação. Schaeffer insiste que chegou a hora de os cristãos saírem de seus refúgios e assumirem uma posição de referência da sociedade, resgatando a grandiosidade do evangelho, lutando na linha de frente das questões de nosso tempo._

Se cremos que Deus é eterno, devemos desfazer o mito de que o evangelho é anacrônico e que os cristãos são retrógrados e antiintelectuais. Alguns de nós, a pretexto de sermos fiéis a Deus e à doutrina cristã, apegamo-nos a um estilo de vida considerado bom em épocas passadas, nas quais Deus abençoou de forma especial a sua igreja. Certamente Deus não ficou circunscrito a uma época histórica, porque ele é sempiterno [6]. Devemos nos lembrar que o evangelho de Jesus Cristo sempre esteve à frente de seu tempo e causou uma revolução nos tempos do Novo Testamento e em muitos períodos da história mais recente. Se cremos que a igreja é portadora da verdade do evangelho e que o evangelho é destinado a todos os homens, então devemos tomar a nossa posição de cidadãos do reino de Deus neste mundo, sendo fundamentalistas (no sentido real) sem ser antiquados; zelosos da fé, porém sem obscurantismo.

O Senhor não espera que nos escondamos do mundo em situações tão críticas. Enquanto aprouver ao Senhor manter sua igreja no mundo, ele espera que cumpramos a nossa missão fielmente. Pedro disse que, nos tempos do fim, as pessoas começariam a achar Deus muito demorado em cumprir suas promessas de redenção. Ao que ele responde: Deus é longânimo e deseja que todos cheguem ao conhecimento da verdade e que ninguém pereça [7]. Portanto, enquanto estivermos no mundo, devemos cumprir a missão de anunciar a Palavra às pessoas de nossa sociedade. A melhor maneira de aguardarmos a vinda de Cristo é lutarmos diligentemente pela salvação das pessoas que não conhecem o amor de Deus.

Se realmente acreditamos que a igreja tem uma missão exclusiva no mundo, devemos também saber que isto implicará em dois fatos: (a) a igreja será

⁶ Hb 13.8

⁷ 2 Pe 3.3-9

revelada como luz de Deus e dará testemunho da vida cristã ministrando graça ao mundo; (b) por outro lado, a igreja será objeto de ódio do mundo, uma vez que ela será um empecilho às aspirações de ecumenismo universal e ao pluralismo do mundo pós-moderno. Estes são os tempos difíceis de que falou o apóstolo Paulo. Ele nos advertiu que a fé não é de todos [8], mas nós não sabemos os que haverão de crer. Portanto, mesmo dizendo que os homens rejeitariam a sã doutrina, Paulo insiste com o jovem Timóteo que pregue a tempo e fora de tempo, com toda longanimidade e paciência [9].

Então, se você é um cristão verdadeiro, o desafio é andar em Cristo, radicados e edificados em Cristo, confirmados na fé e na Palavra de Deus [10]. É hora de levarmos a nossa fé até às últimas conseqüências, confrontando o mundo com um estilo de vida cristão, que não se amolda ao secularismo, mas que se transforma pela renovação da mente [11]. É hora de sondarmos a nossa herança protestante. Nós recebemos um legado doutrinário sólido, um sacerdócio universal, o acesso à Palavra de Deus, a salvação pela fé em Cristo. Mas herdamos também estereótipos de igreja, de liturgia, de um estilo de vida padronizado em ‘não-podes’, ‘não-proves’ e ‘não-uses’ [12], em que o conhecimento da Palavra de Deus e a vida devocional particular são secundários, desde que estejamos conformados aos moldes do coletivo. Somos levados a aceitar uma cultura evangélica – ou ‘gospel’ – com todo o seu conteúdo, sem questionar, sem dar chance a Deus de criar coisas novas para este tempo, para este lugar. Novas, bem entendido, mas nunca contra Seu caráter nem em contrariedade com a Sua Palavra! À Bíblia e ao testemunho! O que não estiver de acordo com estes fundamentos, seja refugado! [13]

Se você é cristão verdadeiro, considere que Deus não é, por assim dizer, protestante, nem evangélico, nem pentecostal, nem católico, nem da ‘minha denominação’. Deus é Deus! Eterno e Soberano! Ele se revelou por meio de seu Filho Jesus Cristo – Verbo encarnado – único mediador entre Deus e os

⁸ [] 2 Tessalonicenses 3.2

⁹ [] 2 Timóteo 4.2

¹⁰ [] Colossenses 2.6, 7

¹¹ [] Romanos 12.1, 2

¹² [] Colossenses 2.20-23

¹³ [] Isaías 8.20, Gálatas 1.8

homens [14] e único nome pelo qual podemos ser completamente salvos [15]. Ele não tem de se ajustar aos nossos padrões nem vestir a nossa 'camisa'. Somos nós que devemos nos oferecer a Deus e nos amoldarmos aos padrões dele. Portanto, que as nossas bandeiras, nosso legado histórico, e nossos '-ismos' sirvam apenas para nos aproximar mais de Deus, amá-lo com mais fervor, amar os irmãos e edificar a igreja. Que nossas tradições doutrinárias sirvam para nos tornar servos mais dedicados à missão de ir a todas as pessoas, anunciar o evangelho com clareza, sem transigir com a essência da verdade cristã. Nós somos raça eleita pela graça, sacerdócio real, nação santa e povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de anunciarmos as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz [16]. Que nossa pregação do evangelho seja orientada pelo Espírito Santo a fim de que alcancemos todas as 'tribos' da sociedade. Que nosso serviço de amor seja a nossa melhor apologética a fim de que as pessoas reconheçam que Deus enviou a Jesus Cristo para salvar os homens de seus pecados e da perdição.

Se você é um cristão nominal, sem um compromisso firme e definido com o reino de Deus, a mensagem deste livro traz uma advertência e um encorajamento: a advertência é que Deus não terá por inocente aquele que negligenciar esta tão grande salvação, [17] portanto cuidado para que a graça de Deus revelada a você não se perca e traga juízo sobre a sua vida. Acorde, levante-se e busque a Deus. Ele lhe dará revelação da Palavra.[18] O encorajamento é que Deus o ama e está pronto a perdoá-lo. Portanto, se hoje ouvir a voz de Deus, não endureça o seu coração, [19] mas retorne ao ponto em que você se afastou da fé genuína, arrependa-se e volte à prática das primeiras obras. [20]

Se você não é cristão, pratica outra religião ou filosofia de vida, ou não crê em nada, a mensagem deste livro é um apelo para que considere que fora de Deus não há solução, não há sentido nem realização para as aspirações da natureza humana. Não há como negar a existência de Deus sem se reduzir a uma

¹⁴ 1 Timóteo 2.5

¹⁵ Atos 4.12; Hebreus 9.25

¹⁶ 1 Pedro 2.9

¹⁷ Hebreus 2.3

¹⁸ Efésios 5.14

¹⁹ Hebreus 3.7, 8

²⁰ Apocalipse 2.5

condição irracional. Não há como buscar a solução a partir de si mesmo, de sua própria 'energia', porque você encontrará apenas a sua própria solidão e desespero. Também não há como inventar seu próprio 'deus', orientando sua aspiração para um misticismo, pois isto jamais poderá lhe dar sustentação para a vida. Dê uma chance a Deus de se revelar a você. Leia a Bíblia. Esta é uma proposta bem razoável para quem não acredita na Bíblia ou a reputa indigna de fundamentação. Proponha-se a ler a Bíblia com atenção pelo menos uma vez, ou por um certo tempo. Questione, investigue, discorde, mas busque respostas no evangelho – boas novas – de Cristo.

Porém, seja honesto e, por coerência, duvide também dos pressupostos não-cristãos, investigando e questionando os seus fundamentos. Não deixe de pensar. Render-se ao puro prazer momentâneo, sem julgar o que é certo ou errado, pode custar a sua vida. Se você for sincero, Deus se revelará a você. O cristianismo é a única religião (no sentido real da palavra – *religare*) que fala de um Deus que veio ao seu encontro, por amor, a fim de salvá-lo, de um Deus que o considera como você realmente é: uma pessoa com desejo de significado e de propósito. Deus, por meio de Cristo, já proveu a base legal e justa para reconciliá-lo com Ele mesmo, não lhe imputando culpa, mas adotando-o como filho de seu amor. Em nome de Cristo, pois, insistimos que você se reconcilie com Deus. [²¹]

Para a igreja de Jesus neste país e neste tempo, minha oração é que o Senhor levante profetas, pastores, mestres, evangelistas e cristãos dedicados a fim de que haja pleno conhecimento da Palavra de Deus . Que o Senhor, aquele que julga e conhece os corações, nos leve de volta, nos fortaleça e nos conserve nos fundamentos da fé cristã. *Sola Scriptura, Sola Christus, Sola Gratia, Sola Fide, Soli Deo Gloria*. Amém.

²¹ [] 2 Coríntios 5.18-21

APÊNDICE

A

[A] EPISTEMOLOGIA

Para explicar a mudança na maneira de pensar, Schaeffer parte dos filósofos gregos que procuraram estabelecer a ordem por detrás da aparência visível das coisas, a causa dos fenômenos. Platão compreendeu corretamente a necessidade de haver um 'universal' para dar sentido aos 'particulares', todas as coisas e indivíduos que existem, consideradas isoladamente, mas fracassou em estabelecer este alguém ou algo que fosse grande o suficiente para suprir o 'universal'. Depois de Platão, o próximo pensador importante que influenciou a maneira de pensar foi Tomás de Aquino, o primeiro a estabelecer separação entre 'natureza' – homem, mundo material, os particulares – e 'graça' – o mundo espiritual, Deus, fé, alma, o universal. Por um lado, os homens passaram a dar mais valor à natureza como separada da graça, mas, por outro lado, a expansão do pensamento de Aquino levou à autonomia da natureza em relação à graça. Schaeffer diz que, em regra, quando os particulares se tornam independentes, perde-se o universal. Leonardo da Vinci também percebeu que se o homem falhasse em definir um universal-absoluto, restaria apenas os particulares, a matemática e a máquina.

Os primeiros cientistas, como Copérnico, Galileu e Newton lançaram as bases da ciência moderna porque acreditavam que o universo fora criado por um Deus pessoal e, portanto, era possível ser investigado pela razão. Eles tratavam da uniformidade das causas naturais em um sistema limitado ou aberto, com o qual eles interagiam em busca de respostas. Mas depois de Newton, a confiança na ciência moderna foi estendida a tal ponto que chegou a uma espécie de cientificismo positivista, pelo qual se atribuiu à ciência a capacidade de resolver todos os reais problemas da humanidade. Schaeffer chama este positivismo de 'moderna ciência moderna'. Os positivistas afirmavam ser possível conhecer todas as coisas e todos os fatos com total objetividade e formular os universais a partir da mente finita do indivíduo finito. Com o positivismo, diz Schaeffer, a arrogância do homem alcançou o nível mais alto e criou as bases para a mudança radical no modo de pensar e de chegar ao conhecimento. Ao romper com século de afirmações dogmáticas sobre a realidade e desbancar com sucesso crenças como o geocentrismo, começou a se formar uma expectativa de que a ciência moderna poderia

revelar a verdade total e absoluta e oferecer respostas a todos os problemas propostos pelo homem.

Rousseau anunciava a liberdade absoluta e total – de Deus, dos deuses, do Estado, da sociedade, da cultura. O homem não devia ser ‘amarrado’ a nada, mas era livre de controle, livre de tudo. Schaeffer observa que há uma semelhança direta deste pensamento com a cultura hippie que floresceu a partir dos anos 60 e o aumento do consumo de drogas a partir de então, e à cultura moderna hedonista. Não há universais – o homem é totalmente livre e deve buscar o prazer individual e imediato. No campo da moral, os resultados foram óbvios, mas no campo do conhecimento, eles incorreram no dilema: Se não há universais, como podemos conhecer a realidade, a partir do que não é real. Como a pessoa pode ter certeza de que sabe o que sabe? Se o homem não partir da origem pessoal infinita externa – Deus –, ele terá que partir exclusivamente de si mesmo para construir o conhecimento e, neste caso, ele terá apenas racionalidade e mecânica, reduzindo-se a uma máquina e, portanto, sem sentido na existência.

Kant e Hegel contribuíram grandemente para uma reviravolta no campo de conhecimento. Antes deles, as pessoas chegavam ao conhecimento da verdade por meio de pressupostos que concordavam com o cristianismo, ou seja, faziam uso da antítese, com base em absolutos. Por exemplo, se falar a verdade é ser honesto, então, deixar de falar a verdade é ser desonesto. Se algo é verdadeiro, então, o oposto é falso. Esta é a metodologia da lógica clássica. Hegel propôs outra metodologia, a dialética, pela qual se opõe uma tese e sua antítese para alcançar uma síntese, relativizando todas as afirmações. Esta metodologia teve impacto sobre os campos da metafísica e da moral, mas também muito fortemente na epistemologia.

Kierkegaard, considerado o pai do existencialismo, defendia uma dicotomia entre o racional e não-racional, uma vez que a razão leva apenas ao conhecimento do ‘inferior’ – da matemática, da máquina, dos particulares. Segundo Kierkegaard, somente por meio de uma experiência mística não-racional o homem poderia alcançar o ‘superior’ e definir o ‘universal’. O racionalismo leva ao absurdo e ao pessimismo.

APÊNDICE

B

[B] A LINHA DO DESESPERO

A Linha do Desespero é um conceito formulado a partir de Kierkegaard (1813-1855), dinamarquês cristão, considerado o pai do existencialismo, para definir a divisão do campo do conhecimento, bem como a forma de chegar a esse conhecimento (epistemologia). Antes da linha do desespero, o método predominante era o da antítese, baseado no seguinte raciocínio: Se há algo verdadeiro, o oposto deve ser falso. Por exemplo: Se tratar bem uma pessoa (princípio moral) é certo, logo, tratá-la mal é errado. Portanto, absolutos pressupõem antítese. Os pressupostos aplicados como método para alcançar o conhecimento e a verdade (epistemologia) eram, de certa forma, conformados ao Cristianismo. Os não-cristãos não tinham motivos para agir com base em tais pressupostos, na verdade estavam apenas aceitando as respostas otimistas que tal sistema lhes oferecia, sem base própria real e adequada. Em outras palavras, estavam sendo românticos e não realistas. Isto se refletiu tanto na área do conhecimento como na área da moral. Se alguém dissesse “não faça isto, porque é errado”, mesmo que a pessoa não seguisse tal conselho ou as próprias convicções, ainda compreenderia o que estava sendo dito, porque existia um padrão de certo e errado. O Cristianismo histórico, por reconhecer os absolutos de Deus, tem sua base de sustentação na antítese. A pressuposição da antítese, portanto, envolvia toda a estrutura mental do homem.

Qual é a unidade que repousa sobre tal pensamento não-cristão? A unidade do racionalismo ou humanismo. Schaeffer define o termo “racionalismo” como equivalente a “humanismo”, sistema fechado pelo qual os homens buscam construir conhecimento unicamente a partir de si mesmos, sendo a razão e o próprio homem a fonte única para se chegar ao conhecimento e ao significado. As pessoas começaram a acreditar que a partir de si mesmas poderiam criar um sistema que abrangesse todas as áreas da vida, sem partir do método da antítese e desconsiderando a revelação. Ou seja, o homem finito julgava poder encontrar uma explicação satisfatória para toda a realidade, partindo unicamente de si mesmo e da razão.

Após muitas tentativas filosóficas otimistas, Schaeffer salienta que “no final, os filósofos se deram conta da dura verdade de que não poderiam encontrar esse

campo unificado do conhecimento racional, e assim, deixando de lado a metodologia clássica da contradição, resolveram alterar o conceito da verdade” (*O Deus que Intervém*, p. 29). O problema é que sempre que o racional é considerado autônomo, não há lugar para a revelação. Quando não há Deus, a moral perde o sentido. Em um mundo racionalista, em que a soberania de Deus é negada, resta apenas o determinismo mecânico, pois nada pode ser determinado como certo e errado. Schaeffer cita o Marquês de Sade (1740-1814) como a expressão mais célebre do período em relação às conseqüências do determinismo. O Marquês de Sade compreendeu que se o homem é um ser determinado, então o que é, certo é – a moral não tem a menor importância. Estes elementos filosóficos continuam produzindo efeitos em nossa sociedade moderna, como a banalização da barbárie, no crescimento da violência urbana, no terrorismo e nas guerras.

Segundo Schaeffer, os personagens mais importantes para compreendermos o existencialismo de Kierkegaard, são Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831). No tempo de Kant, o racionalismo caminhava para o esgotamento, e já não havia mais traços da revelação. Ele insistia que era necessário formular uma resposta completa capaz de unificar o conhecimento dos particulares aos universais, a fim de preservar a liberdade do ser humano. Ele percebeu que se o homem continuasse buscando o conhecimento em um sistema fechado, exclusivamente a partir da racionalidade, ele acabaria reduzido a uma máquina. À medida que o racionalismo se esgotava, o determinismo passava a transbordar para todas as áreas, alcançando a natureza do próprio homem.

Hegel, filósofo alemão, foi quem preparou o caminho para o existencialismo. Ele chegou à conclusão que, por meio de antíteses, seria impossível chegar a uma resposta completa racional. O pensamento humanista havia fracassado em prover respostas adequadas em um campo de conhecimento unificado. Assim, ele propôs um sistema de pensamento dialético, baseado no cotejo de duas teses opostas – tese e antítese – que conduzem a uma síntese. A resposta da relação entre as duas teses opostas, segundo ele, não é uma linha horizontal de causa e efeito, e sim um triângulo – a síntese. O método antitético que estava ligado ao sistema de causa e efeito, a partir do qual podia-se chegar à verdade e ao conhecimento, foi gradualmente sendo substituído pela

dialética. Embora este método não tenha sido levado muito a sério inicialmente, ele mudou o mundo e toda a maneira de pensar e de adquirir conhecimento. A verdade, então, deveria ser buscada com base na síntese e não mais na antítese. Mesmo que ele não tenha colocado sua filosofia em termos tão simples, seu relativismo levou à proposição de que a verdade deve ser buscada em termos de síntese e não de antítese, como antes. Porém, a história mostra que ele próprio nunca se colocou embaixo da Linha do Desespero, pois embora achasse que a síntese poderia ser obtida por meio da razão, ele próprio não conseguiu este resultado e tentou resolver a problemática da unidade com uma linguagem religiosa.

Segundo Schaeffer, esta síntese hegeliana é predominante hoje em todo o mundo. A consequência final é que toda verdade, não importa se na área moral ou qualquer área da vida, pode ser relativizada. Hegel é a porta de entrada para o pensamento moderno. Foi então que o homem moderno desceu para baixo da Linha do Desespero, para o existencialismo.

A partir de Kierkegaard, o homem abriu mão da esperança de encontrar as grandes respostas da filosofia e desistiu de buscar o campo unificado de conhecimento. Por meio do sistema fechado, o homem deve se conformar à sua condição de desespero, ao seu estado de máquina, de acaso da natureza, pois tudo que está além disto é irracional. Acima da Linha do Desespero, temos o homem convivendo com seus absolutos românticos, ainda que não sustentados por uma base lógica. Abaixo da linha, o homem passou a pensar de maneira diferente sobre a verdade.

Schaeffer diz que o impacto do existencialismo espalhou em três dimensões distintas: (a) geográfica: da Europa e para os Estados Unidos, e daí para a maior parte do mundo; (b) social: primeiro aos intelectuais, depois aos trabalhadores e, então, à classe média; e (c) disciplinas: começando pela filosofia, arte, música, cultura geral e, por fim, a teologia (*A Morte da Razão*, p. 56). De certa forma, há uma boa parcela da classe média que não foi significativamente afetada pelo existencialismo. Eles continuam crendo em valores éticos cristãos, mas mesmo assim não sabem mais o porquê de suas crenças. Segundo Schaeffer, esta mudança na forma de pensar está no centro

do conflito entre pais e filhos, uma vez que eles falam em conceitos totalmente diferentes.

Resumindo, o processo de desespero do homem começa com a suposição de que ele poderia confiar apenas em sua razão para adquirir respostas para os seus dilemas e libertar-se de Deus e da religião. Mas este racionalismo subverteu o humanismo e reduziu o homem a uma máquina sem sentido e sem respostas. Hegel percebeu que o pensamento antitético não poderia oferecer respostas racionais para os problemas do homem e propôs a dialética. Enfim, Kierkegaard abandonou a esperança ao pregar o mero existencialismo como única forma racional de viver. A linha do desespero é o limite imposto ao homem moderno que não tem mais esperança de encontrar respostas, porque parte apenas de seu racionalismo. Qualquer forma de otimismo ou fé encontra-se fora da razão – é irracional.

APÊNDICE

C

[C] O SALTO DE FÉ

Kierkegaard (1813-1855), considerado pai do existencialismo, tanto secular quanto teológico, chega, então, à conclusão de que ninguém pode chegar à síntese por meio da razão. O existencialismo diz que a experiência do homem não pode ser descrita em termos científicos e racionais. Embora os escritos devocionais de Kierkegaard sejam, de certa forma, edificantes, seus escritos filosóficos tornaram-no o pai do existencialismo moderno. Ele demonstrou seu pensamento filosófico quando escreveu sobre Abraão e o sacrifício de Isaque. Segundo ele, esse foi um ato de fé que nada tinha nenhuma base racional. Disso resultou o conceito moderno de “salto de fé” e a separação entre razão e fé. Schaeffer argumenta que, embora Abraão tenha demonstrado fé, agiu baseado nas revelações que havia recebido de Deus, pois ele havia visto a Deus e este já havia cumprido promessas em relação a ele. Abraão agiu fundamentado, não apenas na existência de Deus, mas também no fato de que Seu caráter era plenamente confiável. Isso, de modo algum, caracteriza um “salto de fé”.

Sendo que não há relação entre a fé e a razão, o autor representa isto da seguinte maneira:

FÉ (AUSÊNCIA DE RAZÃO) – OTIMISMO

O RACIONAL – PESSIMISMO

Embora existam três escolas principais do pensamento existencialista secular, vamos analisar o pensamento filosófico do alemão Karl Jaspers (1883 – 1969). Segundo Jaspers, o homem deveria esperar por uma “experiência final” não-racional que lhe desse sentido à vida. Embora alguns de seus seguidores digam que alcançaram a “experiência final”, o fato é que não conseguem descrever ou comunicar tal experiência. O autor relata que, quando alguém diz que percebe que ele (Schaeffer) é uma pessoa que já passou pela “experiência final”, só de olhar e conversar com ele, isso o faz agradecer sinceramente e responder que sua experiência pode ser verbalizada e racionalmente discutida – o que, é claro, não se dá com os seguidores de Jaspers. Isso, de modo algum, significa que essas pessoas não sejam sinceras. O autor pede que nos coloquemos no lugar de uma pessoa assim. Ela põe sua esperança de

significado sobre uma “experiência final” que teve no passado. O próprio Jaspers orientava seus alunos a não cometerem suicídio em sua busca pela “experiência final”, porque não se podia ter a certeza de obtê-la por meio da morte.

Segundo Schaeffer, o homem moderno se encontra em profunda e total desesperança. Isso é demonstrado pelo niilismo moderno, cuja tese afirma que tudo é desprovido de sentido e caótico. O autor denomina “nível superior” o que está acima da Linha do Desespero e diz respeito à esperança de significado por meio do “salto de fé” não-racional; e “nível inferior”, o que está abaixo da Linha, o racional e o lógico que não comunicam significado. O autor destaca que os níveis desta dicotomia (que neste contexto é a separação entre a razão e a falta de sentido) estão dispostos em “compartimentos impenetráveis”, para usar a expressão do autor, não sendo possível haver interação entre eles. Ou seja, O “nível inferior” não tem relação alguma com o “nível superior” e vice-versa.

APÊNDICE

D

[D] O CRISTIANISMO HISTÓRICO

O objetivo central do cristão deve ser o de alcançar as pessoas que vivem abaixo da Linha do Desespero, pois um dia também ele foi alcançado. Schaeffer diz que o cristão deve sentir-se grato por não ter que combater argumentos e teses otimistas por parte dessas pessoas, porque elas, na verdade, estão tendo que lidar com sua própria desesperança, ao constatarem o fracasso de suas tentativas de encontrar a unidade entre o sentido e a razão, ao perceberem que sua linguagem destituída de significado é apenas um romantismo que não traduz qualquer realidade.

É neste contexto que os cristãos devem apresentar a realidade do Cristianismo. A propósito, Schaeffer afirma que o Cristianismo é realista, porque está fundamentado sobre a verdade. Neste ponto pode-se questionar sobre o que é “verdade”, mas não podemos esquecer o que Schaeffer vem enfatizando ao longo de suas obras: o Cristianismo está fundamentado sobre absolutos que pressupõem antíteses, e não sobre a síntese que permeia todas as disciplinas do mundo atual, inclusive a Nova Teologia. A verdade do Cristianismo, expressa em termos da antítese, é uma verdade realista que nada tem de romântica. Schaeffer diz que o Cristianismo pode, inclusive, ser confrontado, pois o apóstolo Paulo chegou a afirmar que se o corpo de Cristo fosse encontrado, não teríamos nem o que discutir, poderíamos prosseguir em nossa vida, comendo e bebendo, porque tudo que nos aguarda é a morte.

O Cristianismo diz: Se há verdade, então há esperança. Neste ponto podemos exemplificar como se aplica a antítese: Se não há verdade, então não há esperança. O humanismo espera o melhor do homem. O cristianismo, pelo contrário, não olha para o mundo desfacelado e avariado e diz que é fácil consertá-lo, pois no mundo não há verdade, conseqüentemente, não há esperança. Ele é realista a ponto de dizer que o mundo está corroído pelo mal e que o homem, à medida que passar o tempo, não vai melhorar, não vai ser aperfeiçoado partindo de si mesmo e de seus próprios recursos.

APÊNDICE

E

[E] A NOVA TEOLOGIA

Como vimos no item [C] Salto de Fé, assim como o existencialismo secular, a teologia existencial moderna também se originou em Kierkegaard. Para demonstrar que a mudança na metodologia de se chegar ao conhecimento foi gradativa, Schaeffer esquematiza uma escada abaixo da Linha do Desespero, cujos degraus descendentes representam as principais disciplinas como filosofia, arte, música, cultura geral e teologia. O último degrau a ser alcançado é justamente a teologia. Não obstante apareça no último degrau, a teologia faz parte do mesmo contexto cultural que envolve as demais disciplinas.

Embora a teologia esteja sendo explanada em linhas gerais, devemos mencionar que há diversidade na unidade da nova teologia. Existem diferenças entre a nova ortodoxia e o novo liberalismo, porém, o ponto principal que deve ser observado, diz Schaeffer, é a unidade que se reflete no sistema de pensamento comum a todas as expressões da teologia moderna: o “salto de fé”.

Schaeffer diz que os reformadores se viram confrontados com um sistema de pensamento que atentava contra a ortodoxia cristã, e daí surgiu a necessidade de uma Reforma. Ele observa que os reformadores não negavam o fato de haver cristãos dentro da igreja Católica Romana ou de haver diferenças entre as várias ordens, contudo, o que os levou à luta pela Reforma foi a percepção de que havia um sistema subjacente que unia as várias facções da igreja. Esse sistema era prejudicial à ortodoxia cristã e foi, portanto, combatido pelos reformadores. Schaeffer diz que os evangélicos estão sendo confrontados atualmente com o mesmo consenso, uma unidade de pensamento aceita por todos os segmentos teológicos do mundo. Os cristãos precisam atentar para o fato que tal sistema, em si, é errôneo.

Enquanto Kierkegaard foi a porta de acesso para o pensamento existencialista, Karl Barth foi a porta para o salto existencialista na teologia. À semelhança das outras disciplinas, a mudança se deu na forma de alcançar o conhecimento (epistemologia).

Após a divisão no campo de conhecimento – Linha do Desespero – os teólogos liberais começaram a rejeitar o sobrenatural e miraculoso, negando os milagres

ou qualquer aspecto sobrenatural na vida de Jesus. Eles tentaram encontrar o Jesus histórico por meio do método racionalista (neste ponto devemos nos lembrar da diferença que Schaeffer faz entre “racionalista” – humanista – e racional – que diz respeito à razão), mas fracassaram, pois excluindo o sobrenatural, já não restou nenhum Jesus histórico. Schaeffer observa que essa neo-ortodoxia, na verdade, não forneceu novas respostas, pois o que ela afirmava em linguagem teológica era o mesmo que a filosofia existencialista já havia dito: No nível superior: o não racional e não lógico – a fé não é passível de verificação e não possui conteúdo comunicável. No nível inferior: o racional e lógico – As Escrituras estão repletas de erros – pessimismo. O racional e lógico levava ao pessimismo, assim, a neo-ortodoxia saltou para o “nível superior”, na tentativa de encontrar sentido para a vida. Isso mostra como a teologia, assim como as outras disciplinas, acabou por cair para baixo da Linha do Desespero.

A Nova teologia faz uso de símbolos e palavras conotativas sem definições, porém de forma a dar uma ilusão de significado capaz de levar a motivações profundas e sentimentos de espiritualidade. Schaeffer diz que há uma “ilusão de comunicação e conteúdo” de modo que a pessoa que ouve pensa que compreende o significado, sem de fato o compreender. Isso pode levar a pessoa a um conceito de espiritualidade em que ela não faz questionamentos ou exige respostas, ela apenas crê. Schaeffer diz que embora isso pareça espiritual, acaba decepcionando muitas pessoas sinceras.

Schaeffer recomenda que os cristãos mostrem a realidade do verdadeiro Cristianismo àqueles que dizem estar procurando uma realidade maior. O Cristianismo é real porque se relaciona com o Deus que existe e que se revelou a nós. E esta revelação não se deu por meio do uso de símbolos, como os emprega a Nova Teologia, mas por meio de fatos, como a obra completa de Cristo: sua morte expiatória na cruz, e sua ressurreição. Estas palavras não são destituídas de conteúdo, pelo contrário, elas carregam consigo a realidade do fato: Sua morte e ressurreição ocorreram no tempo e no espaço. Isso torna o Cristianismo algo passível de ser discutido e verificado. Não há pulo no escuro. Não há “salto de fé”.

APÊNDICE

F

[F] O DILEMA DO HOMEM MODERNO

Schaeffer diz que aquele que observar atentamente o homem moderno, verá que o mesmo se encontra em um terrível dilema. Embora o homem tente negar este fato, ninguém consegue explicar porque o homem consegue praticar atos de extrema bondade ao mesmo tempo em que é capaz de alcançar altos níveis de crueldade.

Segundo Schaeffer, há duas explicações possíveis: A primeira é a causa metafísica: o homem é pequeno e finito para enfrentar a dura realidade. A segunda, a causa moral. A nova teologia, diferentemente do Cristianismo, diz que o homem sempre foi um ser caído. A implicação disto é que ficaremos sem resposta moral para o problema do mal e da crueldade, pois se ele sempre foi um ser caído, não importa qual tenha sido seu criador (algum tipo de Deus, ou um musgo), seu dilema é inerente a ele. Schaeffer diz que, se o homem for isso, então o poeta Baudelaire tem razão quando declara: “Se existe um Deus, ele é o diabo”.

Nem o homem moderno nem a Nova Teologia possuem a resposta para o dilema humano, pois tudo o que eles podem ver e observar no mundo, mostram que Deus é o diabo. Daí então o “salto de fé”, pois eles não conseguindo conviver com um Deus mau, passam a dizer que devemos acreditar em um Deus bom, mesmo que isso contrarie as evidências e até a razão. Schaeffer afirma que, embora a teologia moderna use o termo “culpa”, este termo não significa culpa moral verdadeira, mas somente um sentimento de culpa. Não havendo culpa moral verdadeira, o sentido da morte de Cristo é encarado de forma totalmente divergente. A obra de Cristo perde, então, seu valor, e pode passar a ser simplesmente uma base para motivações sociológicas. Para os teólogos liberais a justificação não faz nenhum sentido e nem mesmo é necessária, pois o homem não possui culpa moral real, conseqüentemente ele não será condenado.

Porém, o cristianismo histórico encara o dilema do homem de maneira diferente. Deus, como ser não determinado criou o ser humano como uma pessoa não determinada. Isto difere do pensamento moderno que considera o homem um ser programado. O homem não é um acidente no universo, mas um

ser criado à imagem de Deus e incluído no mundo criado por Ele. O homem tem, então, sentido, e dotado do poder de escolha (o que um ser programado não possui) pode escolher obedecer ou rejeitar aos mandamentos de Deus, rebelando-se contra Ele. O homem compõe, então, uma história significativa.

O fato de Deus ter criado o homem com capacidade de escolha, o distingue dos animais, das plantas e das máquinas. O homem, embora finito, é dotado de capacidade de compreensão e pode responder ao chamado de Deus que o fez e demonstrou seu amor dizendo: “Não faça isto.”

Schaeffer responde aos questionadores que dizem que o homem deveria ter sido feito de modo a não poder revoltar-se contra o seu Criador. Ele diz que, se o homem fosse programado para obedecer ao seu Criador, então ele não existiria como homem de fato, mas seria apenas uma máquina.

A cristianismo e a filosofia racionalista diferem em suas respostas. Enquanto a filosofia diz que o homem está hoje em seu estado normal (pois ela afirma que ele sempre esteve caído), o cristianismo afirma o oposto: o homem hoje se encontra em um estado anormal, pois está separado de seu Criador, e o motivo é a culpa moral verdadeira. O fato de se manter afastado de seu ponto essencial de referência (aquele que o criou), também o faz se manter afastado de si mesmo e de seus semelhantes. Então surge a crueldade como um sintoma de anormalidade e, como diz Schaeffer, como consequência da queda moral que ocorreu na história, no tempo e no espaço. Mas o homem ainda continua sendo a criatura maravilhosa que Deus criou, pois ainda retém vestígios da imagem de Deus e, por isto, mesmo que ele seja capaz de matar e destruir, ainda, em algum nível, este mesmo homem é capaz de praticar algum ato de amor. Este é o homem e seu dilema.

APÊNDICE

G

[G] A SOLUÇÃO DE DEUS PARA O DILEMA DO HOMEM

Segundo Schaeffer, é importante compreender que o dilema do homem está intimamente ligado à questão moral. Há absolutos morais verdadeiros que são fundamentados no caráter de Deus. A criação de Deus e o homem devem se conformar à Sua criação. Isto significa que os padrões morais são estabelecidos por Deus com base no que se conforma ao Seu caráter. Aquilo que não se conforma ao Seu caráter é considerado imoral.

Quando o homem resolve se rebelar contra uma lei moral, ele se torna moralmente culpado diante do legislador universal. Este é o conceito de pecado. Se admitirmos que há culpa moral verdadeira por parte do homem, diante de um Deus justo (justo no sentido que Seus padrões morais repousam sobre o seu caráter), diz Schaeffer, então, haverá uma solução da parte de Deus. E a solução se fundamenta nas próprias declarações de Deus de Sua santidade e amor. A santidade de Deus diz ao homem que ele está perdido (queda e afastamento) e precisa ajustar contas com o justo Juiz. O amor de Deus o levou a criar uma solução para buscar e salvar o homem. Ele amou o mundo e enviou seu filho, a segunda pessoa da Trindade. Sua morte na cruz do Calvário ocorreu no tempo e no espaço e pode ser provada pela história. Sua morte expiatória, propiciatória e substitutiva tem valor infinito e completo no que diz respeito a lidar com a culpa moral do homem diante de Deus. Assim, o homem moderno não precisa de um “salto de fé” para acreditar que Deus é amor, pois ele lidou com a culpa moral do homem, enviando seu filho, ao mesmo tempo em que manteve o absoluto moral e, por isso, permanece santo. Essa foi a única maneira de trazer solução para o dilema do homem.

APÊNDICE

H

[H] A IGREJA – VEÍCULO DA SOLUÇÃO DE DEUS PARA O DILEMA DO HOMEM

Schaeffer explica que a apologética cristã deve ter dois objetivos: Um deles é a defesa; o outro é a responsabilidade de comunicarmos o Evangelho à nossa geração. Ele diz que a defesa é necessária em qualquer época, pois o cristianismo histórico sempre se encontrará sob ataque. A palavra defesa é usada não no sentido negativo de ficar na defensiva, e sim no sentido de fornecer respostas adequadas a quaisquer questões levantadas. Schaeffer diz que saber dar as respostas certas é essencial para cada cristão no sentido de manter a integridade intelectual, devocional e pessoal.

Quanto ao segundo objetivo, segundo ele, nunca devemos adotar uma postura de defesa que ele chama de “mentalidade de fortaleza”, em que o cristão se esconde e diz: “Você não consegue me atingir aqui!”. Tal posição nos afastaria do homem moderno, cortando nosso contato com ele. O cristão não deve cair no erro de apresentar um sistema que faça sentido somente para si e seu círculo cristão, mas um sistema que tenha contato com a realidade dos questionamentos de sua própria geração, cujas respostas sejam totalmente providas de sentido. Schaeffer assinala que o lado positivo da apologética é comunicar o evangelho de modo que seja compreendido pela geração presente.

[H.1] COMO COMUNICAR

Como podemos transpor as barreiras de comunicação para alcançar as pessoas de outros grupos sociais e culturais? Como alcançar a mente de outra pessoa, de modo que a mensagem e o sentido apreendidos pelo receptor sejam idênticos ao de minha própria mente?, pergunta Schaeffer. Para responder a esta pergunta, ele afirma que devemos aprender a linguagem da pessoa com quem queremos nos comunicar. A questão da linguagem traz muitos problemas, pois o sentido das palavras muda no decorrer do tempo (mudança que Schaeffer atribui à distância que há entre a parte de cima e de baixo da linha do desespero). A barreira lingüística também se constitui num obstáculo quando tentamos nos comunicar com uma pessoa cuja classe social

se diferencia da nossa. Ele aconselha que o cristão deve se esforçar para compreender a linguagem de seu ouvinte, especialmente quando se trata de palavras cujo sentido esteja alterado. Nesse caso, o cristão deve fazer uso de uma palavra equivalente que traduza o mesmo sentido; ou definir a palavra sempre que for usá-la. Devemos evitar chavões, frases batidas, ou termos técnicos que são compreensíveis apenas dentro de nosso círculo estreito. Isso pode impedir que as pessoas nos ouçam e nos dêem crédito.

O cristão deve começar pelo amor. A pessoa diante dele, independente de sua posição social ou do grau de rebelião em que se encontre, ainda é o ser maravilhoso que Deus criou; ela tem valor e nossa comunicação com ela deve regulada pelo respeito e interesse verdadeiro. Schaeffer bate na tecla que o cristão não é superior ao não-cristão. Ele diz haver duas humanidades no sentido que uma delas aceitou a solução de Deus, enquanto a outra se mantém rebelde ao criador; contudo, somos da mesma espécie, mesma carne e sangue.

O autor afirma que cada pessoa com quem nos relacionamos, conscientemente ou não, possui um conjunto de pressupostos que a levarão a certas conclusões lógicas. Porém, nenhum homem consegue viver de modo completamente coerente com seus pressupostos, com sua visão de mundo, porque a realidade se compõe de duas partes: (a) externa, ou o mundo; e (b) interna, ou o homem, sua hombridade. Schaeffer observa que, independente do que a pessoa acredita, isto não muda a realidade da existência. Este é justamente o ponto de tensão do homem não-cristão: seus pressupostos não se coadunam com o universo criado por Deus. Ele afirma que todo homem, culto ou simples, experimenta este conflito: ele não consegue ser coerente.

Assim, Schaeffer diz que quando nos encontramos diante de uma pessoa, seja um homem brilhante ou uma pessoa simples, estamos diante de uma pessoa que vive sob tensão, não apenas no sentido intelectual, mas em sua totalidade como ser humano. Tal pessoa não consegue manter uma consistência em relação aos seus pressupostos, pois quanto mais lógico ele for em relação a eles, mais distante ele estará do mundo real e vice-versa. Ninguém consegue sustentar as duas posições, e o fato de ter que decidir entre uma e outra é o que gera tensão e desespero. Schaeffer afirma que essa tensão não é uma

coisa abstrata, mas real, pois o coração do homem lhe diz algo sobre o mundo real; e embora os padrões morais variem entre os homens, todos os homens, em qualquer que seja a cultura, tem algum padrão moral. Esse confronto entre os pressupostos do homem e o mundo real gera nela muita tensão, embora muitas vezes ele nem mesmo tome conhecimento do fato. O cristão deve confiar no Espírito Santo para, com amor, descobrir onde está o ponto de tensão.

Schaeffer afirma que essa incoerência que, de uma forma ou outra, o homem acaba por demonstrar, pode se tornar a porta de comunicação para o cristão. Pois não importam quais sejam seus pressupostos, ele terá que viver neste mundo criado por Deus. Este é o terreno em que ambos, cristãos e não-cristãos estão pisando, e a partir daí pode-se ter início uma conversação.

Segundo a orientação do autor, depois de ter descoberto o ponto de tensão de uma pessoa, devemos fazer com que ela chegue às conclusões lógicas de seus pressupostos não-cristãos. Contudo, Schaeffer nos adverte a fazê-lo, não como um exercício intelectual ou um jogo, mas como uma ação necessária para obter resultados espirituais. Não precisamos causar-lhe dor além do necessário, pois isso seria cruel. Se a pessoa reconhecer sua necessidade e estiver disposta a ouvir o Evangelho, não precisaremos tocar em seus pressupostos, mas sim comunicar as Boas Novas.

Para comunicar o Evangelho devemos estar certos de que estamos falando consistentemente da verdade real e não de um sentimento religioso ou um condicionamento psicológico. Antes que a pessoa se torne cristã ela deve compreender perfeitamente três pontos: a verdade real, sua culpa real e o fato histórico. A verdade real é o que Schaeffer chama de “verdade verdadeira”, aquela que tem sentido real, e não apenas aquela que é descrita com termos conotativos, traduzindo um sentido vago e inconsistente; a verdade baseada em fatos. A culpa real é aquela que o homem tem diante do Deus justo, e não apenas um sentimento de culpa. O fato histórico: todo o sistema do Evangelho é baseado em verdades e fatos que podem ser compreendidos e verificados historicamente. A obra completa de Cristo por meio de sua morte na cruz foi tão real, diz Schaeffer, que se estivéssemos lá naquele dia, poderíamos esfregar os dedos na cruz e enfiar uma farpa na mão.

Devemos responder a todos os questionamentos da pessoa honestamente e jamais podemos cometer o erro de dizer-lhe que simplesmente creia, pois o conhecimento da verdade é essencial à fé que leva à justificação. Schaeffer desafia cada cristão a responder a si mesmo a pergunta: “O Cristianismo é verdadeiro?” Ele conclui, dizendo que devemos estudar as Escrituras com afinco para garantir que nossa apresentação do Cristianismo seja um posicionamento verdadeiramente bíblico e admissível.

[H.2] COMO ARRANCAR O TETO

Schaeffer diz que todo homem mantém um teto acima de sua cabeça, com o qual tenta se proteger de seu ponto de tensão e dos golpes do mundo real no qual está inserido e dos dilemas interiores. O cristão deve, com amor, remover esse teto de modo que a verdade do mundo externo e a verdade acerca do homem caiam sobre ele. Isso pode provocar dor, pois a verdade coloca a pessoa desprotegida e expõe suas feridas. Nesse ponto, o cristão não deve impor as verdades dogmáticas das Escrituras, mas oferecer-lhe outro teto, falando acerca das verdades que arrancou da pessoa: a verdade sobre o mundo externo e sobre a identidade do homem. Nesse ponto não se deve falar em julgamentos ou no inferno, pois para o homem moderno, segundo Schaeffer, este conceito é inconcebível.

A tarefa do cristão é dizer ao homem que sua morte é apenas moral e não uma morte metafísica, como ele crê, e então lhe mostrar a solução que ele não conhece. Muitas vezes o homem moderno não está disposto a aceitar a solução de Deus. O cristão deve encarar esta possibilidade. O homem cujo teto foi arrancado, nesse caso, se sentirá pior do que antes, porque agora conhece a verdade, mas não está disposto a aceitar a solução para o seu dilema.

[H.3] COMO APLICAR O EVANGELHO

O início da fé cristã é a realidade de que Deus existe. Partindo deste ponto, inferimos que o dilema do homem não é uma questão metafísica, mas uma questão moral.

A fé cristã não consiste de princípios vagos ou indefinidos. A fé cristã está fundamentada na obra completa de Cristo na cruz. A fé não é o verdadeiro fundamento de si própria, e sim a pessoa de Cristo e sua obra.

A pessoa que deseja se tornar cristã deve reconhecer que é uma criatura finita que está se aproximando do Deus infinito. Ela deve admitir seu próprio pecado e sua culpa moral verdadeira diante de Deus. O ser humano sendo finito não consegue lidar com a culpa diante de um Deus infinito. Esse é o momento de confrontar a pessoa com a promessa: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa”. Esta é a solução de Deus para lidar com a culpa humana.

Na ação de crer em Cristo estão implícitas quatro questões significativas e indispensáveis (baseado em *O Deus que Intervém*, p. 206):

(a) Acreditar que Deus existe, que é um Deus pessoal e infinito e que Jesus Cristo é Deus.

(b) Admitir que é realmente culpada, no sentido moral, na presença deste Deus.

(c) Acreditar que Cristo morreu na cruz, no tempo, no espaço e na história, e que por sua morte ter sido substitutiva, ele sofreu o castigo de Deus pelo pecado da humanidade, sendo sua obra perfeita e completa no sentido de justificar totalmente o homem diante de Deus.

Com base nas promessas de Deus e nas Escrituras, a pessoa deve estar disposta a deixar de confiar em si mesma e confiar sua vida a Cristo como seu Salvador pessoal.

APÊNDICE

I

[I] MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Schaeffer faz muitas referências a modernidade, homem moderno e pensamento moderno, mas, como podemos relacionar estes conceitos com a pós-modernidade? A modernidade pode ser definida como uma revolução no modo de pensar que elevou o homem ao centro, no lugar de Deus e da religião. O modernismo exaltou a razão e gerou altas expectativas de que o homem seria capaz de prover todas as respostas a partir de si mesmo, mas não conseguiu atendê-las. Embora haja muitas proposições com respeito aos fatos que marcam o declínio do modernismo, todas apontam para as decepções com as pressupostos otimistas do Iluminismo. Os eventos marcantes do século XX, como as Guerras Mundiais, o Holocausto e os campos de concentração, os genocídios, as epidemias, a bomba atômica e a corrida armamentista ajudaram a aumentar o pessimismo com a evolução social humanista do mundo. Obviamente, não é possível dizer quando acaba uma fase e começa outra, mas podemos admitir que o fim da Guerra Fria, marcada simbolicamente pela queda do Muro de Berlim, instaurou uma nova ordem mundial em muitos sentidos. O pós-modernismo pode ser identificado por alguns fenômenos como a globalização, o liberalismo, a revolução tecnológica, especialmente da eletrônica, da Internet e das comunicações de massa, da biotecnologia e outros típicos das últimas décadas. Mas o que nos interessa neste tópico é relacionar a modernidade à pós-modernidade, no que diz respeito à religião, especificamente o cristianismo.

Bem, em que consiste o pós-modernismo? Quantas forem as fontes consultadas, tantas serão as possibilidades de definição. Rubem Amorese [22] diz que não é possível definir pós-modernidade a não ser como 'pós-alguma coisa', ou seja, 'alguma coisa' acabou e ainda não está claro o que é agora. Por conseguinte, o pós-modernismo tem sido usado para identificar um amplo espectro de fenômenos dessa época. As pessoas sabem razoavelmente o que é modernidade porque este foi o paradigma predominante nos últimos séculos, embora agora declinante, mas a pós-modernidade ainda é um conceito obscuro, recente demais para ser propriamente definido. Isto, porém, não impede que os conceitos do pós-modernismo sejam amplamente propagados e

²² AMORESE, Rubens. Pós-Modernidade e o Desafio da Aliança. Disponível em: <<http://www.amorese.com.br>> Acesso em 23/04/2005.

assimilados até pelas pessoas mais simples, concorrendo para isto os meios de comunicação em massa.

O pensamento pós-moderno não se preocupa em contrapor opiniões, mas coloca todas elas sob suspeita, dando lugar ao pluralismo e ao liberalismo nas áreas intelectual, científica, sociológica, política, econômica, ética e moral, religiosa, teológica e outras. Neste contexto, todos estão certos, todos têm o direito de expressar suas crenças, todas são válidas e nada ou ninguém detém a verdade exclusiva ou universal. Os pós-modernistas procuram desconstruir todos os conceitos e valores que constituem a civilização ocidental, de forma a alcançar um novo comportamento livre da moral e dos preconceitos. Enquanto o modernismo rompeu paradigmas, o pós-modernismo tem aberto as portas para grandes e rápidas mudanças ético-comportamentais em relação, por exemplo, ao homossexualismo, pedofilia, aborto, eutanásia, clonagem, hedonismo, destituindo-os de conteúdo moral. Se o modernismo desistiu de buscar a unidade de conhecimento, o pós-modernismo desistiu da própria busca de conhecimento racional, objetivo ou dogmático, pois o racionalismo puro é simplesmente impossível. O homem não é senhor de si, ele não está mais no centro; o homem é apenas o produto de seu meio cultural, do sistema predominante. A moral não tem importância, uma vez que qualquer noção de certo e errado é de ordem individual, sendo manifestada apenas por convenção social. Não há verdade, não há padrão. A verdade é a 'verdade de cada um', o padrão individual e privado – tudo é relativo.

E no campo da religião? Como o pós-modernismo desafia o cristianismo? Amorese diz que a sociedade pós-moderna é caracterizada pelos fenômenos do (a) pluralismo, (b) privatismo e (c) secularismo, os quais devem ser seriamente considerados pelos verdadeiros cristãos:

(a) o pluralismo se refere à sociedade do consumo, à multiplicidade de alternativas em relação a tudo, pois toda escolha é igualmente válida em qualquer área – de carro a sexo (“opção sexual!”). As alternativas são colocadas ‘horizontalmente’ à disposição do consumidor, no sentido de que não há escala de valores – você é que decide. O cidadão-consumidor não tem compromisso com nenhuma ‘marca’, apenas com a sua satisfação, assim ele pode trocar de marca de sabão, como também de cônjuge, de sexo, de religião

e de deus. O pluralismo religioso ensina que todas as religiões contêm a verdade, pois todas vêem a verdade da sua própria perspectiva e nenhuma delas pode reivindicar revelação exclusiva. O que isto significa para o cristianismo? Jesus é o único caminho, ou ele é apenas um caminho? As implicações são bem evidentes: Se não há verdade absoluta, também não é possível haver religião verdadeira. Os cristãos são pressionados a descrer da autenticidade do cristianismo aceitando que a verdade de Deus pode estar dispersa entre as várias religiões e estilos de vida. O impacto desta visão na evangelização e em missões são a perda de propósito, afinal, para que ir aos povos não-alcançados se eles têm sua própria religião? Para nós, cristãos, o evangelho é e continua sendo a boa nova de salvação por meio do único mediador – Jesus Cristo.

(b) o privatismo é fruto direto do pluralismo, pois sendo que cada um é livre para fazer as escolhas de acordo unicamente com suas preferências e critérios íntimos, há cada vez menos consenso social sobre um gama crescente de assuntos. Então, o privado recebe mais valor e se torna o refúgio da liberdade humana, onde todas as escolhas são válidas – até as mais pervertidas e anormais. O privado é o fosso que preserva o isolacionismo, que separa as pessoas uma das outras, que rompe toda dependência e relacionamento real. ‘Cada cabeça é uma sentença’ – e o outro não pode se intrometer, ninguém pode – nem Deus. O privatismo religioso se expressa na prática particular da fé, no rompimento dos laços comunitários. Schaeffer diz que a salvação é individual, mas esta se evidencia por meio da vida cristã coletiva e dos relacionamentos entre os irmãos. Não é possível experimentar a santidade e a piedade cristãs, se não houver unidade entre os irmãos. Quando o privatismo se infiltra na igreja, os cristãos perdem a capacidade de manter comunhão, de estabelecerem relacionamentos e envolvimento reais uns com os outros.

(c) o secularismo é o fenômeno da adoção de uma religião particular, composta conforme a preferência de cada um. No campo religioso, o secularismo se expressa na mescla de elementos doutrinários de acordo com a preferência individual de cada um, resultando em uma religião particular. As pessoas estão mais interessadas em uma religião sustentada em ‘emocionalismo’, ‘sentimentos’ e ‘experiências, que satisfaçam o seu estilo e gosto pessoal. Elas

escolhem a religião, a igreja, a liturgia, escolhem o Deus que querem, e mudam de idéia se não estiverem satisfeitas. Amorese diz que a secularização coloca Deus “num canto de nossa vida, e já não influencia mais minhas escolhas, nem mais é referencial absoluto para elas.” Deus não é considerado o Salvador e Senhor soberano, mas é apenas um enfeite na vida religiosa. Ele não governa, antes recebe ordens e deve atender os desejos das pessoas, se não elas mudam de Deus. “Porventura quereis também vós outros retirar-vos?” Que diferença da atitude de Pedro quando disse: “Senhor, para quem iremos? tu tens as palavras da vida eterna” (João 6.67, 68).

Estes elementos individualistas em um contexto pós-moderno desestimulam toda crítica e toda noção de moral, elevando o critério da satisfação pessoal ao fim último de toda e qualquer escolha. Cumpre afirmar para nós mesmos que o cristianismo é essencialmente uma fé sustentada no amor e na comunhão com Deus e com os irmãos, praticada no ‘uns aos outros’.

A igreja cristã tem um governo e uma missão claramente definidos. Seu governo é o Senhor e sua missão é glorificar a Deus e cumprir a sua vontade, tudo isto em consonância com a Palavra de Deus e sob a direção do Espírito Santo. Em um mundo que abriu mão do conceito de verdade, os verdadeiros cristãos devem vigiar a ‘fé que uma vez foi dada aos santos’. Conquanto o pós-modernismo apregoe o liberalismo de escolhas, há uma flagrante contradição: não há tolerância para quem discorda de seus pressupostos. Amorese diz que enquanto nós navegamos a favor da correnteza, tudo é liberal e aceitável, mas quando ousamos nos contrapor à correnteza, então o sistema mostra a sua força. O pós-modernismo inverteu a situação a tal ponto que, atualmente, quem defende posições morais e sustenta opiniões divergentes tornou-se minoria e não é tolerado na sociedade.

Schaeffer foi capaz de antever estes perigos claramente quando retratou o homem moderno como aprisionado na completa desesperança, advertindo a igreja quanto à necessidade de preservar a verdade do cristianismo e a pureza da fé cristã. Na verdade, considerando que o modernismo e o pós-modernismo se sobrepõem em boa parte do século XX, podemos dizer que Schaeffer tinha uma compreensão muito clara das conseqüências negativas do modernismo para o homem e seus dilemas existenciais. Por este ponto de vista, é possível

afirmar que tudo que ele refere à modernidade pode ser transposto para a pós-modernidade, apenas acrescido das conseqüências agravantes.

Schaeffer diz que quando a existência de um Deus infinito-pessoal é negada, não há como estabelecer a verdade, e o critério final são os sentimentos e as emoções pessoais. Mas se cremos em Deus, como a Bíblia o apresenta, um Deus infinito-pessoal, santo e amoroso, nós sabemos que ele ama o que é justo e odeia o pecado; sabemos que há certo e errado, verdade e mentira, luz e trevas. Portanto, se o pós-modernismo tem causado impacto tão difuso na sociedade em que vivemos, a mensagem e as advertências de Schaeffer são ainda mais pertinentes e relevantes para os verdadeiros cristãos chamados para servir a Deus no século XXI. [23]

²³ Sobre este assunto, ler também o artigo de Heber Carlos de Campos intitulado “O Pluralismo do Pós-Modernismo” em *Fides Reformata*, 1/2 (1997).

BIBLIOGRAFIA

SCHAEFFER, Francis A. The Mark of the Christian. Downers Grove, IL. InterVarsity Press. 1970.

SCHAEFFER, Francis A. O Deus que Intervém. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2002.

SCHAEFFER, Francis A. A Morte da Razão. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2002.

SCHAEFFER, Francis A. O Deus que se Revela. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2002.

SCHAEFFER, Francis A. Death in the City. Wheaton, IL, EUA. Crossway Books. 2002.

